

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

JULIANA BONETTI SIMÃO

**“A GENTE SE VÊ POR AÍ...”
MOTIVAÇÕES, ATITUDES E COMPORTAMENTOS DE HOMENS E MULHERES
HETEROSSEXUAIS ADULTOS SOBRE O SEXO SEM COMPROMISSO**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS**

**São Paulo
2017**

JULIANA BONETTI SIMÃO

**“A GENTE SE VÊ POR AÍ...”
MOTIVAÇÕES, ATITUDES E COMPORTAMENTOS DE HOMENS E MULHERES
HETEROSSEXUAIS ADULTOS SOBRE O SEXO SEM COMPROMISSO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Professora Doutora Liliana Liviano Wahba.

**São Paulo
2017**

JULIANA BONETTI SIMÃO

**“A GENTE SE VÊ POR AÍ...”
MOTIVAÇÕES, ATITUDES E COMPORTAMENTOS DE HOMENS E MULHERES
HETEROSSEXUAIS ADULTOS SOBRE O SEXO SEM COMPROMISSO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Professora Doutora Lílana Liviano Wahba.

Aprovada em:

Prof^a. Dr^a. Lílana Liviano Wahba – PUC-SP

Prof^a. Dr^a. Rosane Mantilla de Souza – PUC-SP

Prof. Dr. Waldemar Magaldi Filho - FACIS

Àqueles que despertaram em mim sonhos e transformaram esses sonhos na minha melhor inspiração.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e à Fundação São Paulo (Fundasp) pelo apoio financeiro que possibilitou a realização desta pesquisa.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Liliana Liviano Wahba, que me estimulou a estudar esse tema tão contemporâneo e pouco convencional e me ajudou a seguir em frente, enchendo-me de coragem e entusiasmo.

Aos membros da Banca Examinadora, Prof^a. Dr^a. Rosane Mantilla de Souza e Prof. Dr. Waldemar Magaldi Filho, pela valiosa contribuição para o aperfeiçoamento deste trabalho.

À minha analista Ana Luísa Ribeiro que, tendo despertado em mim o encanto pela Psicologia Analítica, é a principal responsável pelo caminho sem volta que optei trilhar.

Aos colegas de orientação, que me ajudaram com a maior disposição.

Aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis e apoiaram todos os meus projetos de vida.

Aos homens e mulheres que participaram da pesquisa que fundamenta este estudo.

RESUMO

SIMÃO, Juliana B. **“A gente se vê por aí...” motivações, atitudes e comportamentos de homens e mulheres heterossexuais adultos sobre o sexo sem compromisso.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

Este trabalho visou elucidar o que homens e mulheres heterossexuais adultos entendem por sexo sem compromisso. Consideraram-se as motivações, atitudes e comportamentos associados a essa prática como categorias de análises representativas do fenômeno. O embasamento teórico é o da Psicologia Analítica. Utilizou-se o método quantitativo e, como instrumento, questionário de autopreenchimento que foi distribuído e aplicado via internet. Participaram da pesquisa 74 mulheres e 61 homens de faixa etária entre 30 e 50 anos, nível de escolaridade médio ou superior e classe social média. A análise dos resultados mostrou que, no sexo sem compromisso, homens e mulheres possuem em comum o desejo pelo encontro e pelo prazer. Todavia, as expectativas femininas pela continuidade do vínculo se diferenciam significativamente das masculinas. Homens tendem a buscar relacionamentos somente passageiros significativamente mais do que as mulheres. Elas, por sua vez, demonstraram uma ambivalência com relação à vivência do sexo sem compromisso ao declararem que não criam expectativas de um relacionamento estável e, ao mesmo tempo, responderem que buscam no sexo casual troca afetiva e formação de vínculo. As respostas do grupo feminino também mostraram haver um envolvimento afetivo com o parceiro significativamente maior do que o demonstrado pelo grupo masculino. Identificou-se a presença de um duplo padrão no que diz respeito às expectativas sociais relativas a cada gênero. Contudo, ainda que subsistam alguns papéis tradicionais, os resultados levantados também evidenciam adultos que sinalizam uma mudança nas relações de gênero favorável à livre expressão de uma sexualidade modulada de acordo com as expectativas da contemporaneidade.

Palavras-chave: sexo sem compromisso, sexo casual, contemporaneidade, Psicologia Analítica

ABSTRACT

SIMÃO, Juliana B. **"See ya..." Motivations, attitudes and behaviors of heterosexual adult men and women about sex without commitment.** Dissertation (Master in Clinical Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

This paper aimed at clarifying what heterosexual men and women understand by sex without commitment. Motivations, attitudes and behaviors associated with this practice were considered as categories of analysis representative of the phenomenon. The theoretical basis is that of Analytical Psychology. The quantitative method was used. The research instrument was a self-completion questionnaire distributed and applied via the internet. The study was attended by 74 women and 61 men aged between 30 and 50 years old, that have completed at least the high school and belong to the social middle class. The analysis of the results showed that, in respect to sex without commitment, men and women share the desire for encounter and pleasure. However, women expectations for the continuity of the relationship differ significantly from those of men. Men tend to seek only transitory relationships significantly more than women. The female participants, in turn, have demonstrated an ambivalence regarding the experience of sex without commitment by stating that they do not create expectations of a stable relationship and at the same time responding that even in casual sex they seek affection sharing and the continuity of the relationship. In addition, the responses of the female group showed a significantly greater involvement with the partner than the male group. The presence of a double standard with respect to social expectations related to each gender was identified. However, even if some traditional roles remain, the results showed adults that signal a change in gender relations favorable to the free expression of a sexuality modulated according to the expectations of contemporaneity.

Key-words: sex without commitment, casual sex, contemporaneity, Analytical Psychology

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição da amostra por sexo	61
Gráfico 2 – Faixa etária por sexo	61
Gráfico 3 – Região de residência por sexo	62
Gráfico 4 – Local de residência por sexo.....	62
Gráfico 5 – Escolaridade por sexo.....	63
Gráfico 6 – Exercício de atividade remunerada por sexo	63
Gráfico 7 – Religião por sexo	64
Gráfico 8 – Filhos por sexo	64
Gráfico 9 – Relacionamento estável por sexo	65
Gráfico 10 – Tempo de relacionamento estável por sexo.....	65
Gráfico 11 – Tipo de união por sexo	66
Gráfico 12 – Com quem iniciou a vida sexual por sexo.....	66
Gráfico 13 – Prática do sexo sem compromisso com pessoas do mesmo sexo	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Questão 1	70
Tabela 2 – Questão 2	70
Tabela 3 – Questão 23	71
Tabela 4 – Questão 7	71
Tabela 5 – Questão 3	72
Tabela 6 – Questão 11	72
Tabela 7 – Questão 24	73
Tabela 8 – Questão 4	74
Tabela 9 – Questão 12	74
Tabela 10 – Questão 8	75
Tabela 11 – Questão 25	75
Tabela 12 – Questão 5	76
Tabela 13 – Questão 19	76
Tabela 14 – Questão 18	77
Tabela 15 – Questão 13	77
Tabela 16 – Questão 22	77
Tabela 17 – Questão 6	79
Tabela 18 – Questão 20	79
Tabela 19 – Questão 10	80
Tabela 20 – Questão 14	80
Tabela 21 – Questão 17	81
Tabela 22 – Questão 21	81
Tabela 23 – Questão 15	82
Tabela 24 – Questão 16	82
Tabela 25 – Questão 9	83
Tabela 26 – Questão 26	84
Tabela 27 – Questão 28	84
Tabela 28 – Questão 29	85
Tabela 29 – Questão 31	85
Tabela 30 – Questão 33	85
Tabela 31 – Questão 32	85
Tabela 32 – Questão 27	87

Tabela 33 – Questão 30	88
Tabela 34 – Questão 34	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DE PESQUISAS	16
2.1 Sexo sem compromisso: definições	16
2.2 Perspectivas teóricas.....	17
2.2.1 Constructos teóricos fundamentados pelo modelo evolutivo e biológico e os primeiros pesquisadores.....	17
2.2.2 Pesquisas fundamentadas pelo modelo histórico cultural	19
2.2.3 Pesquisas fundamentadas a partir da subjetividade individual e da formação da personalidade	25
3 RELAÇÕES ENTRE HOMENS E MULHERES NA CONTEMPORANEIDADE ..	30
3.1 Algumas mudanças na compreensão da sexualidade no ocidente.....	30
3.2 A mulher na contemporaneidade	33
3.3 O homem na contemporaneidade.....	36
3.4 Contemporaneidade: amor e sexo.....	39
4 SEXO, AMOR E EROS: UMA CONSTRUÇÃO TEÓRICA JUNGUIANA DA RELAÇÃO HOMEM E MULHER	44
4.1 Anima e animus na contemporaneidade	44
4.2 Projeções amorosas	46
4.3 Eros e fantasias eróticas	49
4.4 Encontros e desencontros: a demanda da clínica	51
5 OBJETIVOS.....	54
5.1 Objetivo geral	54
5.2 Objetivos específicos.....	54
6 MÉTODO.....	55
6.1 Caracterização do estudo.....	55
6.2 Participantes	55
6.3 Local da pesquisa	56
6.4 Instrumentos.....	56
6.4.1 Internet e Google Docs.....	56
6.4.2 Questionário	57
6.5 Procedimentos	57

6.5.1 Procedimento de seleção de amostra	57
6.5.2 Procedimento de aplicação	58
6.5.3 Procedimento de análise de dados	58
6.5.4 Procedimento ético.....	59
7 RESULTADOS	60
7.1 Dados de identificação	61
7.2 Categorias de análise.....	69
7.2.1 Motivações e atitudes.....	69
7.2.1.1 Subcategoria 1 – Envolvimento	69
7.2.1.2 Subcategoria 2 – Preferência e nível de satisfação	74
7.2.1.3 Subcategoria 3 – Vínculo.....	79
7.2.1.4 Subcategoria 4 – Duplo padrão sexual	80
7.2.1.5 Subcategoria 5 – Estímulo.....	82
7.2.2 Comportamentos	84
7.2.2.1 Subcategoria 1 – O parceiro para sexo sem compromisso	84
7.2.2.2 Subcategoria 2 – Outros comportamentos associados ao sexo sem compromisso.....	87
7.3 Síntese dos resultados	90
8 DISCUSSÃO	92
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
ANEXO.....	111
APÊNDICES	112
Apêndice A – Apresentação da pesquisa.....	112
Apêndice B – Dados de identificação.....	113
Apêndice C – Questionário.....	119

1 INTRODUÇÃO

*Então tá combinado, é quase nada.
É tudo somente sexo e amizade.
Não tem nenhum engano nem mistério.
É tudo só brincadeira e verdade.
Tá Combinado
Caetano Veloso*

Sexo sem compromisso/sexo casual é um termo genérico para definir tipos de relações sexuais que diferem umas das outras por nuances sutis e que vão desde um único encontro sexual até encontros repetitivos sem vínculo estável ou relacionamentos em que o vínculo existente é o da amizade – o sexo existe mediante uma combinação, implícita ou explícita, de que nada pode estragar essa afeição (JOCELYN e REISSING, 2011).

Um breve apanhado histórico-social deixa entrever as mudanças nas relações entre homens e mulheres e auxilia na compreensão das diferenças entre os gêneros com relação à vivência da sexualidade. O estudo das construções socioculturais que regem as relações de cada época demonstra que, durante muitos anos, até o século XVIII, várias civilizações se edificaram sobre a primazia do poder patriarcal (RAMOS et al., 2005), o que teria contribuído para o desenvolvimento de um duplo padrão sexual (BETTELHEIM, 1989). O conceito de duplo padrão sexual foi criado por Reiss (1964) para se referir a um conjunto de normas sociais que determinam a prática de comportamentos sexuais diferenciados para cada gênero, normas por meio das quais seria concedida aos homens uma maior liberdade sexual.

Por outro lado, historicamente, a aliança entre poder político e religião ditou a compreensão das representações a respeito da sexualidade e do significado que era dado ao ato sexual. Na Idade Média, a manutenção da sociedade acontecia em prol de uma organização no campo e era nesse contexto que os recursos monetários circulavam. Por causa disso, o sexo para procriação representava, além de uma questão religiosa, uma questão econômica, pois, quanto mais filhos, mais braços para a lavoura (STEARNS, 2010).

Especificamente no Brasil, no período colonial, a noção de privacidade se construía em um contexto de instabilidade econômica, política e estrutural. O sexo se submetia aos ritos e leis do grupo e a coletividade sobrepunha-se à individualidade. O poder da religião era onipresente nesse período, até o século XVIII e, por causa disso, o prazer era visto como pecado e o sexo era permitido apenas para procriação (DEL PRIORE, 2011).

Os questionamentos contra a “dupla moral sexual”, ou seja, a maior liberdade sexual masculina, somente se fortaleceram a partir do final do século XIX e início do século XX, com a ocorrência de acontecimentos sociais e políticos relevantes que modificaram a sociedade substancialmente, como, por exemplo, as guerras mundiais e a Revolução Industrial, que impulsionaram a mulher para o mercado de trabalho e, conseqüentemente, rumo à emancipação financeira, emocional e intelectual. (RAMOS et al., 2005).

Em meados do século XX, viviam-se os “anos dourados” no Brasil e, todavia, ainda se acreditava que ser mãe e dona de casa era o destino natural das mulheres. Já era possível perceber algumas mudanças na sociedade, porém as regras de relacionamento com o sexo oposto permaneciam mais ou menos inalteradas. Somente nos anos 60 e 70 é que a revolução sexual inaugurou um novo tempo para as relações de gêneros (DEL PRIORE, 2011). Não apenas mudaram os valores. O desenvolvimento de métodos contraceptivos mais seguros modificou o planejamento familiar e, com isso, o sexo desvinculou-se da procriação. Esses e outros fatores favoreceram o desenvolvimento de uma cultura pública mais livre de censura e mais aberta a diferentes expressões da sexualidade (STEARNS, 2010).

Paralelamente, de acordo com Shaffer (2008), o desejo sexual feminino passou a ser reconhecido e aceito, principalmente pelas próprias mulheres, o que tornou a busca do prazer um caminho para a satisfação individual. Segundo Tavares (2008), cresce, em consequência, a autonomia sexual feminina o que, no entanto, provocou uma dicotomia em termos dos afetos, uma vez que tal independência se contrapunha ao discurso do amor romântico e idealizado que ainda vigorava. Tendo em vista que, segundo esse autor, esse conflito ainda não encontrou uma via de solução, muitas mulheres continuam a se sentir confusas com relação à vivência de sua sexualidade vis-à-vis seus anseios por viver o romance. Nesse contexto afetivo e sexual ambivalente, surge uma nova personagem social feminina que é

independente e vive sua sexualidade de maneira livre, mas, ao mesmo tempo, sonha com o matrimônio.

De acordo com o estudo de Palacio (2014), porém, para a mulher moderna o relacionamento ideal não adere ao romantismo e nem ao vínculo sem compromisso, mas ao relacionamento psicológico baseado na integração consciente dos opostos. Para elas, as relações amorosas se configurariam a partir da elucidação de ganhos e conflitos, tais como: união-separação, conjugalidade-individualidade, sexo-amor, diferenciação-projeção, afinidades-diferenças, ideais-perdas e partilha-liberdade. No caso dos homens, Sandenberg apontava, em 1997, que os moldes patriarcais permanecem arraigados e servem como modelo para a construção de uma identidade masculina.

Faria (2003) concorda com Sandenberg (1997) ao afirmar que o homem, na pós-modernidade, é o resultado de mudanças individuais e coletivas que ainda não foram suficientes para desvincular as representações de masculinidade de um contexto patriarcal dominante. Lipovetsky (1997) assinala que o desejo de dominar, a necessidade de medir forças, o gosto de vencer por vencer continuariam mais interiorizados pelos homens do que pelas mulheres. O masculino afirmar-se-ia, desse modo, nos confrontos e na competição. A assim chamada crise da masculinidade é muito mais aparente do que um fenômeno social, pois, na sociedade atual, apesar de tantas transformações, o homem ainda seria uma referência de poder.

Segundo Del Priore (2011), a sociedade patriarcal, que antes reprimia o sexo, atualmente o ostenta. Expõe-se a sexualidade o quanto for possível por meio de redes sociais e da mídia, em uma atitude exibicionista. A autora pondera que se vive em uma cultura narcisista e confessional em que corpo e alma tornaram-se material para divulgação. O sexo passou de reprimido e disciplinado para instrumento de emancipação e igualdade a partir dos anos 70 e 80 e, agora, torna-se, também, um aliado do consumo e do hedonismo. O fato é que as relações estão em plena transformação.

Em vista do que foi exposto, a escolha do tema de pesquisa “Motivações, atitudes e comportamentos de homens e mulheres heterossexuais adultos sobre o sexo sem compromisso” justifica-se por se tratar de um dos aspectos das mudanças identificadas no campo afetivo e sexual e vivenciadas na atualidade. Todavia, apesar dessas transformações, são escassos os registros que tratam o assunto do sexo

sem compromisso no Brasil, em quase todas as áreas do conhecimento e, principalmente, no campo da Psicologia Analítica, cujo corpo teórico constitui um dos embasamentos deste estudo, mas que pouco aborda questões referentes à sexualidade de uma forma geral e, menos ainda, à temática ora proposta. Soares (2011) confirma essa constatação ao afirmar que pouca importância é dada à sexualidade nos núcleos de formação em Psicologia Analítica no Brasil. Entretanto, é válido lembrar que isso está mudando, pelo menos internacionalmente: teóricos como Colman (1998), Young-Eisendrath (1997), entre outros, dedicam-se, cada vez mais, ao estudo das questões da sexualidade.

Por outro lado, no que diz respeito às pesquisas existentes, a prática do sexo sem compromisso, quando retratada, aparece com frequência em trabalhos norte-americanos e canadenses – com adolescentes e adultos jovens –, que sugerem que tal fenômeno é um comportamento comum nessa população e indicam novos arranjos afetivos típicos da contemporaneidade. São escassos, contudo, os relatos científicos que envolvam pessoas com idades entre 30 a 50 anos, de classe social média. Para Papalia e Feldman (2013), esse intervalo abrange o estágio de vida adulto jovem e vida adulta intermediária, período em que o indivíduo começa a assumir responsabilidades – em geral, a pessoa busca o desenvolvimento de uma identidade estável, já tem um direcionamento proposto e consegue avaliar se encontrou um norte, ou não.

Entende-se, assim, que a presente pesquisa torna-se pertinente para a compreensão e o entendimento do sexo sem compromisso a partir do arcabouço teórico junguiano. Escolheu-se trabalhar com a faixa etária dos 30 aos 50 anos, em razão da escassez de estudos sobre essa população. Adicionalmente, o interesse em estudar esse fenômeno nessa população reforçou-se com a experiência em consultório da pesquisadora no atendimento a pessoas com esse perfil que se queixam de insatisfação sexual e solidão.

O estudo objetivou, portanto, contribuir para a elucidação do que homens e mulheres heterossexuais adultos entendem por sexo sem compromisso/sexo casual, com base na identificação das motivações, atitudes e comportamentos envolvidos, que foram levantados por meio de questionário específico.

Na apresentação que se segue, o detalhamento dos objetivos, do método utilizado e dos resultados obtidos será precedido pelo levantamento de pesquisas recentes e da literatura sobre o tema. Na revisão de pesquisas, procurou-se clarificar

como o sexo sem compromisso é definido, bem como identificar as perspectivas teóricas que guiaram os estudos encontrados. Na revisão da literatura, o foco recaiu sobre os trabalhos que permitissem a compreensão das relações entre homens e mulheres na contemporaneidade. Tendo em vista o arcabouço teórico em que este trabalho se baseia, procurou-se explorar conceitos da Psicologia Analítica que contribuíssem para a compreensão dos resultados encontrados.

Espera-se que a discussão dos resultados obtidos, apresentada ao final do trabalho, possa contribuir para ampliar o entendimento de uma das formas contemporâneas de expressão da sexualidade humana e para o enriquecimento da prática clínica, bem como se constitua em estímulo para futuras pesquisas sobre o tema.

2 REVISÃO DE PESQUISAS

A busca por pesquisas atuais pertinentes ao tema aqui proposto se deu, principalmente, por meio eletrônico. Foi consultada a Biblioteca Virtual em Saúde – Bireme, utilizando como base de dados a Medline, Lilacs, Ciências da Saúde e Ciências Sociais em geral; os periódicos da CAPES, a plataforma de pesquisa *online* da *Web of Science*; os dados estatísticos do IBGE e os catálogos *online* da biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, e Universidade de São Paulo – USP. Para tanto, foram introduzidas as seguintes palavras-chave: sexo sem compromisso/sexo casual, sexo sem compromisso/sexo casual e relacionamento afetivo, sexo sem compromisso/sexo casual e amizade, e seus correlatos em inglês: *casual sex*, *casual sex and “booty-call”*, *casual sex and “friends with benefits”*, *casual sex and romantic relationship*.

2.1 Sexo sem compromisso: definições

Para identificar o que se entende por sexo sem compromisso/sexo casual, buscou-se, na literatura, as definições existentes que serão utilizadas neste trabalho, a fim de embasar a compreensão do fenômeno e delimitar motivações, atitudes e comportamentos.

Há três tipos de relação sexual casual/sexo sem compromisso: o primeiro tipo foi denominado: “de uma noite só”, ou seja, um relacionamento em que se conhece alguém e se pratica o sexo somente naquela noite. O segundo tipo é a relação “*saque-call*” ou “*booty-call*”, que se define a partir do momento em que se repetem encontros sexuais com a mesma pessoa, mas há pouco mais do que isso em termos de um relacionamento. Essa nomenclatura refere-se a uma gíria norte-americana em que o acesso ao parceiro acontece por intermédio de uma chamada telefônica – uma gíria brasileira que se aproxima da definição de “*booty call*” seria “sexo delivery”. Por último, a relação denominada “amigos-com-benefícios”, aquele em que o casal pratica o sexo, mas também faz coisas não-sexuais em um contexto social e público (JONASON et al., 2014) – uma gíria brasileira que corresponde,

aproximadamente, ao termo “amigos-com-benefícios” seria “amizade colorida”.

Segundo Jonason et al. (2014), a “*booty-call*” envolve a solicitação de um parceiro em curto prazo com a intenção explícita, ou implícita, de se envolver em atividade sexual. Diferentemente do relacionamento “de uma noite só”, a “*booty-call*” envolve uma amizade subjacente, tem algum investimento e longevidade e se caracteriza por atos emocionalmente íntimos. Ainda de acordo com esses autores, a relação “amizade-com-benefícios” tem uma conotação mais positiva e se diferencia da “*booty-call*” uma vez que esta tem uma conotação mais negativa.

2.2 Perspectivas teóricas

O presente trabalho subdivide as pesquisas levantadas em três perspectivas teóricas: o modelo evolutivo que engloba questões biológicas; o modelo que explica a prática do sexo sem compromisso/sexo casual utilizando a psicologia social associada à construção da cultura; e o modelo que explica o fenômeno a partir da formação da personalidade e subjetividade do indivíduo.

2.2.1 Constructos teóricos fundamentados pelo modelo evolutivo e biológico e os primeiros pesquisadores

Apesar de esta pesquisa não adotar a perspectiva da teoria evolucionista e biológica para explicar as diferenças de gêneros com relação à prática do sexo sem compromisso/sexo casual, por ser determinista e desconsiderar o contexto social, essa teoria será apresentada para compor o contexto histórico.

Alguns teóricos iniciaram os estudos referentes ao tema proposto e foram inspiração para pesquisas mais recentes. Symons (1979), por exemplo, amparou sua argumentação, utilizando ou revisando o constructo teórico da teoria sexual evolucionista. De acordo com seus estudos, homens e mulheres buscaram objetivos diferentes quando o assunto era sexo – homens teriam maior inclinação para as relações passageiras e maior necessidade em variar de parceira, pois, num passado

distante, tiveram mais benefícios em termos de reprodução, o que lhes permitia agirem assim. Seguindo a linha de raciocínio do constructo teórico evolucionista, a relação sexual para uma mulher seria mais comprometedora, pois ela poderia engravidar, o que teria um custo físico evidente.

Do ponto de vista biológico, Cahill (2014) argumenta que, apesar dos esforços mundiais em propagar a igualdade dos gêneros, homens e mulheres são diferentes em vários aspectos, inclusive no que se refere ao sexual. A testosterona é o principal hormônio masculino e está presente na mulher, mas em uma concentração muito menor (RUIGROK et al., 2014). Em uma revisão de artigos publicados de 1975 a 1992, Mulligan & Schmitt (1993) concluiu que a testosterona aumenta o interesse sexual e a frequência de relações sexuais.

A fim de estudar o fenômeno do sexo sem compromisso, os pioneiros Clark e Hatfield (1989) realizaram dois estudos quantitativo (1978 e 1982) com estudantes universitários. Em ambos, solicitaram a estudantes universitários, alunos de curso de sociologia, que atuassem como experimentadores. Essas pessoas tinham ao redor de 22 anos de idade e haviam se apresentado como voluntários para atuar na pesquisa. Deveriam se aproximar de outros estudantes no campus universitário, a quem não conhecem, de sexo oposto ao do experimentador e que, na ocasião estivessem desacompanhados, com a seguinte abordagem: “Há dias que eu observo você no campus e acho você muito atraente”. A seguir, deveriam fazer as seguintes perguntas: “Você aceita sair comigo esta noite?”; “Você aceita vir ao meu apartamento esta noite?”; “Você quer ir para cama comigo esta noite?”. A constatação de ambos os estudos foi a mesma: homens e mulheres respondiam, no mais das vezes, de forma diferente às perguntas. Enquanto a proporção de homens e mulheres que aceitavam encontros com o desconhecido foi semelhante (ao redor de 50% nas duas edições da pesquisa), os homens mostraram-se muito mais dispostos a: (a) ir ao apartamento do desconhecido (69% contra 6% das mulheres, em 1978, e 69% contra 0% em 1982) e (b) aceitar o convite para uma relação sexual (75% contra 0% das mulheres, em 1978, e 69% contra 0% em 1982). Embora naturalistas e arriscados, esses estudos foram de grande relevância, tendo sido base para outros que repetiram sua metodologia, mas em laboratório e com o consentimento dos participantes.

2.2.2 Pesquisas fundamentadas pelo modelo histórico cultural

De acordo com o levantamento teórico feito por Poeschl et al. (2003), a psicologia social considera que as diferenças entre os sexos são produtos da interação entre as pessoas. Sem negar a influência da biologia, considera-se que homens e mulheres têm um repertório de comportamento praticamente igual, mas as expectativas em relação à maneira como cada um deve se comportar produzem “scripts interacionais” que selecionam comportamentos diferentes.

A questão dos estereótipos pode ser um reforçador, ou não, do comportamento sexual casual, como afirmou o estudo do Instituto Superior de Psicologia Aplicada de Lisboa, coordenado por Ramos et al. (2005), que investigou a presença do “duplo padrão sexual” – conjunto de normas sociais que determinam a prática de comportamentos sexuais diferenciados para cada gênero – em uma amostra de 142 participantes do sexo feminino, solteiras, estudantes da faculdade, com idades entre 18 e 24. Foi aplicado um questionário, organizado segundo as dimensões de avaliação do duplo padrão sexual.

De acordo com os resultados, a maioria considerou que as mulheres que tiveram muitos parceiros seriam julgadas mais severamente pela sociedade do que os homens. Com relação à liberdade sexual, a amostra não variou – acredita-se que homens e mulheres têm liberdade sexual. A maioria julgou positivamente um homem e uma mulher que tenham tido relações sexuais protegidas com alguém que acabaram de conhecer; e, negativamente, homens e mulheres que se deslocavam a um bar apenas com o intuito de conhecer um parceiro com quem pudessem ter relações sexuais.

Com relação ao número de parceiros (as), a maioria das participantes utilizou palavras com conotação negativa para caracterizar ambos os gêneros. As palavras mais atribuídas à mulher foram: emocionalmente instável ou inconstante. Para caracterizar o homem, as palavras mais usadas foram: fogoso, garanhão e mulherengo. A maioria das jovens afirma não estar preocupada com a sua reputação sexual. Quando perguntadas se revelavam ao novo parceiro aspectos sobre a sua vida sexual passada, verificou-se que a maioria afirmou revelar o número de parceiros que tiveram anteriormente. A pesquisa confirmou que, segundo a percepção das participantes, haveria um duplo padrão sexual no contexto social, isto

é, as entrevistadas identificavam a existência de regras e normas que configuram e apoiam comportamentos sexuais diferenciados para homens e mulheres.

De forma similar e com o mesmo objetivo de investigar a presença do “duplo padrão sexual”, Conley et al. (2012) utilizaram quatro estudos (1a, 1b, 2a, 2b) com uma amostra quantitativa de 3.000 participantes americanos de ambos os sexos, com idades entre 18 e 74 anos. O estudo 1a mostrou que mulheres que aceitavam fazer sexo sem compromisso/sexo casual eram avaliadas negativamente se comparadas aos homens. O estudo 1b demonstrou que as mulheres eram menos propensas a aceitar a oferta de sexo sem compromisso/sexo casual se comparadas aos homens, e que possíveis julgamentos negativos por fazerem sexo sem compromisso/sexo casual explicariam as diferenças de gênero.

O estudo 2a constatou, a partir de recordações de propostas reais da vida das participantes, que mulheres eram percebidas negativamente por aceitarem praticar sexo sem compromisso/sexo casual. O estudo 2b constatou que o medo do estigma explicava as diferenças de gênero. Isso quer dizer que estereótipos endossam a ideia de que mulheres devem expressar sua sexualidade de forma mais contida que a dos homens, e que elas são julgadas mais severamente, por ambos os sexos, com relação ao seu comportamento sexual. Elas podem antecipar consequências negativas por aceitarem sexo sem compromisso/sexo casual e, em contrapartida, os homens podem antecipar consequências negativas por recusarem sexo sem compromisso/sexo casual, dado esse que explica parcialmente a maior probabilidade de homens se envolverem nesse tipo de relacionamento. Os resultados finais constataram que a mulher se percebe menos inteligente, mais promíscua, sexualmente inadequada e sexualmente desesperada por aceitar a oferta de sexo sem compromisso/sexo casual enquanto os homens, quando recusam tal oferta, percebem-se pouco viris e temem uma percepção negativa feminina.

Couto et al. (2013), em pesquisa qualitativa, descritiva e analítica, analisaram a influência da Cibercultura na promoção de encontros afetivos e sexuais a partir do uso de aplicativos de relacionamento. Creditam ao mundo contemporâneo o comportamento de sexo sem compromisso/sexo casual. A conclusão é a de que se vive em uma sociedade que estimula o espetáculo, a visibilidade, o hiperconsumo da cultura digital e a máxima exposição dos corpos em busca de prazeres imediatos e fugazes. Segundo esses autores, os relacionamentos seguem o ritmo da tecnologia

e são norteados pelo consumo voraz capitalista e, conseqüentemente, pela descartabilidade do outro.

Jota (2008) acredita que a prática do sexo sem compromisso/sexo casual por mulheres mobiliza questões subjetivas femininas próprias da contemporaneidade. A partir de análises bibliográficas e de trabalho de campo com mulheres, buscou depoimentos sobre a prática do sexo sem compromisso em duas revistas populares femininas – *Cláudia* e *Marie Claire* – e uma masculina – *Revista Um*. A pesquisa mostrou que o discurso das revistas enfatiza o surgimento de uma nova mulher que busca usufruir dos privilégios da falta de compromisso antes permitida somente aos homens.

Posteriormente, esse autor realizou entrevistas semiestruturadas com sete mulheres, entre 20 e 30 anos, em dois ambientes públicos diferentes: um bar e uma universidade em Brasília. Constatou, inicialmente, que os discursos colhidos nas revistas não coincidiam com o discurso das mulheres entrevistadas. A pesquisa de campo revelou mulheres que fazem sexo sem compromisso/sexo casual, mas que preferem fazer sexo com um parceiro fixo com quem tenham intimidade. Além disso, as participantes da pesquisa veem a prática do sexo sem compromisso/sexo casual como um movimento de estar em busca de um namorado.

Lyons et al. (2013) constataram que o nível de instrução dos indivíduos pode determinar uma maior tendência à prática. De acordo com sua pesquisa, há fatores preditores da probabilidade de uma maior prática do sexo sem compromisso/sexo casual entre jovens adultos. Os resultados desse estudo quantitativo e longitudinal com uma amostra em torno de 1000 participantes mostraram que jovens que não tinham o ensino médio ou não entraram na faculdade tinham mais parceiros e faziam mais sexo sem compromisso/sexo casual.

Outro fator externo são as novas formas de vinculação decorrentes de uma sociedade moderna, tecnológica e resolutiva. Essas relações incorporam a confiança e conforto, ao mesmo tempo em que evitam o compromisso romântico, como por exemplo, a relação do tipo “os amigos com benefícios” muito bem caracterizado nas pesquisas de Olmstead et al. (2013), Bisson e Levine (2009) e Furman e Shaffer (2011).

Olmstead et al. (op. cit.) utilizaram uma amostra de 200 adultos estudantes do sexo masculino em sua pesquisa, cujo objetivo era entender o significado que os participantes davam ao sexo na relação casual denominada

amizade com benefícios. Usaram o método qualitativo e realizaram uma análise de conteúdo das respostas escritas. Três grupos surgiram: *committers* (comprometidos), *flexibles* (flexíveis) e *recreationers* (recreativos). Na amostra, 46% dos pesquisados descreveram o sexo como uma experiência significativa, uma expressão de amor e uma demonstração de compromisso que deve ser reservada para aqueles que queiram se envolver em algum tipo de vínculo (*committers*); 41% descreveram o sexo de duas formas – como expressão de amor e como busca de prazer – o que significaria que sexo e compromisso podem estar relacionados, mas não precisa ser assim necessariamente (*flexíveis*); e 12% descreveram o sexo, principalmente, como entretenimento (*recreationers*).

A pesquisa realizada por Bisson e Levine (2009), dividida em dois estudos, também analisou o significado que participantes de ambos os sexos atribuíam ao tipo de relação casual denominado amizade com benefícios e a prevalência dessa amizade nos relacionamentos entre os indivíduos. O estudo 1 contou com um total de 125 participantes – 65 mulheres e 60 homens, estudantes universitários com idades entre 18 a 40 anos. O procedimento envolveu a resposta a quatro questões abertas. Os resultados mostraram que 60% – 40 homens e 35 mulheres – dos participantes tiveram esse tipo de envolvimento e 36% – 17 homens e 10 mulheres – estavam envolvidos com esse tipo de relação no momento da pesquisa.

Em termos de atitude, 81% – 34 homens e 26 mulheres – acreditavam que podiam continuar apenas amigos depois da relação sexual e 14 participantes – 5 homens e 9 mulheres – que não era possível continuar amigos. O estudo 2 contou com uma amostra de 90 estudantes – 47 mulheres e 43 homens –, com idades que variavam de 18 a 31 anos. Empregou-se um questionário com perguntas abertas e fechadas a respeito da maneira como os participantes negociavam seus relacionamentos do tipo “amigos com benefícios”. A maioria indicou que não existia nenhuma regra básica. Na “Escala do Amor”, a intimidade foi significativamente maior do que “paixão e compromisso”, mas paixão e compromisso não foram, significativamente, diferentes entre si. Os autores concluíram que as relações sexuais entre amigos é algo antigo, mas o rótulo “amigos com benefícios” é algo recente. Os indivíduos que nunca tiveram um amigo com benefícios acreditam que amizade

e sexo são incompatíveis, e aqueles que já viveram a experiência acreditam que sexo com amigos acontece e pode acontecer. A principal vantagem é que o sexo é recreativo e não exclusivo, e a desvantagem é que o sexo pode estragar a amizade por mobilizar sentimentos incongruentes, como por exemplo, “tesão” e desejo por compromisso.

Furman e Shaffer (2011) fizeram uma pesquisa com 163 adultos jovens, com o objetivo de fornecer um exame detalhado do comportamento sexual com diferentes tipos de parceiros. Os pesquisadores pediram que os participantes de ambos os sexos descrevessem sua atividade sexual com “amigos com benefícios” bem como amigos em geral. Dados de entrevistas e questionários revelaram que amigos com benefícios eram normalmente amigos, mas não necessariamente. Atividades não sexuais também eram menos comuns com amigos com benefícios do que outros amigos. Os resultados demonstraram o quanto é importante compreender os diversos tipos de parcerias.

As relações “*booty-call*” igualmente ilustram um novo tipo de vínculo e foram retratadas na pesquisa de Jonason et al. (2009). São relacionamentos que envolvem a solicitação de um parceiro com a intenção explícita, ou implícita, de envolvimento em atividade sexual casual/sem compromisso. O acesso ao parceiro acontece por intermédio de uma chamada telefônica, o que justifica a nomenclatura atribuída. Os autores examinaram as diferenças de gênero na frequência de iniciar e receber a “*booty-call*”, a importância da atratividade física e o uso de tecnologias como meio de comunicação. Por meio de questionários e de uma amostra de 61 alunos de graduação, dos quais 69% eram mulheres, pediram que os participantes informassem a frequência com que iniciaram ou receberam o convite e o veículo utilizado: *e-mail*, *chat*, telefone etc. O resultado foi que as mulheres receberam mais convites que os homens. A razão para se aceitar e rejeitar um convite foi atração física e o telefone foi o veículo mais comum utilizado.

Na segunda etapa do estudo, com uma amostra de 75 participantes de ambos os sexos e o uso de questionários, os autores examinaram as diferenças entre homens e mulheres com relação às motivações para aceitar e negar a “*booty-call*”, e as diferenças entre homens e mulheres que justificassem o fato de uma “*booty-call*” não ter se transformado em um relacionamento sério.

Os resultados mostraram que homens eram mais propensos que as mulheres a relatar que não aconteceu uma transição para algo mais sério porque estavam

interessados apenas no sexo, e as mulheres eram mais propensas a informar que a transição não aconteceu porque a outra pessoa não queria um relacionamento de longo prazo. A pesquisa concluiu que os resultados do estudo permitem uma compreensão diferente dos relacionamentos amorosos e sexuais com relação às motivações, específicas de cada gênero, que subjazem à prática dessa modalidade de sexo sem compromisso. De acordo com o estudo, as mulheres participantes estavam interessadas em uma transição para algo mais sério e os homens, não.

A influência sociocultural pode produzir efeitos emocionais positivos e negativos, dependendo da maneira como cada indivíduo e seu grupo compreende a sexualidade. Vrangalova e Ong (2014) avaliaram esse impacto na personalidade de jovens estudantes de ambos os sexos após fazerem sexo sem compromisso/sexo casual. Considerando intervalos de doze semanas, um semestre e um ano letivo, o estudo avaliou o quanto a “*sociosexuality*” – maior disponibilidade para relações sem compromisso – gerava impactos emocionais nos jovens, o quanto interferia no bem-estar psicológico e seu efeito na autoestima, na satisfação com a vida, na depressão e na ansiedade.

Os resultados apontaram que os indivíduos que têm uma orientação sexual mais liberal, fruto de uma cultura orientada para a “*sociosexuality*”, estão mais dispostos a ter sexo sem compromisso/sexo casual e se sentem confortáveis em relacionamentos sexuais sem amor, compromisso ou proximidade. Poucas diferenças de gênero foram encontradas.

Kimmel (2013) estudou a cultura do *hook-up* que, para o autor, é um termo vago, mas serve para nomear um tipo de encontro sexual, que ocorre só uma vez e que pode ou não ter intercursos sexuais. Essa seria uma situação diferente daquela em que casais se encontram somente para transar e de amigos com benefícios.

Segundo um levantamento de dados online sobre o *hook-up*, há uma grande diferença em relação ao orgasmo entre homens e mulheres. Na mais recente amostra, somente 19% das mulheres tiveram orgasmo contra 44% dos homens. Quando questionadas se o parceiro teve orgasmo no último *hook-up*, a estimativa feminina coincidiu com o relato masculino, mas os homens parecem terem tido uma percepção superestimada do prazer de suas parceiras. Isso significa que ou os homens não são sensíveis e perceptivos ou as mulheres fingem, ou ambos. Durante a entrevista, as mulheres disseram que às vezes fingem para dar a impressão de que eles tiveram uma boa performance ou para acabar logo e sentir alívio.

Os trabalhos selecionados acima demonstram que a cultura e a sociedade exercem influência nas motivações, nas atitudes e nos comportamentos individuais e coletivos a respeito da sexualidade e, especificamente, do sexo sem compromisso/sexo casual. A presente pesquisa levará em conta tais fatores acrescidos, no entanto, da perspectiva subjetiva da pessoa envolvida.

2.2.3 Pesquisas fundamentadas a partir da subjetividade individual e da formação da personalidade

Os artigos subsequentes justificam a prática do sexo sem compromisso/sexo casual por meio da compreensão que cada indivíduo tem do fenômeno, a partir de sua personalidade e subjetividade, isto é, o entendimento, as motivações, as atitudes e os comportamentos em torno do assunto estariam fundamentados na maneira como cada um compreende a realidade subjetivamente.

Na pesquisa de Jonason et al. (2014), os autores afirmaram que traços de personalidade e diferenças individuais são importantes para a compreensão de vários aspectos da sexualidade humana e da forma como as pessoas se relacionam. De acordo com os estudos coletados pelos autores, o apego inseguro, a psicopatia e o narcisismo estão associados aos comportamentos de relacionamentos sexuais casuais. Ainda nessa pesquisa, a partir da seleção de uma amostra composta por 281 participantes americanos (36% do sexo masculino), com idade entre 17 e 76 anos, os resultados mostraram que indivíduos com atitudes seguras sobre o amor expressaram aversão a relações casuais, e aqueles com atitudes mais instáveis nas relações apresentaram maior envolvimento em relacionamentos casuais.

O trabalho apresentou as definições de apego – seguro, preocupado ou evitativo – que se estabelece por meio das atitudes com relação ao amor – inconstante, casual ou desinteressado. Enquanto o tipo de apego seguro refere-se a indivíduos que se sentem confortáveis tanto com relação à proximidade emocional quanto com a independência, o tipo de apego preocupado refere-se àqueles que desejam uma grande proximidade e elevado nível de ansiedade quanto ao abandono; o tipo de apego evitativo, àqueles que desejam independência e evitam a intimidade. Pareado ao tipo de apego tem-se às atitudes com relação ao amor que

se definem como: O estilo de amor inconstante que referem-se a pessoas que mudam de opinião frequentemente, o estilo de amor ocasional, por sua vez, diz respeito a pessoas que preferem relacionamentos fáceis e o estilo de amor desinteressado, a pessoas que se interessam por muitas outras coisas antes do interesse sexual. A pesquisa concluiu que há, atualmente, variações de tipos de relacionamentos, o que significa que algumas formas de vinculação precisam ser compreendidas e não limitadas e rotuladas.

A pesquisa realizada por Jonason (2013) com uma amostra de 192 pessoas, das quais 124 mulheres e 68 homens constatou que existe uma função de gratificação emocional na decisão dos indivíduos em se envolverem em cada categoria de relacionamento, tais como: amigos com benefícios, “*booty-call*”, “por uma noite apenas” ou relacionamentos sérios. A partir dos resultados encontrados, o autor afirma que os relacionamentos sérios são usados para obter apoio emocional; amigos com benefícios, como um ensaio para um relacionamento sério; e a “*booty-call*” e “por uma noite apenas”, como gratificação sexual, principalmente para homens. O autor concluiu que homens atribuem uma gama maior de razões para se envolverem em relações sexuais casuais do que as mulheres.

Conley (2011) constatou que é o sentimento de bem-estar ou desconforto vivenciado pelo indivíduo abordado que determina a aceitação da oferta do sexo sem compromisso/sexo casual. O autor utiliza o clássico estudo Clark e Hatfield (1989) que demonstrou que os homens eram propensos a aceitar uma oferta sexual ocasional de uma assistente de pesquisa, ao passo que as mulheres pesquisadas nunca aceitaram a proposta do assistente homem. Essa pesquisa forneceu uma explicação mais detalhada das diferenças de gênero na aceitação do sexo sem compromisso/sexo casual por meio de quatro experimentos, dentre os quais somente dois interessam aqui nesta pesquisa: 1) avaliação das impressões de mulheres e homens que propuseram um encontro sexual ocasional da mesma maneira que Clark e Hatfield (1989) fizeram – o autor demonstrou que as grandes diferenças de gêneros obtidos a partir do estudo original de Clark e Hatfield poderiam ser eliminadas pedindo aos participantes para imaginar propostas de indivíduos atraentes e pouco atraentes, famosos, amigos e pessoas do mesmo sexo. 2) avaliação dos fatores associados à probabilidade de concordar com a proposta de sexo sem compromisso/sexo casual. À medida que as mulheres e os homens acreditavam que o ofertante seria sexualmente hábil, era provável que os

participantes aceitassem praticar sexo sem compromisso/sexo casual com essa pessoa.

As conclusões globais sugerem que as grandes diferenças encontradas entre homens e mulheres na pesquisa de Clark e Hatfield (op.cit.) podem ter mais a ver com as características de personalidade percebidas por elas a respeito do ofertante do sexo masculino do que com diferenças de gênero. Conley (2011) constatou, entre outros pontos, que a percepção de características emocionais, como, por exemplo, um possível desequilíbrio ou características agressivas daquele que aborda, pode ser um impeditivo para mulheres aceitarem o sexo sem compromisso/sexo casual. Foi observado também que mulheres aceitam mais o sexo sem compromisso/sexo casual quando percebem aquele que as aborda como sexualmente capaz, ou seja, “bom de cama”.

Jonason et al. (2012) correlacionaram traços de caráter como narcisismo e psicopatia como fatores que influenciam as preferências masculinas por relacionamentos casuais. Realizaram um estudo quantitativo com 210 participantes, dos quais 119 mulheres e 91 homens, com idades entre 18 a 68 anos. Os participantes receberam definições de relacionamentos; 1) uma noite apenas; 2) “*booty-call*”; 3) amigos com benefícios; e, 4) relacionamento romântico. Os participantes teriam que pontuar de acordo com a sua percepção, de modo a avaliar o tipo de estratégia de acasalamento. Foram convidados a imaginar suas vidas projetando um relacionamento ideal com os quatro relacionamentos diferentes.

No geral, os traços de narcisismo e psicopatia foram positivamente correlacionados com preferências para relacionamentos casuais e uma correlação negativa com preferências para relacionamentos de longa duração. Especificamente, o narcisismo foi correlacionado com preferências para encontros de uma noite só e para relações do tipo amizade com benefícios, e a psicopatia correlacionada com preferências para relações chamadas “*booty-call*”. Narcisismo e psicopatia foram negativamente correlacionados com preferências para relacionamentos românticos. O trabalho concluiu que houve maior prevalência masculina por relacionamentos casuais do que femininas.

Em outro estudo, autores confrontam resultados alcançados com aqueles obtidos pela pesquisa anterior. Carter et al. (2014), por exemplo, questionaram a associação apontada e embasaram seu estudo no argumento de que núcleos narcísicos e psicopáticos eram insuficientes para explicar uma possível preferência

de homens por relações breves, constituindo um exemplo de crítica ao preconceito em pesquisas. Ao replicar um estudo similar, os autores examinaram a prevalência desses traços de caráter em uma amostra de 899 participantes. Os autores encontraram diferenças no que se refere a sensações sexuais e motivação sexual. Os pesquisadores propuseram que a associação do narcisismo e da psicopatia ao relacionamento casual nos homens havia sido exagerada, e que a maior preferência de homens por encontros sexuais sem compromisso não seria explicada por tais características.

Bersamin et al. (2014) demonstraram que existe uma associação entre os efeitos da prática sexual casual na personalidade dos indivíduos que influencia positivamente, ou negativamente, o bem-estar, de acordo com a identidade e cultura de cada um. Os autores utilizaram uma amostra multiétnica e heterossexual de estudantes adultos universitários com idades entre 18 e 25 anos, em 30 instituições nos Estados Unidos. Fizeram uma avaliação transversal que associou a prática sexual casual com o bem-estar e/ou sofrimento psíquico. Os resultados encontrados foram que, em comparação com as mulheres, a maioria dos homens relatou ter tido mais sexo sem compromisso/sexo casual no mês anterior à avaliação. A partir da avaliação transversal, foi constatado que sexo sem compromisso/sexo casual foi negativamente associado ao bem-estar e positivamente associado ao sofrimento psíquico.

Os trabalhos descritos acima ilustram uma leitura do fenômeno voltada para motivações, atitudes e comportamentos individuais e mostram que, apesar da coletividade, há uma construção subjetiva em torno do assunto, pautada nas relações do indivíduo para com o mundo.

Percebeu-se, nas pesquisas com perspectiva social, que as diferenças entre os gêneros com relação à sexualidade são construídas culturalmente e, nas pesquisas com perspectiva subjetiva, que as atitudes, motivações e comportamentos sobre sexo sem compromisso são implicações do mundo interior de cada um e, muitas vezes, não contrastam com a cultura.

Considerando as diversas pesquisas consultadas, o presente trabalho priorizou o enquadre teórico-subjetivo, com destaque para os autores junguianos e aqueles da Psicologia Histórico-cultural.

A seguir, serão apresentados os capítulos teóricos que versam sobre as relações entre homens e mulheres no mundo atual, com destaque para algumas

mudanças históricas que afetaram a compreensão da sexualidade no Ocidente, influenciaram o comportamento de homens e mulheres contemporâneos e impactaram a vivência do amor e do sexo na atualidade. Na sequência, apresentam-se os conceitos da Psicologia Analítica que embasam este trabalho – anima e animus, projeção amorosa e fantasia – discutindo-os à luz da contemporaneidade e os relacionando com a demanda presente na clínica nos dias de hoje.

3 RELAÇÕES ENTRE HOMENS E MULHERES NA CONTEMPORANEIDADE

[...] hoje, a relação entre os sexos, na intimidade ou fora dela, está em plena transformação. Resta saber aonde ela nos levará...
Mary Del Priore

3.1 Algumas mudanças na compreensão da sexualidade no ocidente

Aparentemente, o século XX foi o período histórico marcado pela descoberta do prazer feminino independentemente das questões do coração, o que contribuiu para modificar as relações entre homens e mulheres propiciando uma maior simetria nas relações entre os gêneros. Tal descoberta decorreria, em parte, dos questionamentos a respeito da sexualidade humana, em especial a feminina.

Um autor que traçou o percurso da sexualidade no ocidente foi Michel Foucault (1977), com a trilogia *A história da sexualidade*, em que afirmou que, a partir do século XVII, ocorreu uma grande explosão discursiva em torno e a propósito do sexo. Entretanto, Foucault pontua que a sexualidade surge como um assunto a ser tratado cientificamente somente no século XIX e se relaciona às perturbações que seriam somente das mulheres e não afetavam os homens.

Essas perturbações foram amplamente estudadas por Freud (1969) em seus estudos sobre sexualidade e conversões histéricas. No período entre 1895 e 1896, Freud formulou algumas teses sobre a patogênese dos sintomas histéricos e sobre os processos psíquicos que ocorriam na histeria, com base na análise de suas pacientes, e concluiu que as causas dessa dinâmica encontravam-se na intimidade da vida psicosssexual e que eram a expressão dos desejos mais secretos e recalçados das pessoas.

Em “O problema amoroso do estudante”, Jung (1927/2011a) pontua o quanto a ampla discussão da questão sexual trouxe à superfície da consciência social a importância da sexualidade em todas as suas ramificações psíquicas, para além das considerações médicas. Reconhece que grande parte desse trabalho deve-se à

Psicanálise e que, a partir de então, não foi mais possível tratar a realidade psicológica da sexualidade com deboche ou deprecições e se passou a incluir a questão sexual no círculo dos grandes problemas bem como a discuti-la com a seriedade e importância que merece.

Podemos considerar, a partir dos estudos realizados por Gay (2012), que a psicanálise surge como uma teoria controversa e polêmica que suscitou discussões, argumentos contrários, reflexões e possibilitou o surgimento de novas abordagens teóricas que também se debruçaram sobre a temática sexual. Carelli (2013) destaca que, em meados do século XX, especialistas surgem propondo novas formas de entendimento sobre o assunto. Emergem os cientistas da sexualidade que objetivavam compreender essa questão a partir de diversos aspectos, dentre eles o fisiológico, o antropológico e o educacional.

Assim, temos Alfred Kinsey, americano considerado o pai da sexologia que, em 1947, fundou o Instituto de Pesquisa sobre Sexo, hoje chamado de Instituto Kinsey para Pesquisa sobre Sexo, Gênero e Reprodução. Suas pesquisas sobre sexualidade influenciaram profundamente os valores sociais e culturais dos EUA. Ainda hoje, suas obras são consideradas fundamentais para o entendimento da diversidade sexual humana, embora, atualmente, sejam de difícil acesso. Têm-se, todavia, estudiosos como Sena (2010) que conseguiu fazer um estudo sobre Kinsey e levantou alguns dados expostos a seguir.

Em 1948, Kinsey publica seu primeiro relatório sobre a sexualidade masculina – trabalho que, hoje, é uma raridade – o que gerou uma enorme polêmica nos EUA, e, conseqüentemente, no Ocidente. Mas foi no segundo volume de seu relatório, em que discutiu a sexualidade feminina, que o autor deu início, de fato, à desconstrução dos valores americanos tradicionais e burgueses em torno da família e da sociedade puritana ocidental. Segundo os estudos de Kinsey, 92% dos homens pesquisados se masturbavam e 62% das mulheres, também. Outra descoberta foi a de que 37% dos homens tinham tido experiências homossexuais e 13% das mulheres também, e que essa experiência possibilitou a elas um orgasmo. Além disso, 69% das mulheres pesquisadas tinham fantasias sexuais com outros homens que não o marido (KINSEY, 1954).

Com o objetivo de preencher lacunas deixadas pelas pesquisas estatísticas de Kinsey em termos de fisiologia, Master e Johnson (1984) publicaram a *Resposta sexual humana* com os resultados de investigações laboratoriais das reações

fisiológicas e anatômicas de 694 voluntários (312 homens e 382 mulheres), investigações essas que envolveram o acompanhamento e monitoramento de 10 mil relações sexuais em 11 anos de trabalhos clínicos e laboratoriais. Utilizaram para a coleta de dados interrogatórios extensos a fim de delimitar o perfil médico, social e psicossocial dos participantes, além de observações minuciosas com o uso de filmagens em cores. Descreveram a resposta sexual masculina e feminina como composta por quatro fases específicas: excitação, platô, orgasmo e resolução. Os seus resultados demonstraram que o tamanho do órgão sexual masculino não tem relação com o desempenho sexual e que não existe oposição entre orgasmo clitoriano e vaginal. Com isso, dissiparam equívocos de longa data, como o debate levantado por Freud sobre orgasmo feminino, em que o psicanalista austríaco afirmou que o orgasmo normal e maduro, que conduzia a mulher à realização plena, era o vaginal e que o orgasmo obtido por meio da estimulação do clitóris tinha algo de infantil, regressivo e neurótico.

Helen Singer Kaplan (1974), outra estudiosa da sexualidade humana, foi inovadora ao publicar, em meados da década de 70, *A Nova Terapia do Sexo*. Além de atuar no campo da terapia sexual, Kaplan era médica psiquiátrica, psicanalista e diretora do serviço de sexologia e psicossomática do Hospital de Nova York. Foi a primeira a adotar uma abordagem biopsicossocial genuinamente integrada à psicanálise e, ao mesmo tempo, associada a múltiplas influências teóricas para o tratamento de problemas sexuais. Pretendeu possibilitar uma interface entre a psicologia profunda e a terapia de foco sexual, com a intenção de solucionar questões sexuais de etiologias mais complexas.

Em 1976, Shere Hite (1976), sexóloga e feminista, escreveu o *Relatório Hite - Feminino*, uma das mais extensas pesquisas em sexualidade. Hite mostrou que cerca de 70% das mulheres só obtinham orgasmo com a estimulação clitoriana e apenas 30% com penetração vaginal. Segundo Crescêncio (2011), apesar de a pesquisadora ter utilizado métodos questionáveis de coleta de dados e pesquisa, esse livro teve um grande impacto social e ampliou o debate sobre o feminismo.

Como visto acima, algumas descobertas levaram a mudanças significativas no comportamento, na sexualidade e no modo de vida de homens e mulheres. No entanto, sem dúvida, os medicamentos ocupam lugar de destaque. A penicilina além de aumentar a sobrevivência do ser humano, controlou as doenças venéreas. A pílula anticoncepcional, nos anos 60, permitiu a liberação sexual das mulheres. E, nos

anos 90, o surgimento do Viagra melhorou a qualidade da ereção e, em decorrência, a segurança masculina nas relações. Isso colocou esse tipo de droga como uma das mais importantes descobertas farmacológicas do século passado. Curiosamente, assim como o anticoncepcional masculino não se mostrou eficaz e seguro, as tentativas de estender o Viagra para melhorar o orgasmo feminino não produziram resultados significativos (BASSON et al., 2012; BERMAN et al., 2003).

O mundo científico, com suas pesquisas, abriu-se, desse modo, para o estudo do prazer feminino. Com a derrubada de crenças ligadas à sexualidade tanto do homem e, sobretudo, da mulher, novos personagens sociais emergiram. Em decorrência das desconstruções em torno do amor romântico e dos questionamentos a respeito da vivência sexual associada ao amor e à reprodução, novos arranjos afetivos surgiram, propondo novas configurações vinculares. Conseqüentemente, houve maior valorização do prazer no sexo e maior liberdade sexual.

Todavia, a despeito de todas as mudanças ocorridas na sociedade em decorrência dessas descobertas, percebe-se que os relacionamentos entre os sexos são constante fonte de conflitos e embates. Apesar da crescente evolução e libertação, homens e mulheres ainda sofrem muito com seus medos, culpas e frustrações no campo da sexualidade e das relações afetivas (LINS, 2012).

3.2 A mulher na contemporaneidade

Constata-se que as mudanças nas relações entre homens e mulheres tornam-se possíveis principalmente a partir da revolução sexual da qual fez parte um cenário de reivindicações por direitos igualitários e simetria entre os gêneros. Uma nova mulher surge a partir das novas formas de entendimento do amor e da sexualidade.

Segundo Lipovestsky (1997), essa nova mulher é indeterminada e representa um novo modelo. No decorrer da história, a primeira representação feminina era a de uma mulher satanizada e desprezada, a segunda retratava a mulher como alguém idealizado e a ser adulado e, em todos esses casos, elas estavam subordinadas ao homem, pensadas e definidas em relação a ele. Para esse autor, a

“terceira mulher”, a mulher da contemporaneidade, exerce um feminino que não é pré-ordenado e nem orquestrado por nenhuma ordem social ou natural. Ou seja, não está destinada, necessariamente, à função materna ou à função de esposa e nem a nenhum papel social ou natural pré-estabelecido.

De acordo com Del Priore (2011), o que possibilitou o exercício de um feminino livre dessas funções pré-determinadas foi o advento da pílula anticoncepcional em 1969, que marcou o início da liberação sexual, uma vez que o ato sexual deixou de servir exclusivamente à procriação. A partir de então, “fazer amor” tornou-se uma coisa prazerosa e não somente uma forma de construir uma família. A pílula também possibilitou que a mulher fosse livre para estudar ou participar do mercado de trabalho sem ser interrompida por uma gravidez.

Para Araújo (2002), as mudanças atreladas à emancipação sexual das mulheres diminuíram o controle que os homens tinham sobre a sexualidade feminina. É possível afirmar que, a partir de então, a pílula trouxe, para as mulheres, o domínio sobre o próprio corpo e o controle sobre as rédeas da própria vida.

Esse processo de mudanças estruturais que redefinem a mulher opera no status social, com a inserção feminina no mercado de trabalho, e influencia a vivência das questões afetivas. Um dos teóricos que abordou essa questão foi Giddens (1992), que fez reflexões a respeito das possíveis maneiras que homens e mulheres estabelecem um vínculo amoroso na atualidade. Para esse autor, o reconhecimento do prazer feminino pelas mulheres, associado à emancipação sexual e ao controle da natalidade, possibilitou que elas descobrissem uma série de razões para se relacionar, sem a obrigatoriedade de permanecer vinculadas a alguém, o que ocasionou a fragmentação do amor romântico. Esse se refere a um sentimento sublime, idealizado e projetivo. A respeito do amor romântico, Giddens afirma:

Alguns têm dito que o amor romântico foi um enredo engendrado pelos homens contra as mulheres, para encher suas cabeças com sonhos fúteis e impossíveis. (GIDDENS, 1992, p. 52)

Segundo esse autor, as mulheres desempenharam um papel importante na difusão do amor romântico e isso pode ser explicado considerando o contexto histórico cultural da época em que esse ideal prevaleceu, associado a vários conjuntos de influências, dentre as quais se destacam: a criação de um lar como

condição do exercício do feminino a partir do século XVIII, a modificação nas relações entre pais e filhos e a invenção da maternidade.

Entretanto, cada vez mais, o comprometimento afetivo e emocional igualitário faz-se necessário e presente nos dias de hoje. De acordo com Lins (1999), está em curso um processo que se encaminha para a vivência de uma relação afetiva e sexual mais simétrica entre homens e mulheres. Para a autora, as mulheres estão cada vez mais desvinculando prazer sexual das aspirações românticas, assim como os homens o fazem há séculos.

Na contramão desses argumentos, alguns autores posicionam-se afirmando que o amor romântico, em maior ou menor grau, ainda é um ideal a ser conquistado na vida afetiva feminina.

Para Neves (2007), o amor tem sido comunicado às mulheres como sua suprema vocação, o que reproduz um ideal de intimidade potencialmente castrador de sua autonomia e liberdade. Para essa autora, tal ideal de amor romântico perdura até os dias atuais e afetou mais as aspirações femininas do que as masculinas, apesar de os homens também serem influenciados por essa concepção.

Hime (2008) acredita que o encontro com um parceiro ideal e a maternidade ainda são importantes aspirações para as mulheres. No entanto, esses acontecimentos necessitam também estar integrados à vida profissional e social. Tempos atrás, os papéis de mãe e esposa eram tão somente fins em si mesmos. Atualmente, representam apenas etapas da vida. A mulher moderna quer se realizar como parceira, amante, mãe e profissional. Em decorrência dessa sobrecarga de expectativas, muitas mulheres sentem-se incompletas e insatisfeitas.

Kimmel (2013) considera que o padrão duplo para homens e mulheres continua a existir até os dias atuais. As mulheres continuam a perder credibilidade quanto mais experiências sexuais têm e os homens ganham. Elas ainda são incentivadas a acreditar que para serem valorizadas no mercado matrimonial devem fingir resistência, enquanto eles ainda se sentem pressionados a abordá-las sexualmente, mesmo contra vontade. Apesar disso, os privilégios ao gênero masculino ainda são garantidos e o padrão sexual feminino ainda é minimalista: poucos parceiros, poucas posições, pouco prazer, pouco sexo sem compromisso emocional.

Moraes (2015) compreende que, mesmo com tantas transformações, mesmo com tantos questionamentos em torno do ideal de amor romântico, as relações

amorosas continuam sendo importante fonte de sofrimento feminino. Embora a mulher atual passe por um processo de revisão de papéis baseado na aceitação de alguns aspectos do feminino e na rejeição de outros, bem como na necessidade de incorporar aspectos do masculino, isso não se dá sem uma quantidade de tensão e ansiedade. A conquista pela autonomia profissional e financeira aconteceu. Todavia, estar acompanhada por um homem ainda é, nos dias de hoje, considerado algo que valoriza a mulher.

Goldenberg (2015) acredita que a mulher de hoje, por mais independente que seja, ainda carrega contradições e ambivalências no que tange à sexualidade e à afetividade, principalmente quando vivencia o sexo de forma mais descompromissada. O autor considera que o prazer é vivido pelo homem de forma mais pragmática e, por elas, de forma mais romantizada. Entretanto, Goldenberg teoriza que muito mais do que o desejo do romance em si, as mulheres querem mesmo é sentir que são especiais, que são valorizadas, que são, de fato, para os homens, diferentes de todas as outras.

É possível concluir que a mulher da atualidade está em construção e faz parte desse processo a vivência de sentimentos conflituosos relacionados à quebra de tabus, ao questionamento do *status quo*, à transgressão da ordem natural e daquela imposta pela tradição no que diz respeito ao exercício do feminino. Essa ambivalência fica evidente quando se tratam de intimidade, sexualidade e amor. Tem-se que a transformação parece acontecer principalmente delas e para elas.

3.3 O homem na contemporaneidade

Nesse contexto de mudanças estruturais nas relações de gênero, o homem também se modifica. De acordo com Maciel Junior (2006), o interesse pelo estudo da condição masculina emerge em meio às reivindicações feministas e é inspirado pelas visões críticas e propostas de ação daquele movimento. Em decorrência, surgiu a necessidade de os homens reverem as condições que os levam a construir a própria masculinidade e o modo como a negociam ao longo do ciclo vital.

Para Giddens (1992), apesar de muitos estudos sobre sexualidade de uma forma geral, a sexualidade masculina tem sido pouco abordada. Todavia, a partir

das discussões levantadas pelo feminismo, a vida sexual do homem também passou a ser fonte de questionamentos, o que levou à descoberta de que a relação masculina com o sexo é permeada de ansiedade, preocupação com o desempenho e medo do fracasso sexual. A afetividade masculina foi igualmente desvelada e se compreendeu o quanto estava dissociada de outras experiências. Afirmar que homens “são incapazes de expressar sentimentos” ou que eles “não têm contato” com suas próprias emoções são afirmações simplistas que perdem significância a partir da reordenação e democratização da vida privada e da transformação da intimidade.

Segundo Lins (1999), há tempos que os homens perseguem o ideal de masculinidade que se caracteriza por força, ousadia, poder, ausência de fracassos. Entretanto, eles possuem as mesmas necessidades psicológicas ditas femininas: amar e ser amado, comunicar emoções e sentimentos, poder sentir-se frágil perante temores e dificuldades. Nos dias atuais, e cada vez mais, os homens se tornam conscientes dessas necessidades e delas se apropriam.

Byington (2001) afirma que a sociedade reprimiu a ternura da personalidade masculina. O grande poder conferido ao homem na sociedade de dominância patriarcal o afastou da criança e do significado simbólico que essa pode assumir na família e na constituição da psique masculina. Muitos se tornaram incapazes de construir uma narrativa do eu que incorporasse aspectos diversos em suas vivências tais como a emoção, o afeto e a fragilidade. Para esse autor, nessa obra, o desenvolvimento da sensibilidade e da ternura neles se fez defensivamente, na sombra, por meio da homossexualidade masculina. Longe do lar e de sua criança interna, o estereótipo da identidade do homem constituiu um complexo de superioridade cumulado de um poder extraordinário que se afirmou por meio do homicídio, da guerra e do domínio da mulher, que, submissa, tornou-se sexualmente disponível a fim de matar momentaneamente a carência afetiva masculina deslocada defensivamente para a sexualidade.

Hime (2008) aponta que os homens, frequentemente, expressavam aspectos da personalidade associados ao trabalho, tais como competitividade, foco na realização pessoal e racionalidade instrumental. A forma masculina de viver o amor incluía, e ainda inclui, a paixão sexual, aspectos práticos de proteção e cuidado, garantia de sobrevivência material e ajuda mútua. Todavia, haveria evidências de que, nas últimas décadas, isso está mudando: os homens começam a expressar

seus sentimentos e a aspirar relações de intimidade, abrindo caminho para novas possibilidades de ser masculino.

Magaldi Filho (2015) aponta que, com a entrada ativa das mulheres no mundo patriarcal, uma crise de paradigmas se instala podendo ocasionar a desfeminilização das mulheres e a desmasculinização do homem. Todavia, homens e mulheres ainda estariam polarizados e correspondendo às demandas do patriarcado. Distantes do amor e da alteridade, esses homens não desejariam entregar-se ao feminino. Sob o efeito de tal dinâmica, o homem atual tenderia a defender-se da mulher concreta e também de aspectos femininos de sua própria personalidade, o que dificultaria a apropriação de conteúdos inconscientes, deixando-o alheio ao princípio gerador. O contato com tais aspectos seria temido, pois poderia levar à depressão ou ao comprometimento da capacidade de produzir, de ganhar e de lucrar. Entretanto, o autor vislumbra uma saída positiva a partir de uma nova geração mais questionadora, que ainda não se rendeu a essa dinâmica do poder, da conquista e do acúmulo.

Diferentemente, Faria (2015) acredita que a inserção da mulher no mercado de trabalho fez com que o homem entrasse mais no mundo doméstico, possibilitando a transformação de sua identidade a partir de uma paternidade agora exercida também por meio da presença e da colaboração no cuidado do lar e dos filhos. Concorda com Magaldi Filho ao reconhecer que, apesar das novas personas adotadas, uma fase de transição ainda está em curso. Apesar da existência atual de uma mulher atual que exerce plena ou parcialmente direitos semelhantes aos dos homens, e de um homem que assume cada vez mais a parceria com sua companheira, ele ainda tem mais privilégios e a sua atuação no mundo se dá, sobretudo, por realizações e conquistas no âmbito público.

É possível considerar, assim, a presença de condições na sociedade contemporânea que podem levar homens e mulheres a uma crise de identidade sexual. Nesse contexto, a reflexão sobre o que caracteriza o masculino e o feminino se torna essencial. As diferenças entre homens e mulheres se estreitam e surgem, tanto para eles como para elas, novas possibilidades de vivências afetivas e sexuais.

3.4 Contemporaneidade: amor e sexo

As transformações sociais do último século inauguraram um novo momento no universo feminino e causaram profundos impactos no modo com que homens e mulheres vivenciam amor e sexo. Na pós-modernidade, de acordo com Stearns (2010), quando o assunto é sexualidade, é preciso demarcar o que aconteceu e incluir a questão da globalização. O autor destaca três aspectos relevantes nesse processo. O primeiro foi a industrialização, com a mudança das pessoas do campo para a cidade. O segundo foi a desvinculação entre sexo e procriação a partir do uso da pílula anticoncepcional que marcou a luta contra a dominância masculina ao controlar o que o homem sempre controlou, a fecundação, e que levou à modificação das políticas públicas em decorrência da queda da natalidade. O terceiro refere-se ao desenvolvimento de uma cultura pública mais livre de censuras com a expansão da indústria cinematográfica, a exploração da sexualidade das estrelas hollywoodianas, o nascimento e consolidação da televisão e, mais recentemente, da internet, processos esses que multiplicaram e banalizaram tudo aquilo que antes era insinuado em termos de comportamento sexual.

Essas circunstâncias teriam propiciado que a separação entre amor e sexo, até então exclusiva do universo masculino, pudesse ser experimentada pelas mulheres, ainda que não de forma isenta de dilemas e conflitos. Ao analisar os padrões relacionais decorrentes de tais mudanças, existem autores que se destacam por adotar uma posição crítica, enquanto outros apontam mais os ganhos com a diversidade. Assim, autores e estudiosos da atualidade possuem visões que vão de pessimistas a otimistas sobre os efeitos que a contemporaneidade provocou na maneira como as pessoas passaram a se relacionar sexual e afetivamente. Para alguns, o mundo contemporâneo traz desafios que afetam irreparavelmente os encontros entre homens e mulheres.

Bauman (2009) acredita que as relações na contemporaneidade são fugazes e superficiais. Para esse autor, os relacionamentos modernos são liquefeitos e “escoam por entre os dedos”, ou seja, metaforicamente, não há aderência entre os pares. Isso significa que a vivência amorosa é banal e, não raro, assimilada como mercadoria possível de ser descartada a qualquer momento. O objetivo é apenas a convivência e o gozo, não existe paixão e nem entrega nesse tipo de relação. O

amor na sociedade líquida troca a qualidade pela quantidade, o que gera sucessivas tentativas de busca por esse sentimento em relações fugazes, criando o que ele chamou de “exercitada incapacidade de amar”. Não que Bauman seja contra a liberação sexual, muito pelo contrário. Sua crítica se dirige, entretanto à valorização excessiva dos encontros casuais. A esse respeito, afirma:

É correto, talvez até estimulante e, ao mesmo tempo, maravilhoso, que o sexo seja assim liberado. O problema é como mantê-lo no lugar quando o lastro foi lançado ao mar; como mantê-lo na forma se não se dispõe mais de estruturas. Voar suavemente traz contentamento, voar sem direção provoca estresse. A mudança é jubilosa; a volatilidade, incômoda. A insustentável leveza do sexo? (BAUMAN, 2009, p. 64)

Del Priore (2011) ressalta que, antes, a sociedade reprimia o sexo, mas o ostenta atualmente. Expõe-se a sexualidade o quanto for possível por meio de redes sociais e da mídia, em uma atitude exibicionista. Para essa autora, vivemos em uma sociedade narcisista e confessional em que corpo e alma tornaram-se material para divulgação. “Se no passado éramos castos e cobertos, agora, somos desnudos e exibidos.” (DEL PRIORE, 2011, p. 237).

Telles (2014) afirma que, em períodos de grande liberação sexual e licenciosidade dos costumes, a libido cai, o amor se banaliza, o sexo deixa de ter interesse. Dessa forma, a sexualidade crua e sem rodeios perderia todo o erotismo e mistério.

Graubart (2014) considera que determinadas características típicas da contemporaneidade, tais como os estereótipos sociais e os apelos tecnológicos, criam condições tidas como mágicas e facilitadoras do contato e da aproximação, mas, na realidade, interferem negativamente no que diz respeito a encontros mais autênticos e ao processo de individuação.

Moraes (2015) acredita que os relacionamentos amorosos carregam algumas características marcantes dessa época hipermoderna tais como: baixa tolerância a tudo que seja desprazer; necessidade de controle; exigência de demonstração constante de felicidade em redes sociais; expectativas irreais em relação aos encontros amorosos; hedonismo, consumismo e compulsões.

Já para outros autores a contemporaneidade traz desafios que se equiparam às oportunidades.

O trabalho de Lipovetsky (2005) é um exemplo que ilustra isso, pois o autor reflete sobre uma nova avaliação de critérios morais que já não se apoia mais no chamado culto do dever e sim nas promessas de uma felicidade e de uma liberdade proporcionada pelo momento presente. Buscam-se, na sociedade, regras mais justas e se prega que cada um tem o direito de fazer o que for preciso para ser feliz, desde que não prejudique ninguém. A liberdade sexual é um pilar importante dessa nova cultura e, desde que haja consentimento mútuo, pode-se vivê-la da forma que desejar. Todavia, o autor aponta para a contrapartida dessa ruptura com o antigo paradigma moral que é a necessidade cada vez maior de se criar regras para que o convívio em sociedade se configure como saudável e equilibrado.

De acordo com Tavares (2008), a contemporaneidade de fato é marcada por uma fluidez no tocante aos relacionamentos amorosos. No entanto, isso possibilitaria que os pares ensaiem novos arranjos e diversas formas de vinculação. Seria possível, assim, o surgimento de diferentes modelos de organização doméstico-familiar decorrentes da adoção de novos comportamentos e de novas atitudes modeladoras, bem como das mudanças nos papéis femininos, o que possibilitaria novas formas de estar no mundo.

Oliveira (2013) acredita que a contemporaneidade traz a questão da dificuldade em lidar com a solidão e revela o desejo que as pessoas têm de se comunicar. Chama-lhe a atenção o imediatismo dos dias atuais que se estende às relações. No entanto, isso não anularia o movimento criativo que a modernidade traz e as possibilidades de encontros e de relações de alteridades.

Aufranc (2013), reafirmando a importância de cada um na transformação do todo, pontua que a contemporaneidade, momento histórico marcado pelo materialismo, pela tecnologia, pela inserção constante de uma pluralidade de realidades, pela democratização do conhecimento e sua respectiva acessibilidade, possibilita coletivamente a sensação de estarmos interconectados. Segundo a autora, as redes sociais promovem o encontro entre as pessoas e reinventam as relações, apesar da superficialidade na comunicação e do exibicionismo excessivo.

E há aqueles autores que, inegavelmente, percebem as mudanças socioculturais e os avanços da pós-modernidade como importantes na construção dos seres humanos.

Para Giddens (1992), ocorreu, na contemporaneidade, uma transformação da intimidade a partir da emergência da sexualidade liberta de sua ligação intrínseca

com a reprodução, ocasionando uma das grandes mudanças das últimas décadas, o que possibilitou uma democratização radical da vivência sexual e afetiva. Em decorrência dessa transformação da vida íntima das pessoas, uma história emocional secreta marcada por um abismo entre os sexos foi revelada. O autor propõe que, a partir da transformação da intimidade, emergem três tipos de relacionamento amorosos: amor puro, em que as pessoas se relacionam a partir da satisfação recíproca e cuja manutenção é atingida por meio de atitudes que visam garantir a relação, ainda que essa possa chegar ao fim quando um ou ambos desejarem. Poder-se-ia dizer que esse tipo de relacionamento é a base de muitos namoros ou casamentos contemporâneos. O amor confluyente, que seria mais “real” que o amor romântico por não se basear na fantasia de completude e nem no vínculo de amor eterno, teria como características principais o prazer sexual – como elemento chave para a permanência ou dissolução do relacionamento – e a inexistência do compromisso com a monogamia. E, por fim, a sexualidade plástica que definiria uma prática sexual independente de objetivos reprodutivos e estaria na base de quase todas as relações atualmente.

Lins (2012) pontua que o mundo contemporâneo traz novas reflexões sobre relacionamento, amor, casamento e sexualidade. A partir desse novo paradigma, antigas convicções foram abaladas e não correspondem mais aos anseios da atualidade. A autora acredita que essa nova realidade pode ser ameaçadora em determinados momentos, por não existirem mais alguns modelos para apoiar o desempenho de papéis. Entende, contudo, que isso representaria a saída para homens e mulheres, pois, não sendo mais necessária a adaptação a padrões impostos de fora, novas formas de viver e novas sensações poderiam ser experimentadas.

Não podemos esquecer que a revolução tecnológica não só foi, como ainda é tão importante quanto a revolução sexual no que diz respeito aos relacionamentos na pós-modernidade. Alguns autores, como Aufranc e Lins, consideram que a tecnologia facilita os encontros. Sobre isso, Lins (1999) afirma que o avanço tecnológico característico da atualidade não isola o indivíduo do contato verdadeiro com outras pessoas nem o encerra em um mundo solitário e vazio. Na verdade, nunca foi tão fácil não ser sozinho, principalmente entre os mais idosos, sempre atingidos pela solidão, pois, na modernidade, existe de tudo para todas as idades, gostos e bolsos. Além disso, a internet é um meio para os solitários conhecerem

gente e para os tímidos ganharem coragem para trocarem ideias e falarem de si, participando de grupos em salas virtuais de bate-papo. E, com relação ao sexo e ao amor, a internet proporciona a rara possibilidade de se interessar por alguém que não se vê e, portanto, ficar livre da ditadura da beleza.

Entretanto, outros acreditam que a tecnologia em excesso dilui as relações pessoais como, por exemplo, Graubart e Oliveira. Oliveira (2013) pontua que o desenvolvimento tecnológico trouxe um avanço sem precedentes e se tornou imprescindível em todas as áreas da vida humana. Em decorrência desse avanço, com a maior facilidade de entrar em contato com as pessoas, a vivência da privacidade e da intimidade se modificou. Todavia, paradoxalmente, com frequência veem-se, nas redes sociais e nos sites de relacionamento, perfis falsos e idealizados sendo construídos a fim de impressionar o outro, perfis esses que pouco correspondem à realidade de fato e que não seriam favoráveis à comunicação verdadeira e ao contato mais genuíno com o outro.

Em síntese, percebe-se uma conjuntura social que pode ser vista como favorável às mudanças nas relações entre homens e mulheres, e uma nova expressão social do exercício do feminino e do masculino. Isso posto, alguns estudiosos veem, nesse processo de transformação, um incentivo à volatilidade, à falta de permanência e de continuidade, e receiam que essas características predominem nas relações. Entretanto, outros pesquisadores parecem dar as boas-vindas a esse novo contexto, vendo ali um movimento de expansão das diversas maneiras existentes de se viver a afetividade e a sexualidade. Enquanto uns afirmam que o encontro sexual vivido sem compromisso pode ser um sintoma da sociedade moderna e descartável, outros inferem que esse encontro pode ser uma nova expressão anímica que precisa ser mais entendida para ser mais assimilada.

4 SEXO, AMOR E EROS: UMA CONSTRUÇÃO TEÓRICA JUNGUIANA DA RELAÇÃO HOMEM E MULHER

4.1 Anima e animus na contemporaneidade

Percebem-se, nos dias atuais, homens e mulheres exercendo diferentes funções na sociedade, integrando diversos aspectos da personalidade e experimentando novas possibilidades de atualização dos aspectos femininos e masculinos da psique, o que pode ser identificado, também, no modo como as relações amorosas são estabelecidas e como a sexualidade é vivida.

Já em 1927, Jung testemunhou mudanças sociais que, como discorreu em “A mulher na Europa” (1927/2011b), envolviam as mulheres do seu tempo, que estariam passando pelo mesmo processo de transição que o homem. E, no ano seguinte, em “O problema amoroso do estudante” (1927/2011a), destacou as mudanças psicológicas na consciência moderna que, associadas à difusão geral dos anticoncepcionais, interferiam ostensivamente nas relações entre os gêneros e modificavam a natureza dos problemas amorosos. Ou seja, eram perceptíveis as transformações que aconteciam nas relações de gênero, ainda que o papel da mulher, naquela cultura, continuasse de certa forma atrelado ao mundo masculino.

Mesmo nesse cenário em transformação, os conceitos de anima e animus, fundamentais na Psicologia Analítica, podem contribuir para a compreensão do funcionamento psíquico do homem e da mulher e de suas respectivas dinâmicas relacionais. Vale lembrar, contudo, como aponta Fillus (2012), que o contexto sócio-histórico determinou a maneira como tais constructos foram definidos. As descrições feitas por Jung do aspecto feminino – a anima – que a personalidade masculina reserva em seu íntimo, e do aspecto masculino – o animus – que a personalidade feminina reserva em seu íntimo parecem, em parte, baseadas no modo muito demarcado como os dois gêneros eram vistos no início do século XX na sociedade europeia. Entretanto, as novas formas de relacionamento, características da atualidade, e a ampliação da visão relativa a sexo, gênero e sexualidade demandam uma visão mais flexível e abrangente dos pressupostos de Jung.

Os pós-junguianos irão propor uma perspectiva diferente, mas complementar, dos postulados de animus e anima tais como concebidos inicialmente. Para os autores mais recentes da Psicologia Analítica, ser homem ou mulher refere-se a um lugar subjetivo de formação de uma identidade construída social e culturalmente, bem como repleta de historicidade. Além de preconizarem um novo entendimento a respeito desses conceitos, tais teóricos criticam, também, a importância dada ao que seria o aspecto arquetípico e, portanto, de certo modo, invariável das figuras de anima e animus. As características associadas a tais figuras, entendidas exclusivamente a partir da compreensão clássica e tradicional, tendem a ser rigidamente determinadas, reforçando estereótipos e desconsiderando a possibilidade de o feminino e o masculino se transformarem a partir de outras influências (TACEY, 1997; HILLMAN, 1990).

Para Colman (1998), tanto o homem quanto a mulher podem ter capacidades ditas femininas e ou consideradas masculinas sem estarem possuídos por seus respectivos pares contrassexuais. Isso quer dizer que o homem pode ter atributos como aptidão para comunicar emoções e afetos, leveza e amabilidade, e a mulher pode ter uma vida intelectual intensa, potencial de ação e criatividade sem terem, com isso, a expressão de sua masculinidade e de sua feminilidade posta em xeque. Isso posto, é possível afirmar que o “homem feminino” e a “mulher masculina” estariam entre as expectativas de uma nova ordem social em que o conceito de gênero está sendo redefinido (TACEY, 1997).

O fato é que a cultura exerce enorme influência na aprendizagem e na expressão de comportamentos e, por isso, gênero seria um fenômeno relativo e não absoluto. Young-Eisendrath (1997) é uma das autoras pós-junguianas para quem gênero é uma construção sociocultural:

Gênero, por outro lado, é bastante mutável e flexível [em contraposição a sexo]. É o conjunto identitário a que somos remetidos quando nascemos, quando nossos corpos são classificados pelos mais velhos que nos identificarão como homem ou mulher. Gênero é o sistema de significados, a narrativa ou história que diz o que cada sexo significa, que papéis devem ser desempenhados e por que. Todas as sociedades têm dois gêneros. Assim, gêneros criam tanto uma divisão entre os seres humanos como uma divisão na psique, entre aquilo que identificamos como sendo “eu” e aquilo que é visto como “oposto” a esse eu. (YOUNG-EISENDRATH, 1997, p. 27, tradução nossa)

Essa autora posiciona-se criticamente em relação à ideia de que, como arquétipos, as figuras de animus e anima teriam certas qualidades universais relacionadas ao gênero masculino e ao feminino. No entender de Young-Eisendrath, tais conceitos são úteis para a compreensão da psique apenas na medida em que abarquem tudo aquilo que pode ser considerado o Outro, “aquilo que sentimos que nos falta e que odiamos ou invejamos nos outros: os potenciais positivos e negativos que são projetados no gênero oposto” (YOUNG-EISENDRATH, 1997, p. 33).

Wahba (2016) assinala que Jung ampliou o universo feminino e rompeu algumas convenções com a noção de contrapartes do sexo oposto em ambos os gêneros, mas preservou-as ao atribuir características inerentes ao feminino, à mulher. A autora, retomando as leituras ditas feministas, endossa que na atualidade as mulheres em grande parte escrevem seus próprios discursos e possuem uma narrativa subjetiva reconhecida, não mais objeto da narrativa do outro, do homem. No entanto, subjazem vestígios de dominação, de filhas herdeiras da submissão de suas mães e de objetivos contraditórios. Com respeito às qualidades consideradas masculinas e/ou femininas, considera que o assim chamado complexo masculino na mulher é uma categorização que não parece mais apropriada nos dias atuais quando tantos talentos lhe são pertinentes e peculiares.

Ambas as autoras entendem que anima e animus conduziriam o ser humano a buscar a alteridade e a complementariedade, estimulando o imaginário e catalisando sentimentos de modo a tecer um enredo a respeito das ligações afetivas com o gênero oposto.

4.2 Projeções amorosas

Um encontro sexual não é necessariamente um encontro amoroso, mas, para entendermos a dinâmica do sexo sem compromisso, será preciso compreender, primeiramente, que forças psíquicas direcionam homens e mulheres em seus relacionamentos. Segundo Jung (1934/2011c), anima e animus são os arquétipos responsáveis pelo encontro entre homem e mulher e, ao serem ativados, promovem a idealização do outro a partir de projeções que vão ditar as características da interação amorosa e/ou sexual. Quando é possível reconhecer, em si, os conteúdos

projetados e considerar o outro como alguém diferente e independente, para além das fantasias, estabelece-se uma ponte para alcançar potenciais inconscientes. De maneira oposta, quando não há o recolhimento das projeções, relacionar-se verdadeiramente com alguém se torna impossível.

Também Schwartz-Salant (1998) entende que os relacionamentos entre homem e mulher têm por base a projeção de aspectos inconscientes, relacionados à anima e ao animus, e, portanto, necessariamente, envolvem uma distorção da realidade. Portanto, a projeção pode levar à negação da individualidade do outro e ao estabelecimento de relações baseadas em fantasias. Tem-se, ainda, que o encontro amoroso, acontecendo a partir da ativação de anima e animus, é sempre muito emocional e leva os parceiros a se relacionarem, predominantemente, com base em aspectos inconscientes. Há pouco espaço para a empatia, uma vez que cada membro do par estabelece a relação com a imagem idealizada que construiu do parceiro. Todavia, não se descarta a ideia de que também é possível modificar o campo em que o relacionamento se dá, a partir da vivência dos desafios da intimidade. Nesse caso, abre-se o espaço para olhar o outro, cada vez mais, como a pessoa que ele realmente é. Assim, ultrapassado o estágio inicial de apaixonamento, e desde que exista coragem e disponibilidade, é possível iniciar uma trajetória de autoconhecimento, mediante o recolhimento das projeções e do reconhecimento da própria sombra, por vezes depositada de modo indiscriminado no outro (DI YORIO, 2015).

Hollis (1998), por sua vez, faz distinção entre pequenas projeções e grandes projeções. A primeira tem a ver com relacionar-se com o Outro de maneira programada e habitual; a segunda, com a fantasia de que, por meio do relacionamento com um dado parceiro, a pessoa será curada, sustentada, protegida e poupada dos terríveis rigores do crescimento. O autor descreve um exemplo que mostra a distinção entre ambas. Em um encontro casual, duas pessoas podem sentir afinidade uma pela outra e terem uma conversa animada e excitante. No entanto, ainda que algumas projeções estejam em ação, o impacto do encontro pode ficar limitado ao plano da consciência. Não obstante, duas histórias psíquicas estão presentes, e uma ou outra – ou ambas – podem ser ativadas, uma vez que “em todos os relacionamentos tão intrinsecamente passageiros, toda a vida pode ser representada” (HOLLIS, 1998, p. 58). Talvez uma das pessoas envolvidas guarde semelhança com algum ente querido da outra que, então, terá seu inconsciente

despertado e mobilizado. É possível que se estabeleça, assim, uma forte atração e o relacionamento venha a adotar um diferente rumo.

Além de considerar a influência de anima e animus, pode-se assumir a premissa de que o encontro entre homens e mulheres envolveria, também, aspectos ligados à persona, cujos atributos são determinados, em parte, pelas exigências sociais, e são também relativos àquilo que a pessoa deseja ser ou aparentar. A persona é, assim, constituída de acordo com elementos da cultura coletiva e do ideal do eu. (VON FRANZ, 1993). Corroborando essa ideia, tem-se o fato de que, curiosamente, a maioria dos amantes elege e se afeiçoa ao parceiro de forma sensata e bastante conservadora, de modo a não contrariar os preconceitos de classe, raça, religião e condição financeira (FIGUEIREDO, 2016). Para Costa (1998), isso significa que o amor é seletivo, como qualquer outra emoção presente na interação entre os indivíduos, e que a espontaneidade sentimental característica dos encontros amorosos “é uma mera vinheta de propaganda do produto ideológico” (COSTA, 1998, p.17-18). Ainda que se leve em conta essas observações, não se pode deixar de considerar a influência de fatores inconscientes que, por meio da projeção, operam nos relacionamentos amorosos, mobilizando sentimentos muitas vezes intensos e que não parecem ser determinados por atributos relacionados a semelhanças de cunho socioeconômico.

Uma vez que o sexo sem compromisso, tal como definido neste estudo, representa um modo possível de relacionamento entre homens e mulheres, é de se supor que esteja sujeito aos mesmos determinantes que influenciam outras modalidades de relacionamento. Assim, pode ser que um encontro sexual tenha por base projeções mais ou menos intensas, independentemente do quão breve for e da estruturação de um vínculo ou não. É válido pontuar que se enfatizou aqui o despertar da projeção amorosa a partir do desenvolvimento interior, da intimidade e da complementariedade. No entanto, entende-se que o encontro amoroso possui diversas facetas e não se desconsidera a influência de fatores tão essenciais quanto, por exemplo, os tipos de vinculação e estilos de apego.

4.3 Eros e fantasias eróticas

Erótica é a Alma

Adélia Prado

A sexualidade é uma expressão vital tão importante quanto todas as demais expressões humanas. Foi visto que as figuras de anima e animus tenderiam a ser projetadas nos relacionamentos com pessoas do sexo oposto. Tais projeções têm, como consequência, o surgimento de fantasias a respeito do parceiro, fantasias essas que incluem aspectos eróticos e sexuais.

Para Sanford “numinosidade, descoberta, aventura e curiosidade geralmente estimulam o relacionamento inicial com o sexo oposto” (SANFORD, 1980, p. 107),. Esse autor considera, ainda, que as fantasias eróticas estão relacionadas ao processo psicológico interior, representando, simbolicamente, aquilo que a pessoa necessita integrar à consciência: os opostos na psique afastados entre si reúnem-se pela força de Eros. Colman (1998) reforça essa ideia quando ressalta que as imagens eróticas produzidas pela conexão existente nos relacionamentos sexuais são guias que podem levar o indivíduo a um encontro mais profundo consigo e com o outro. Essa conexão dá-se mediante projeções e fantasias sexuais que, frequentemente, vêm acompanhadas de excitação e intensidade.

Tacey (1997) é outro autor junguiano que enfatiza a importância do erotismo para o reconhecimento de aspectos íntimos e intrínsecos da psique. Ao discorrer sobre os princípios que orientam a formação da identidade masculina, esse autor dedica-se a analisar as imagens necessárias para conduzir o homem em seu processo de individuação. Dentre essas imagens, destaca a da anima, como representação da possibilidade de quebra de convenções, de volúpia e de transformação da vida, possibilitando ao indivíduo uma nova união entre espírito e natureza. Para o autor, o desejo abrange um espectro de possibilidades instintivas e espirituais, mas, quando não integrado à consciência, pode levar o homem a ligações sexuais pouco criativas ou insatisfatórias.

A criatividade é o resultado do processo de conscientização desse desejo que leva o indivíduo a buscar uma forma de viver mais plena e satisfatória. “[...] As

imagens eróticas surgem quando anima e animus começam a emergir na consciência e trazem consigo a necessidade de plenitude” (SANFORD, 1980, p. 148). Guggenbühl-Craig (1980) chega a se referir às fantasias eróticas como “fantasias de individuação”.

A sexualidade, com todas suas variações, pode ser entendida como uma fantasia de individuação, uma fantasia cujos símbolos são tão vivos e tão efetivos, que podem até mesmo influenciar nossa psicologia [...] a vida sexual, acima de tudo como aparece nas fantasias, é um intenso processo. Esta forma do processo deve ser respeitada e reconhecida. (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980, p. 94-95)

Sanford (1980) entende que, não raro, a fantasia erótica apresenta-se de forma sublime e sagrada o que conduz, frequentemente, à dificuldade de reconhecimento da sexualidade e à negação do corpo. No entanto, não se pode esquecer que anima e animus têm um substrato corporal, ou seja, a vida espiritual e a vida sexual se afetam reciprocamente. Ao negar o corpo e suas sensações, negam-se também Eros e a criatividade. Tamanha repressão transforma a sexualidade em algo potencialmente destrutivo.

Tem-se, desse modo, um nível profundo e existencial de compreensão de Eros e de fantasia erótica. Mas é também importante lembrar que Eros se expressa de modo concreto e mundano, uma vez que a sexualidade se desenvolve a partir das necessidades individuais dentro de um contexto específico. A esse respeito, Wahba (1997) pontua que as fantasia eróticas manifestam-se, também, por meio do comportamento social e, de certa forma, refletem a diversidade sexual humana. O mercado pornográfico e as lojas de artigos sexuais, que movimentam cada vez mais recursos financeiros, seriam expressões concretas do fascínio exercido pela sexualidade e pelo erotismo.

A partir do exposto, pode-se concluir que anima e animus, projeção e fantasia erótica estão intrinsecamente relacionados e determinam, em grande parte, a vivência da sexualidade. Quando se considera o tema estudado, compreende-se que existe, no sexo sem compromisso, mesmo que minimamente, a manifestação de uma projeção, de uma constelação anímica e de fantasias eróticas mais ou menos intensas. O elemento que possibilita uma vivência mais criativa do sexo sem compromisso pode ser a existência de Eros na relação, pois, não raro, este se apresenta como um fator mobilizador e transformador da realidade.

4.4 Encontros e desencontros: a demanda da clínica

Não são raros os relatos de profissionais afirmando o quanto as dificuldades dos relacionamentos entre homens e mulheres são a principal queixa na clínica psicoterápica. As questões relacionadas à formação, ao rompimento ou à consolidação de vínculos afetivos estariam entre os principais mobilizadores da busca por psicoterapia.

Na década de 80, Vargas (1986), tomando como base a sua experiência clínica, considerou que as mulheres exigiam que seus parceiros desempenhassem um papel que esse autor relacionou ao princípio masculino, ou seja, à função de pai e provedor da família. De outra parte, o homem esperava de sua parceira um desempenho associado ao aspecto materno do princípio feminino. Conflitos no relacionamento adviriam da quebra desses padrões. Mais recentemente, Faria (2015) nota que, na sociedade ocidental, já é possível identificar expectativas de que a mulher também colabore com o sustento do lar e que o homem participe dos afazeres domésticos e do cuidado dos filhos. Em decorrência, na prática clínica, surgem, recorrentemente, exemplos de desentendimento entre o casal em virtude de o parceiro não cooperar nas tarefas domésticas ou a parceira não contribuir financeiramente para a manutenção da família.

Em tempos de alta descartabilidade e fluidez nas relações, Di Yorio (2015), citando Bauman, identifica, nos jovens, a mensagem subliminar de que, se o desejo é relacionar-se, então, permaneça distante; se quer conviver, não assuma e nem exija compromisso, mantenha todas as portas abertas. E, na clínica de casais, a autora observa, em adultos e pessoas mais velhas, a presença cada vez mais constante de fortes traços narcisistas e simbióticos. Nesse último caso, o grande desafio da terapia centra-se na possibilidade de ajudar os membros do casal a formar uma identidade individual, apesar da intimidade característica do relacionamento de longo prazo. Paes Norgren et al. (2004) concordam que é expressamente importante, para que o relacionamento conjugal continue satisfatório ao longo dos anos, que os casais consigam estabelecer um equilíbrio entre conjugalidade e individualidade, partilhando interesses e afetos, evitando o tédio e a repetição, sem, contudo, esquecer da sexualidade.

No que tange à sexualidade nos dias atuais, Moraes (2015) aponta para um crescimento da busca por psicoterapia em razão de grande insatisfação relacionada aos aspectos amoroso e sexual, principalmente entre as mulheres. No entanto, Magaldi Filho (2015) afirma que os homens também sofrem na atualidade e pontua que é preciso pensar a desconstrução do ideário em torno dos papéis feminino e masculino, bem como rever o sentido que é dado à vida a partir da união com o outro e do casamento. Observa, nas jovens que atende, o quanto é desesperadora a questão relacionada às dificuldades de formação de vínculos. Descreve suas pacientes como mulheres muito bonitas, independentes, na faixa dos 35 e 40 anos, que moram sozinhas e vivem o dilema: “se eu dou, sou puta, se não dou, sou fresca. E, então, dou. Ao menos tenho um pouco de prazer”. Todavia, ao serem questionadas se a experiência foi prazerosa, afetiva, calorosa, se houve conversa e comunicação verdadeira, respondem negativamente, o que leva o autor a concluir que, nos dias atuais, as pessoas se desnudam, mas não se despem no imaginário.

Sobre a desconstrução de uma felicidade idealizada, muitas vezes associada ao casamento, Figueiredo (2016) concorda com Magaldi Filho. A autora defende a psicoterapia como meio para o autoconhecimento e o desenvolvimento psicológico. O processo autorreflexivo tenderia a apontar um caminho que envolve considerar que um relacionamento se sustenta a partir da “construção a dois” e do enfraquecimento de ideias românticas, o que fortalece a equidade entre os gêneros. Aponta que, considerando a sua amostra, a terapia opera como um porto seguro para a reflexão, a flexibilização dos estilos de vinculação e a transformação de comportamentos.

Se a clínica psicoterapêutica é o espaço em que se evidenciam as questões da subjetividade mais prevalentes em um dado momento, é de se supor que os padrões de vinculação atuais não estariam dando conta de atender as necessidades afetivas das pessoas envolvidas, nem propiciariam, como talvez fosse de se esperar, o desenvolvimento psicológico. Em tempos de apregoada liberdade sexual e incentivada independência afetiva, homens e mulheres parecem ter dúvidas sobre os papéis a desempenhar e, frequentemente, encontram dificuldade em estabelecer relações afetivamente satisfatórias e favoráveis ao seu desenvolvimento psicológico. Em torno do sexo sem compromisso percebe-se uma complexidade em ambos os sexos na compreensão e representação do fenômeno. Observa-se um discurso cultural endossado por revistas e artigos populares que divulga o tema

apresentando-o sem contradições e ambiguidades relevantes, entretanto não se observa que o mesmo se apresenta isento de conflitos na prática clínica e no contato com as pessoas no dia a dia.

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo geral

Elucidar o que homens e mulheres heterossexuais adultos entendem por sexo sem compromisso/sexo casual.

5.2 Objetivos específicos

1. Identificar as motivações dos participantes homens e das participantes mulheres sobre o sexo sem compromisso/sexo casual.
2. Identificar as atitudes dos participantes homens e das participantes mulheres sobre o sexo sem compromisso/sexo casual.
3. Identificar os comportamentos dos participantes homens e das participantes mulheres sobre o sexo sem compromisso/sexo casual¹.

¹ Apesar de tais variáveis se sobreporem nas respostas, pois motivação e atitude discriminam-se por nuances sutis, entende-se por motivação um sentimento interno, um desejo ou um impulso que leva alguém a fazer alguma coisa (ROGERS, LUDINGTON & GRAHAM, 1997). A atitude, por sua vez, é entendida como “prontidão da psique para agir ou reagir de determinado modo” (JUNG, 1971, par. 687), e uma “maneira organizada e coerente de pensar, reagir, considerando emoção, pensamentos e crenças” (LAMBERT, 1968, p. 78). Como visto no trabalho de Meirelles (2012), comportamento define-se como atividade de um organismo em resposta a estímulos externos ou internos, incluindo atividades observáveis objetivamente, atividades observáveis introspectivamente e processos inconscientes (VANDENBOS, 2010).

6 MÉTODO

6.1 Caracterização do estudo

Optou-se pelo método quantitativo, com a utilização de análise estatística dos dados, de modo a poder generalizar os resultados referentes às motivações, atitudes e comportamentos de homens e mulheres heterossexuais adultos sobre o sexo sem compromisso no Brasil.

O enfoque quantitativo utiliza a coleta e a análise de dados para responder às questões de pesquisa e testar as hipóteses estabelecidas previamente, e confia na medição numérica, na contagem e frequentemente no uso de estatística para estabelecer com exatidão os padrões de comportamento de uma população (SAMPIERE, 2006, p. 5).

Trata-se de um estudo de cunho descritivo. O estudo descritivo fornece um perfil das características do grupo estudado e da distribuição dos eventos nesse grupo (GOMES, 2005 in MYNAYO et al., 2005).

Em relação ao tempo, o estudo é caracterizado como transversal simples, pois os dados foram coletados de uma vez só em um período determinado.

6.2 Participantes

Os participantes da pesquisa são 60 homens e 60 mulheres adultos entre 30 e 50 anos, heterossexuais, brasileiros e residentes no Brasil. Utilizou-se como critério de inclusão ter praticado sexo sem compromisso nos últimos cinco anos.

6.3 Local da pesquisa

O instrumento foi aplicado via *internet*. Segundo Fragoso et al. (2013), a internet mostra-se um veículo importante para coletar dados de pesquisa, uma vez que coloca o pesquisador em contato com uma população abrangente e diversificada.

6.4 Instrumentos

6.4.1 Internet e Google Docs

De acordo com Mendes (2009), a internet está cada vez mais acessível à parte considerável da população brasileira. Dessa maneira, a informação atinge um maior número de pessoas, em menor espaço de tempo, a custo reduzido, pois não se trata mais de um suporte físico, mas virtual. Já Vasconcellos e Guedes (2007) mencionam a baixa confiabilidade nos dados como uma limitação de pesquisas realizadas via internet, uma vez que muitos respondentes podem falsificar informações que não serão passíveis de verificação. Entretanto, optou-se neste estudo pelo uso da internet, como mídia, e do autopreenchimento, como método de aplicação, para garantir a não identificação dos participantes. Exatamente por se tratar de um tema que requer maior sigilo, tais medidas, que possibilitam que o pesquisador não tenha contato pessoal com os pesquisados, nem tenha acesso a dados que os identifiquem, tinham como objetivo maximizar as possibilidades de obtenção de respostas fidedignas.

6.4.2 Questionário

O questionário “A gente se vê por aí: motivações, atitudes e comportamentos de homens e mulheres heterossexuais adultos sobre o sexo sem compromisso” foi desenvolvido pela pesquisadora a partir da revisão bibliográfica feita, que serviu como modelo para questões sobre o tema consideradas mais pertinentes. Os trabalhos de revisão que mais ajudaram na elaboração do instrumento foram as questões da pesquisa mista de Olmstead et al. (2013) e as questões da pesquisa qualitativa de Jota (2008). O questionário é precedido por perguntas sobre dados de identificação e histórico de vida sexual. As questões referentes a motivações e atitudes a respeito da prática do sexo sem compromisso/sexo casual configuram-se em uma escala que varia de 1 a 6, na qual 1 representa discordo fortemente e 6, concordo fortemente. As questões referentes aos comportamentos característicos do fenômeno configuram-se em uma escala de 1 a 6, na qual 1 representa nunca e 6 representa sempre. O participante é convidado a responder, escolhendo na escala a pontuação que mais esteja de acordo com suas percepções e vivências.

6.5 Procedimentos

6.5.1 Procedimento de seleção de amostra

A pesquisa utilizou o tipo de amostra intencional por critério e selecionada em bola de neve. De acordo com Fragoso et al. (2013), a amostra intencional por critério é uma amostra qualitativa, cujos elementos são selecionados conforme critérios que derivam do problema de pesquisa, das características do universo observado e das condições e métodos de observação e análise. O tipo de amostra em bola de neve constitui-se quando, a partir de um primeiro indivíduo, caso ou elemento de interesse, identifica(m)-se outro(s); a partir desse(s), ainda outro(s), e assim por diante.

Foi feito um anúncio divulgado pelo *e-mail* da pesquisadora e distribuído para sua lista de contatos explicando em que consistia a pesquisa e também foi apresentado em um *link* colocado no *facebook* da pesquisadora. A chamada constou dos seguintes dizeres: “Convido a pessoa interessada em participar desta pesquisa, cujo objetivo é estudar as motivações, atitudes e comportamentos de homens e mulheres heterossexuais adultos sobre o sexo sem compromisso, a colaborar voluntariamente acessando o *link* abaixo, quando receberá maiores esclarecimentos. Sua participação é extremamente importante para nós, pois nos ajudará a compreender um fenômeno atual nas relações afetivas”. O participante respondeu de forma anônima, pois seu nome verdadeiro não foi solicitado, informação que lhe foi dada na apresentação da pesquisa.

6.5.2 Procedimento de aplicação

A pesquisa foi disponibilizada em um *link* na *internet* anunciado na página do *facebook* da pesquisadora e divulgado por *e-mail* para a lista de contatos da pesquisadora. Os participantes que optaram por responder ao questionário acessaram um programa chamado *Google Docs* que os direcionou para várias etapas do questionário, no qual deveriam selecionar as opções.

Foi realizado um pré-teste com pessoas conhecidas e algumas questões foram reelaboradas com o intuito de apresentar um instrumento mais acessível e inteligível.

6.5.3 Procedimento de análise de dados

O tratamento estatístico foi realizado por intermédio da estatística descritiva de amostra. Os dados desta pesquisa, obtidos por meio de questionário, foram processados mediante o programa SPSS (Statistical Package of Social Sciences) 20.0. Para a construção dos gráficos foi utilizado o programa Excell. Para a caracterização da amostra, as variáveis demográficas foram apresentadas sob a

forma de tabelas cruzadas com a variável sexo uma vez que esta é considerada a principal variável independente do trabalho. A fim de comparar as respostas às questões das escalas entre os gêneros, foi aplicado o Teste 't' para Comparação de Médias para amostras independentes. Este teste foi escolhido uma vez que as respostas às questões da escala foram do tipo intervalar (variando de 0 a 6 pontos). As tabelas referentes a este trabalho apresentam a distribuição dos participantes pelas diferentes respostas assim como os resultados das médias desvio padrão e erro padrão para os dois grupos (masculino e feminino). Cada tabela apresenta também o valor da estatística 't' e o seu nível de significância.

6.5.4 Procedimento ético

Esta pesquisa obedeceu às Resoluções: CNS/MS 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e 510/16 referente às diretrizes éticas para pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, e do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP de acordo com a Deliberação n. 06/2007, com inclusão de TCLE dos participantes da pesquisa.

7 RESULTADOS

Os gráficos a seguir são apresentados por numeração e título e as tabelas são também numeradas e apresentadas pela questão correspondente no questionário. Note-se que as questões referentes a motivações e atitudes configuram-se em uma escala que varia de 1 a 6, na qual 1 representa “discordo fortemente” e 6, “concordo fortemente”, e as questões referentes aos comportamentos configuram-se em uma escala de 1 a 6, na qual 1 representa “nunca” e 6, “sempre”. Considera-se que 3 e 4 representam posições intermediárias.

Os resultados são apresentados em três grandes grupos: o primeiro é relativo aos dados de identificação, o segundo, às motivações e atitudes, e o terceiro, aos comportamentos. A partir da configuração do próprio questionário, entende-se que motivações/atitudes e comportamentos são categorias de análises amplas que, por sua vez, foram diferenciadas em subcategorias. Tais subcategorias congregam as respostas às perguntas do questionário com base nos temas levantados na pesquisa bibliográfica e serão analisadas, sobretudo, com base na interpretação das tabelas.

Abaixo, encontra-se quadro sintético das categorias de análise e respectivas subcategorias.

Categoria	Subcategorias
Motivação e atitudes	<ol style="list-style-type: none"> 1. Envolvimento 2. Preferência e nível de satisfação 3. Vínculo 4. Duplo padrão sexual 5. Estímulo
Comportamentos	<ol style="list-style-type: none"> 1. O parceiro para sexo sem compromisso 2. Outros comportamentos associados ao sexo sem compromisso

7.1 Dados de identificação

Gráfico 1 – Distribuição da amostra por sexo

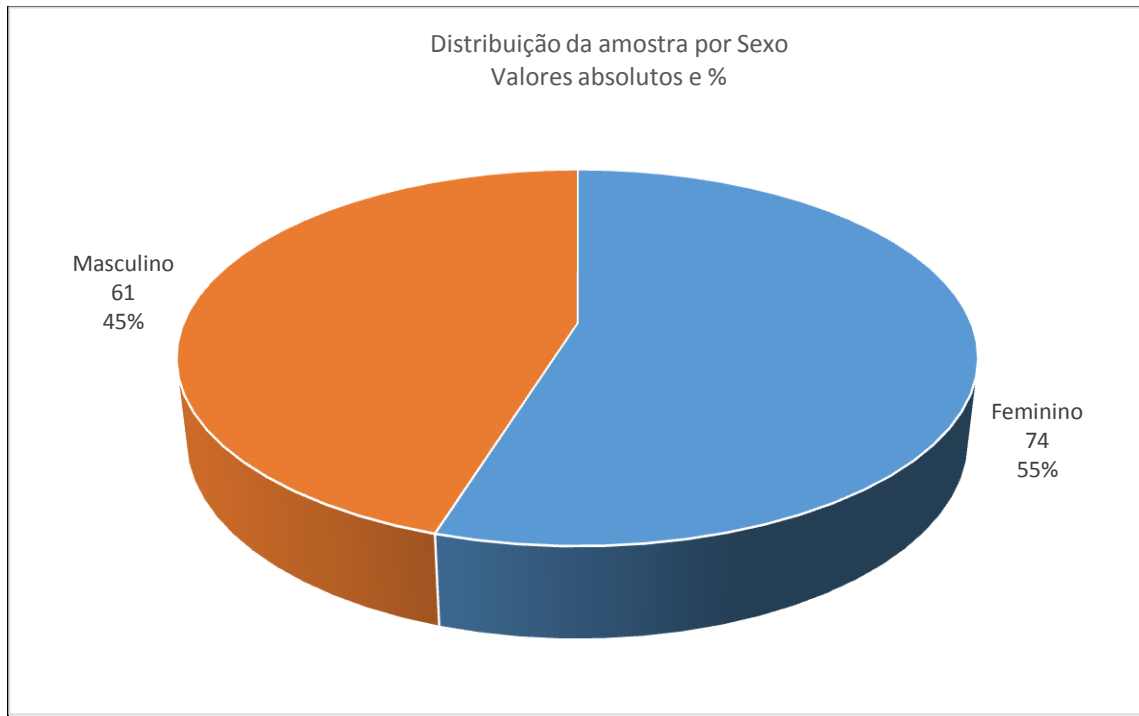


Gráfico 2 – Faixa etária por sexo

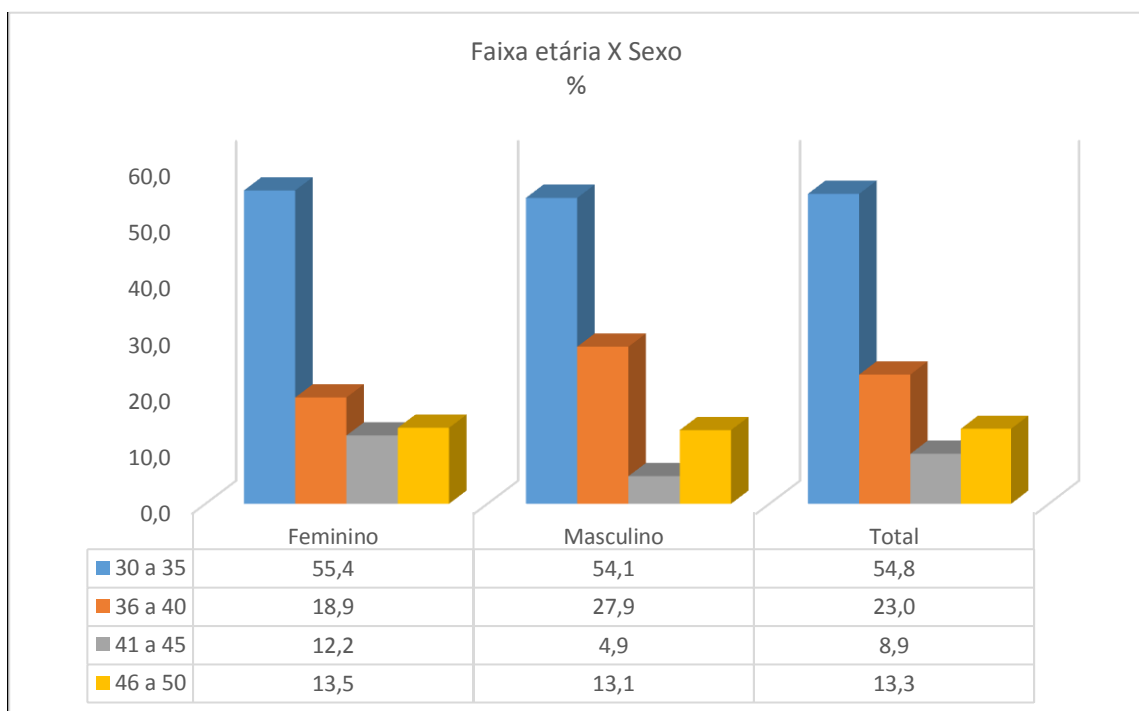


Gráfico 3 – Região de residência por sexo

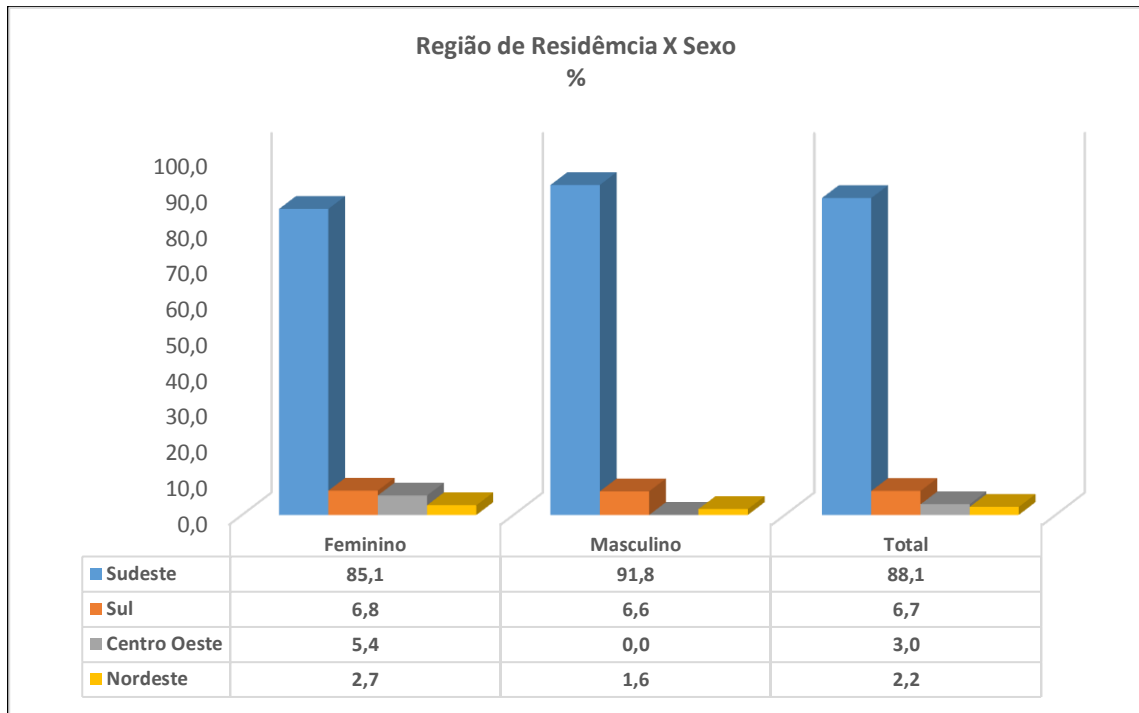


Gráfico 4 – Local de residência por sexo

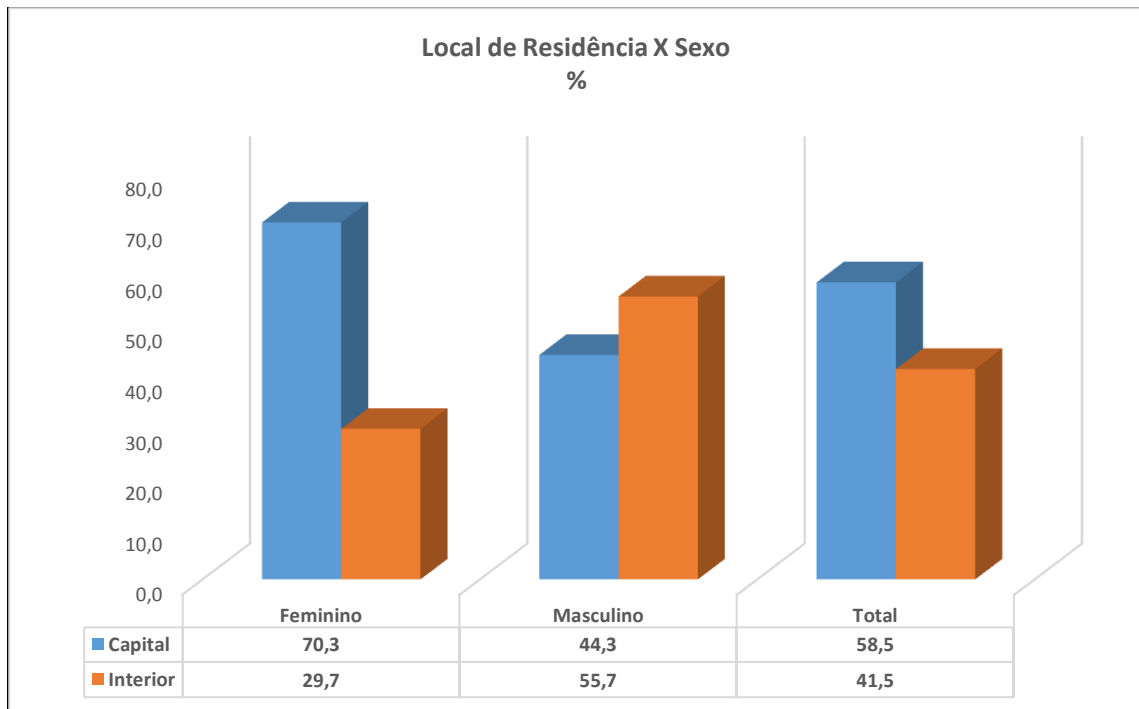


Gráfico 5 – Escolaridade por sexo

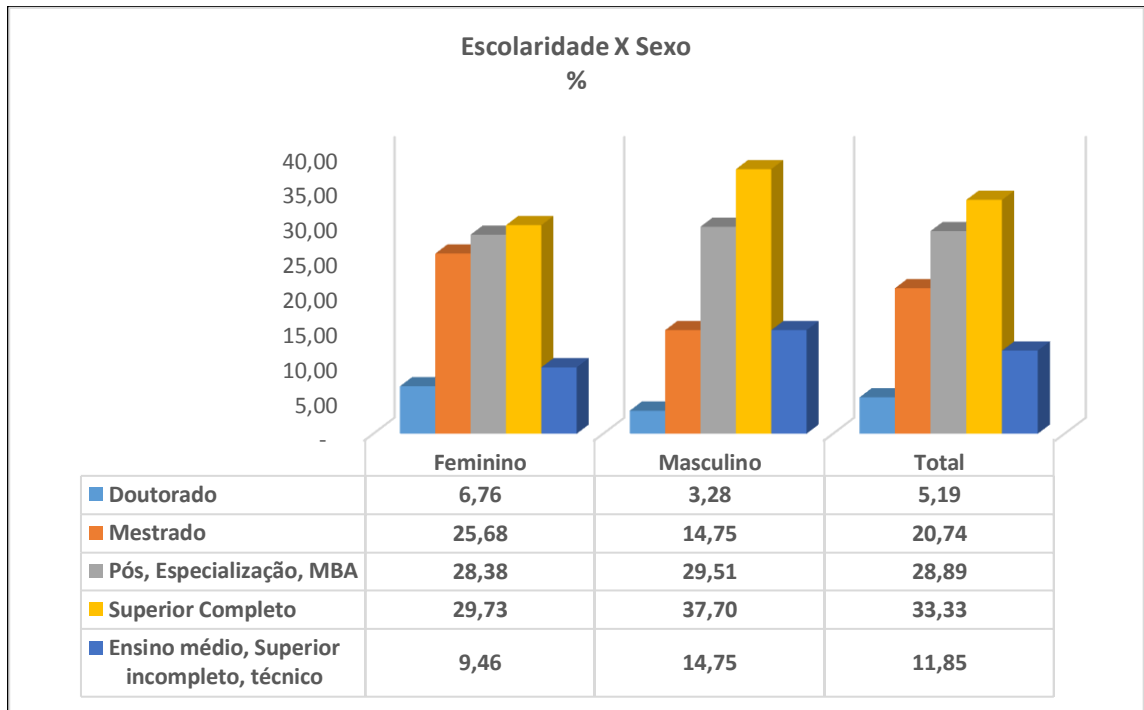


Gráfico 6 – Exercício de atividade remunerada por sexo

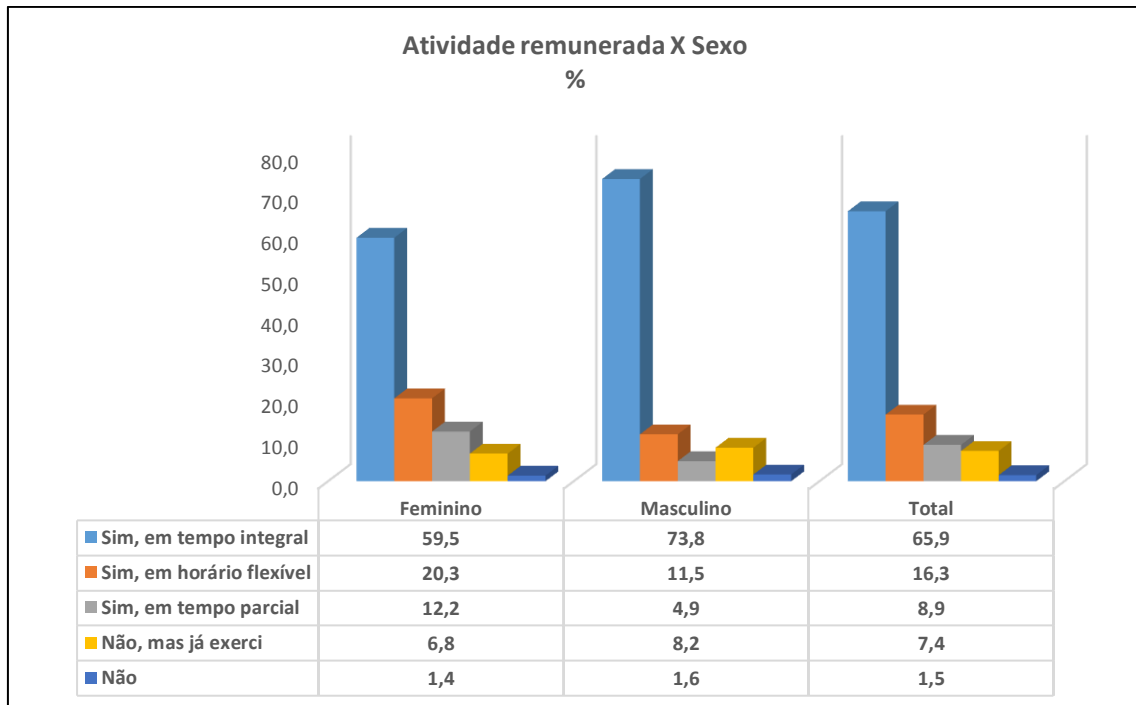


Gráfico 7 – Religião por sexo

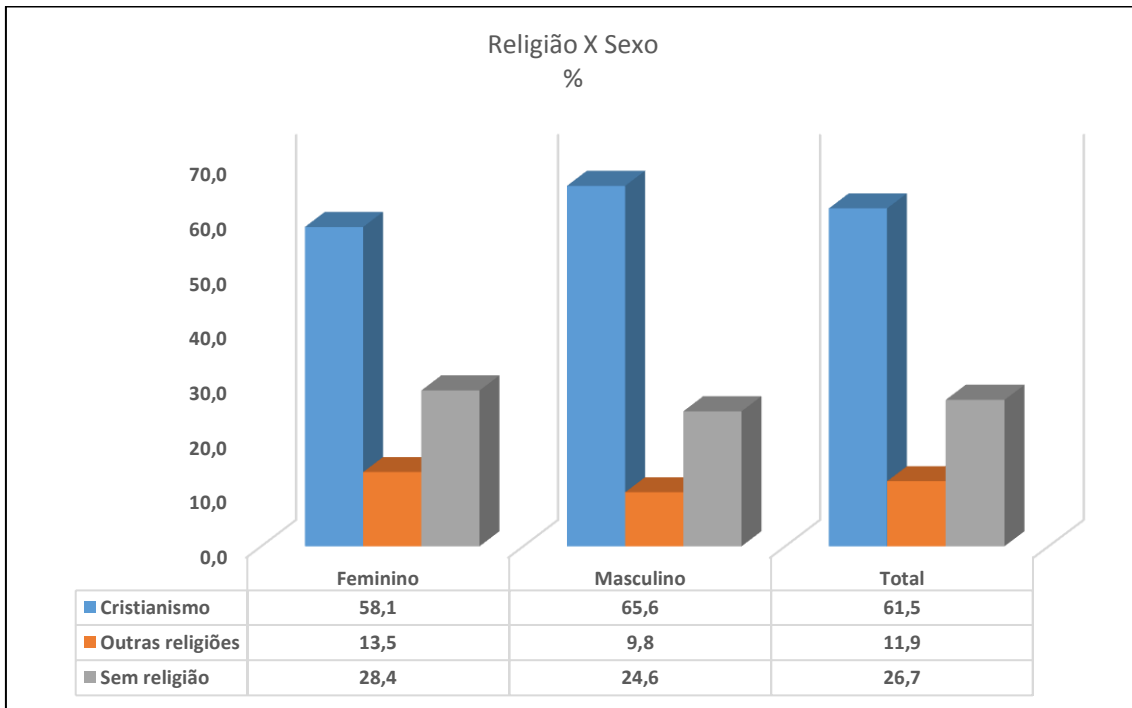


Gráfico 8 – Filhos por sexo

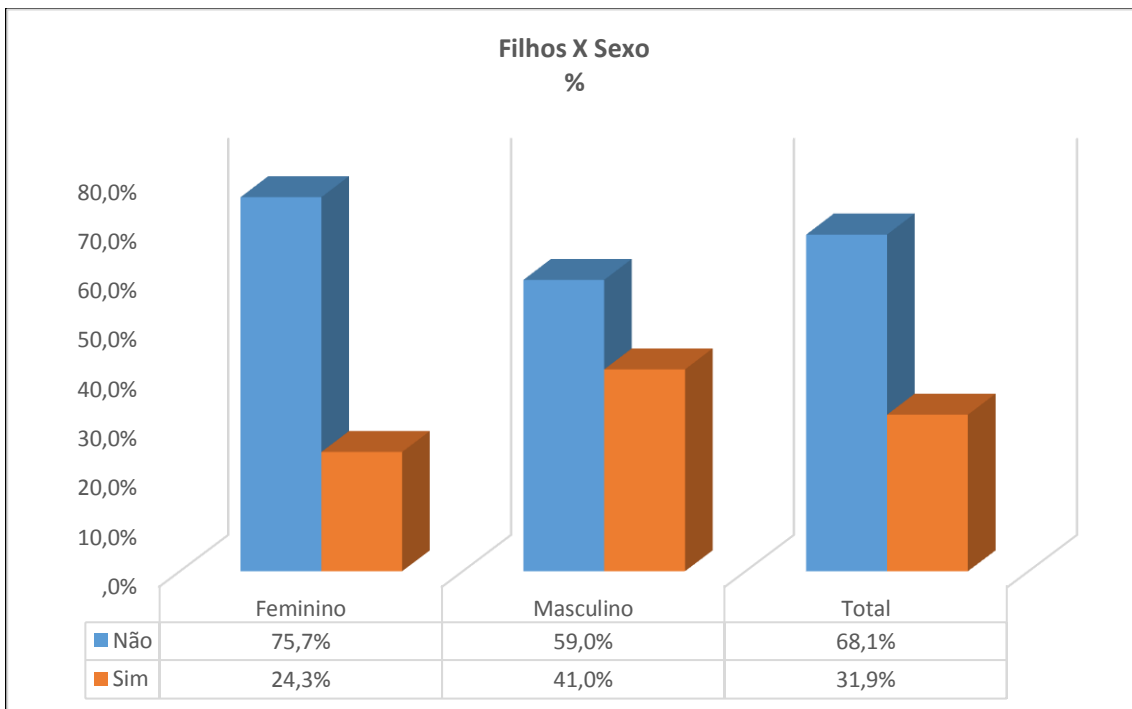


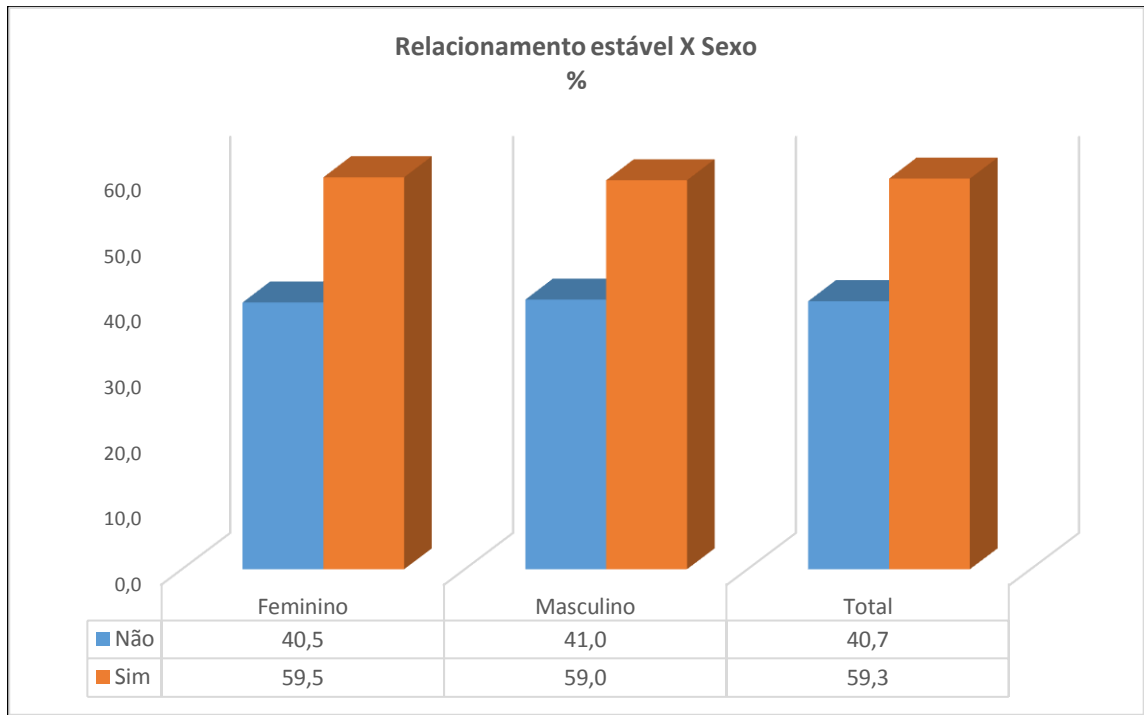
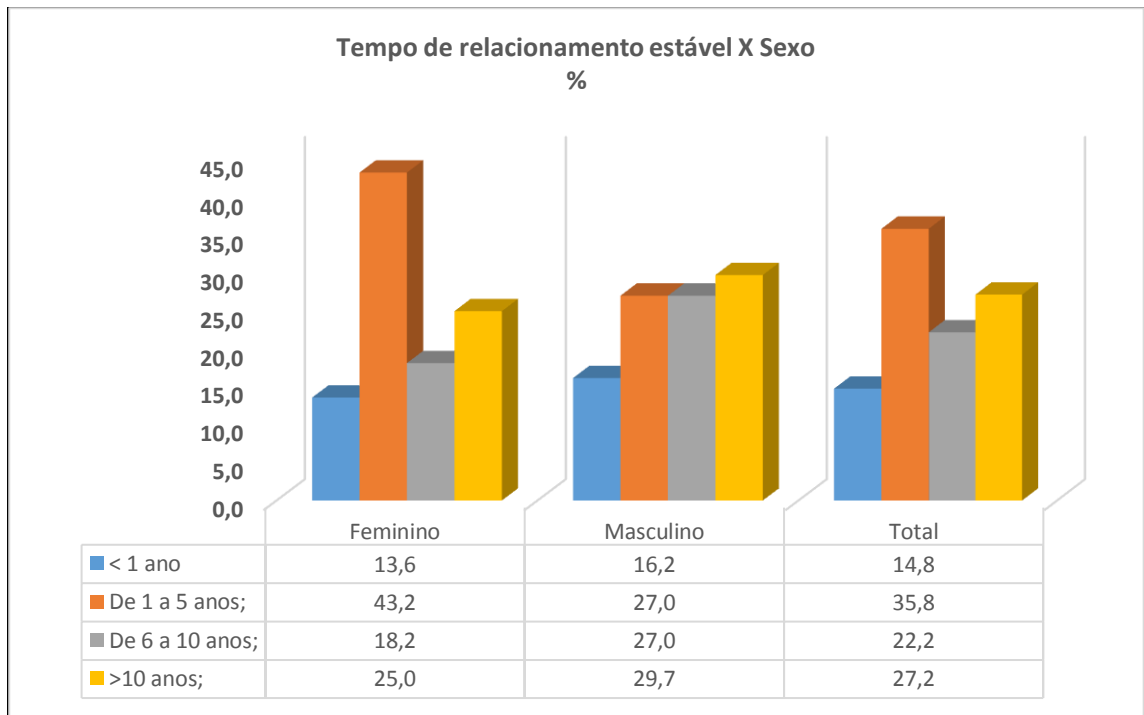
Gráfico 9 – Relacionamento estável por sexo**Gráfico 10: Tempo de relacionamento estável por sexo**

Gráfico 11 – Tipo de união por sexo

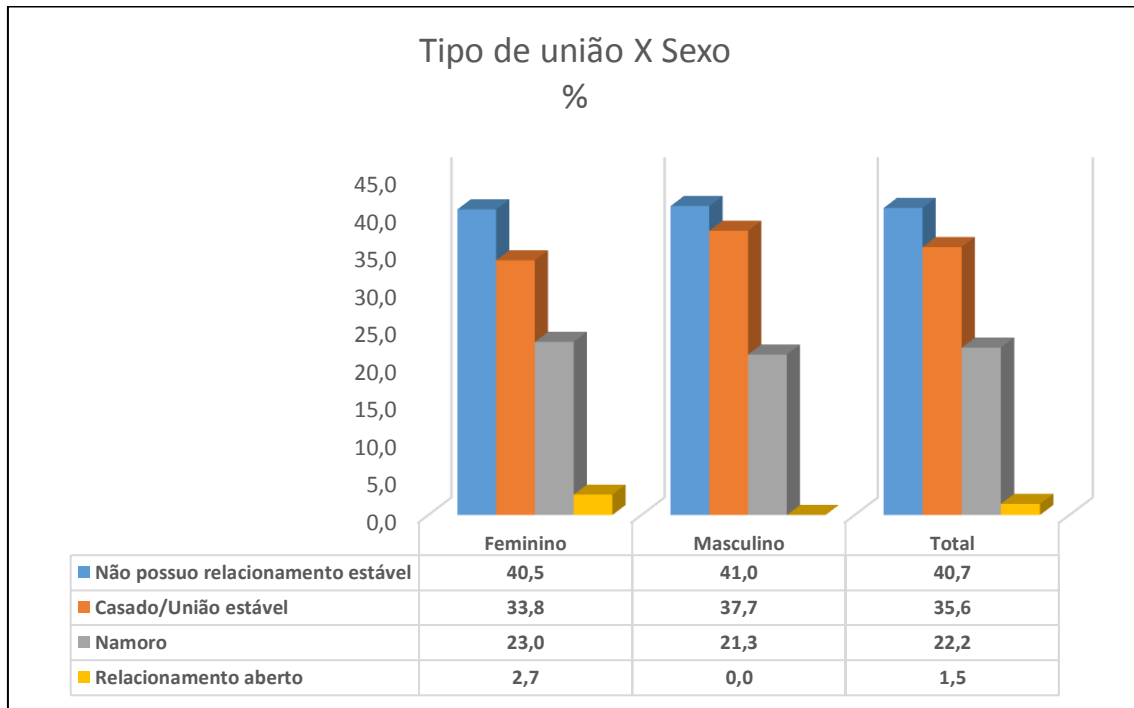


Gráfico 12 – Com quem iniciou a vida sexual por sexo

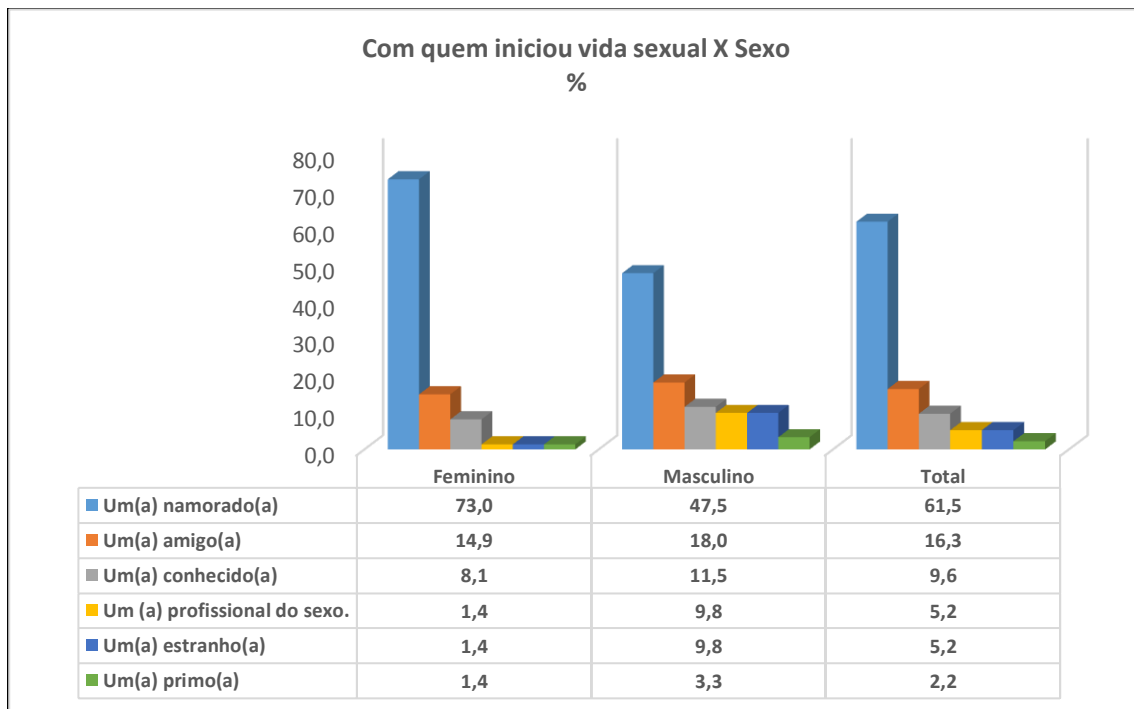
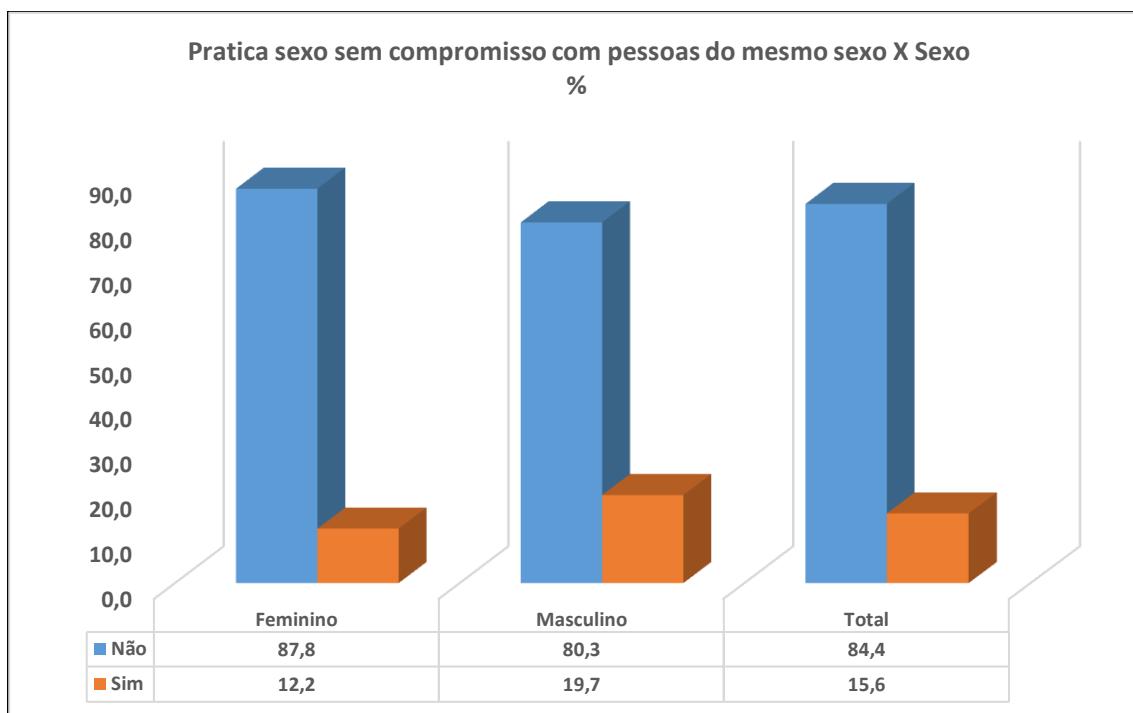


Gráfico 13 – Prática do sexo sem compromisso com pessoas do mesmo sexo

A análise dos dados apresentados nos gráficos anteriores revela que mais da metade da amostra é constituída por mulheres (55%). Nesse grupo, predominam aquelas com idade entre 30 e 35 anos (55,4%) e as que residem na região sudeste (85,1%) e na capital do estado (70,3%). São pessoas que, em sua grande maioria, têm escolaridade superior ou acima (90,55%) e exercem uma atividade remunerada (92%), mais frequentemente em tempo integral (59,5%). A maior parte desse grupo é constituída por mulheres que não são mães (75,7%) e que consideram estar em um relacionamento estável (59,5%), cuja duração está em torno de 1 a 5 anos (43,2%). Mais da metade das mulheres que responderam ao questionário professa a religião cristã (58,1%). A grande maioria iniciou a vida sexual com um namorado (73%) e declarou não praticar sexo sem compromisso com outras mulheres, mesmo que ocasionalmente (87,8%).

O grupo constituído por homens representa 45% do total da amostra. De modo semelhante ao que se constata no grupo feminino, há o predomínio da faixa etária que vai dos 30 aos 35 anos (54,1%). São também indivíduos que, em sua grande maioria, residem no sudeste do país (91,8%), embora estejam menos concentrados na capital do estado (44,3%). Ainda como no caso das mulheres

participantes da pesquisa, são mais frequentes aqueles com escolaridade superior ou acima (85,25%) e que se dedicam a uma atividade remunerada (90,2%). Todavia, nesse caso, a frequência do trabalho em tempo integral é maior (73,8%) do que a observada no conjunto das mulheres. A maior parte dos respondentes considera estar em um relacionamento estável (59%), com duração superior a cinco anos em 56,7% dos casos. Grande parte do grupo masculino não tem filhos (59,0%). Mais da metade dos participantes professam a religião cristã (65,6%). Como no grupo feminino, a grande maioria (80,3%) declara não praticar sexo sem compromisso com pessoas do mesmo sexo. Todavia, diferentemente do relatado pelas mulheres, menos da metade (47,5%) dos homens da amostra indicou ter iniciado sua vida sexual com uma namorada e, para aproximadamente 20% dos respondentes, tal iniciação se deu com uma estranha ou com uma profissional do sexo (esse percentual foi de cerca de 3% no grupo feminino).

Dado o acima exposto, e considerando as características mais comuns, podemos concluir que a amostra é composta, predominantemente, por adultos que estão concentrados na região do Sudeste do país. São pessoas com alto nível de escolaridade e que, em geral, exercem uma atividade remunerada. Pode-se supor que a maior parte dos respondentes tem uma orientação heterossexual, declarando não manter relações casuais com pessoas do mesmo sexo, e se encontra em um relacionamento estável entre um a cinco anos, no caso das mulheres, e com duração superior a cinco anos, no grupo masculino. A maioria tem como religião o cristianismo, considerado em suas várias vertentes.

7.2 Categorias de análise

7.2.1 Motivações e atitudes

Entende-se por motivação um sentimento interno, um desejo, um impulso que leva alguém a fazer alguma coisa. Já atitude é entendida como uma prontidão da psique para agir ou reagir de determinada maneira, além de revelar como determinada pessoa se coloca no mundo, qual a sua postura perante si mesma e perante as demais pessoas.

7.2.1.1 Subcategoria 1 – Envolvimento

Esta subcategoria agrupa questões que se referem ao que aqui é entendido como o modo de envolvimento na relação e que corresponde às expectativas referentes aos relacionamentos estabelecidos. Consideram-se as questões 1, 2, 23, 7, 3, 11 e 24. Note-se que algumas questões aparecem em suas formas afirmativa e negativa, visando dupla checagem.

Tabela 1 – Questão 1

Para mim, sexo e amor são coisas distintas.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	14,9	4,9	10,4
2	5,4	6,6	5,9
3	18,9	11,5	15,6
4	12,2	16,4	14,1
5	21,6	21,3	21,5
6	27,0	39,3	32,6
Total	100,0	100,0	100,0

N	74,0	61,0	135,0
Média	4,01	4,61	4,28
Desvio padrão	1,756	1,509	1,669
t	-2,080		
P	,039		

Tabela 2 – Questão 2

Quando faço sexo sem compromisso, busco relacionamentos que sejam somente passageiros.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	24,3	6,6	16,3
2	9,5	14,8	11,9
3	24,3	14,8	20,0
4	13,5	16,4	14,8
5	14,9	13,1	14,1
6	13,5	34,4	23,0
Total	100,0	100,0	100,0

N	74,0	61,0	135,0
Média	3,26	4,18	3,67
Desvio padrão	1,729	1,688	1,765
t	-3,122		
P	,002		

De acordo com o observado na Tabela 1, os homens participantes da pesquisa consideram, significativamente mais do que o grupo feminino, a distinção entre amor e sexo. A Tabela 2, por sua vez, indica haver uma clara diferença entre os grupos no que se refere à duração esperada do relacionamento, com os homens, de modo mais frequente que as mulheres, buscando relacionamentos apenas passageiros quando se trata de sexo sem compromisso.

Tabela 3 – Questão 23

Eu me envolvo afetivamente com meu parceiro (a) de sexo sem compromisso.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	10,8	27,9	18,5
2	8,1	9,8	8,9
3	18,9	27,9	23,0
4	29,7	16,4	23,7
5	18,9	11,5	15,6
6	13,5	6,6	10,4
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	3,78	2,93	3,40
Desvio padrão	1,483	1,569	1,575
t	3,226		
P	,002		

Tabela 4 – Questão 7

Quando faço sexo sem compromisso, busco relacionamentos que possibilitem troca emocional e formação de vínculo./	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	9,5	16,4	12,6
2	10,8	23,0	16,3
3	16,2	13,1	14,8
4	14,9	18,0	16,3
5	16,2	16,4	16,3
6	32,4	13,1	23,7
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	4,15	3,34	3,79
Desvio padrão	1,710	1,682	1,738
t	2,740		
P	,007		

Considerando-se os resultados apresentados nas Tabelas 3 e 4, as perspectivas de envolvimento afetivo e de formação de vínculo, na prática do sexo sem compromisso, parecem ser diferentes para homens e mulheres. Nesse caso, homens, em geral, tenderiam a não buscar relacionamentos que possam levar à formação de vínculos nem a se envolver afetivamente tanto quanto as mulheres.

Tabela 5 – Questão 3

Quando faço sexo sem compromisso, não crio expectativas de um relacionamento sério.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	9,5	6,6	8,1
2	23,0	6,6	15,6
3	24,3	14,8	20,0
4	6,8	9,8	8,1
5	14,9	16,4	15,6
6	21,6	45,9	32,6
Total	100,0	100,0	100,0

N	74,0	61,0	135,0
Média	3,59	4,61	4,05
Desvio padrão	1,703	1,636	1,742
t	-3,497		
P	,001		

Tabela 6 – Questão 11

Quando faço sexo sem compromisso, crio expectativas de um relacionamento sério.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	31,1	31,1	31,1
2	18,9	31,1	24,4
3	16,2	13,1	14,8
4	16,2	9,8	13,3
5	6,8	13,1	9,6
6	10,8	1,6	6,7
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	2,81	2,48	2,66
Desvio padrão	1,685	1,445	1,584
t	1,226		
P	,222		

As questões abrangidas pelas Tabelas 5 e 6 dizem respeito à criação de expectativas de um relacionamento sério a partir do encontro para o sexo casual. Ao responder à questão em sua forma negativa (Tabela 5), mulheres e homens, em boa parte, declaram não criar tais expectativas, sendo essa, contudo, uma resposta que mais enfaticamente aparece no grupo masculino. Tal diferença não se faz notar de modo significativo quando a pergunta é feita em sua forma afirmativa, como se as atitudes de homens e mulheres, nesse quesito, fossem similares.

Tabela 7 – Questão 24

Quando faço sexo sem compromisso com alguém, é importante que ele(a) tome a iniciativa de ligar ou mandar mensagem no(s) dia(s) seguinte(s).	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	17,6	41,0	28,1
2	13,5	18,0	15,6
3	14,9	26,2	20,0
4	10,8	9,8	10,4
5	23,0	3,3	14,1
6	20,3	1,6	11,9
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	3,69	2,21	3,02
Desvio padrão	1,805	1,266	1,743
t	5,566		
P	0,000		

Os resultados da Tabela 7 sugerem que, entre as mulheres, é maior a tendência a considerar importante que o parceiro mantenha contato nos dias seguintes.

As respostas às questões relacionadas ao modo de envolvimento e apresentadas nas tabelas acima levam a crer que há certa ambiguidade nas atitudes do grupo feminino no que diz respeito ao sexo sem compromisso. As mulheres, em sua maioria, afirmam não criar expectativas de um vínculo mais sério a partir do sexo sem compromisso. Todavia, mesmo nessa situação, buscariam, mais frequentemente do que os homens, relacionamentos que envolvam troca emocional e a possibilidade de formação de vínculos. Se comparada à amostra masculina, tenderiam, ainda, a se envolver afetivamente e a esperar que o parceiro tome a iniciativa de retomar o contato após o ato sexual. Em contrapartida, os homens participantes da pesquisa mostraram-se mais consistentes no sentido de não criar expectativas de vínculos afetivos e de evitar o envolvimento em relacionamentos sexuais casuais.

7.2.1.2 Subcategoria 2 – Preferência e nível de satisfação

Esta subcategoria agrupa as questões que se referem à preferência por uma modalidade de prática sexual – com ou sem compromisso – e aos sentimentos e sensações que podem decorrer das duas modalidades. Consideram-se as questões 4, 12, 8, 25, 5, 19, 18, 13, 22.

Tabela 8 – Questão 4

Prefiro o sexo sem compromisso ao sexo com compromisso (sexo em um relacionamento estável).	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	Feminino
1	54,1	45,9	50,4
2	23,0	18,0	20,7
3	12,2	9,8	11,1
4	4,1	13,1	8,1
5	4,1	4,9	4,4
6	2,7	8,2	5,2
Total	100,0	100,0	100,0

N	74,0	61,0	135,0
Média	1,89	2,38	2,11
Desvio padrão	1,277	1,655	1,474
t	-1,875		
P	,063		

Tabela 9 – Questão 12

Prefiro o sexo com compromisso (sexo em um relacionamento estável) ao sexo sem compromisso.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	Total
1	2,7	8,2	5,2
2	2,7	8,2	5,2
3	9,5	13,1	11,1
4	10,8	14,8	12,6
5	18,9	19,7	19,3
6	55,4	36,1	46,7
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	5,07	4,38	4,76
Desvio padrão	1,317	1,655	1,513
t	2,641		
P	,009		

Os resultados das Tabelas 8 e 9 indicam que os participantes da amostra de ambos os sexos, em sua maioria, expressam preferir o sexo com compromisso ao sexo sem compromisso. Todavia, nota-se especialmente na Questão 12 que, no grupo composto por mulheres, essa tendência é maior do que no grupo masculino.

Tabela 10 – Questão 8

O sexo com compromisso (sexo em um relacionamento estável) me leva ao orgasmo.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1		3,3	1,5
2	2,7	1,6	2,2
3	12,2	4,9	8,9
4	10,8	6,6	8,9
5	12,2	16,4	14,1
6	62,2	67,2	64,4
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	5,19	5,33	5,25
Desvio padrão	1,201	1,235	1,214
t	-,659		
P	,511		

Tabela 11 – Questão 25

O sexo sem compromisso me leva ao orgasmo.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	12,2	3,3	8,1
2	2,7	1,6	2,2
3	18,9	9,8	14,8
4	17,6	11,5	14,8
5	28,4	26,2	27,4
6	20,3	47,5	32,6
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	4,08	4,98	4,49
Desvio padrão	1,586	1,297	1,525
t	-3,637		
P	,000		

Os resultados apresentados nas Tabelas 10 e 11 indicam que os participantes da pesquisa, de ambos os sexos, declaram atingir o orgasmo nas duas modalidades de prática sexual – com ou sem compromisso. Todavia, os resultados nesse quesito para “sexo com compromisso” são maiores do que para “sexo sem compromisso”, o que parece ser confluyente com a preferência indicada nas Tabelas 8 e 9. Isso posto, é digno de nota o fato de que os homens participantes da pesquisa expressam atingir o orgasmo no sexo sem compromisso com mais frequência do que as mulheres.

Tabela 12 – Questão 5

Quando faço sexo sem compromisso com alguém, eu me preocupo com o prazer do meu parceiro (a).	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	6,8	4,9	5,9
2	8,1	3,3	5,9
3	18,9	11,5	15,6
4	12,2	6,6	9,6
5	24,3	9,8	17,8
6	29,7	63,9	45,2
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	4,28	5,05	4,63
Desvio padrão	1,583	1,510	1,592
t	-2,854		
P	,005		

Tabela 13 – Questão 19

Quando faço sexo sem compromisso com alguém, eu me preocupo com o meu prazer.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	2,7	3,3	3,0
2	1,4	3,3	2,2
3	6,8	18,0	11,9
4	13,5	18,0	15,6
5	25,7	23,0	24,4
6	50,0	34,4	43,0
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	5,08	4,57	4,85
Desvio padrão	1,214	1,384	1,313
t	2,240		
P	,027		

Os valores apresentados nas Tabelas 12 e 13 parecem indicar que há uma diferença na atitude de homens e mulheres em relação ao prazer que pode decorrer do ato sexual. Os resultados obtidos sugerem que o grupo masculino tenderia a se preocupar mais com o prazer da parceira, ao passo que as mulheres estariam mais concentradas na busca do seu próprio prazer.

Tabela 14 – Questão 18

A relação sexual sem compromisso para mim é uma boa experiência.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	13,5	3,3	8,9
2	8,1	1,6	5,2
3	21,6	14,8	18,5
4	17,6	32,8	24,4
5	18,9	29,5	23,7
6	20,3	18,0	19,3
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	3,81	4,38	4,07
Desvio padrão	1,661	1,186	1,487
T	-2,306		
P	,023		

Os resultados constantes da Tabela 14 sugerem que, quando comparados às mulheres, os homens apresentam uma tendência mais acentuada de considerar o sexo sem compromisso uma boa experiência.

Tabela 15 – Questão 13

Após a prática do sexo sem compromisso, sinto ansiedade e inquietação.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	29,7	26,2	28,1
2	9,5	19,7	14,1
3	8,1	13,1	10,4
4	23,0	14,8	19,3
5	12,2	14,8	13,3
6	17,6	11,5	14,8
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	3,31	3,07	3,20
Desvio padrão	1,879	1,750	1,819
t	,778		
P	,438		

Tabela 16 – Questão 22

Após a prática do sexo sem compromisso, sinto bem-estar.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	16,2	8,2	12,6
2	10,8	3,3	7,4
3	23,0	24,6	23,7
4	20,3	29,5	24,4
5	17,6	23,0	20,0
6	12,2	11,5	11,9
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	3,49	3,90	3,67
Desvio padrão	1,598	1,350	1,500
t	-1,636		
P	,104		

Os valores indicados nas Tabelas 15 e 16 parecem apontar não haver diferença significativa entre homens e mulheres no que se refere aos sentimentos que podem ser despertados após a prática do sexo sem compromisso. Todavia, ao considerar as respostas em percentuais, nota-se que as mulheres demonstram associar mais do que os homens (52,8% versus 41,1%) a prática do sexo sem compromisso a sentimentos de ansiedade e inquietação. Em contrapartida, os homens demonstram relacionar o sexo casual à sensação de bem estar mais do que o fazem as mulheres (64% versus 49,1%).

Em seu conjunto, as respostas relativas a preferências e nível de satisfação indicam que, ainda que a maioria dos participantes declare privilegiar a prática do sexo com compromisso e ali encontrar satisfação sexual, o sexo sem compromisso é também considerado, por grande parte da amostra, como fonte de prazer, estando associado, em certa medida, à sensação de bem estar. As diferenças encontradas entre o grupo masculino e o feminino referem-se, principalmente, à maior frequência, entre os homens, de associações positivas e de bem estar com relação ao sexo sem compromisso e à preocupação que eles demonstram com o prazer da parceira, ao passo que as mulheres tenderiam a focalizar mais o próprio prazer.

7.2.1.3 Subcategoria 3 – Vínculo

Esta subcategoria agrupa questões que se referem ao modo como cada sexo se vincula a seus iguais e ao outro sexo.

Tabela 17 – Questão 6

Eu tenho uma boa experiência afetiva com pessoas do sexo feminino em geral.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	23,0	4,9	14,8
2	9,5	4,9	7,4
3	10,8	3,3	7,4
4	6,8	4,9	5,9
5	18,9	24,6	21,5
6	31,1	57,4	43,0
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	3,82	5,11	4,41
Desvio padrão	2,002	1,415	1,870
t	-4,374		
P	,000		

Tabela 18 – Questão 20

Eu tenho uma boa experiência afetiva com pessoas do sexo masculino em geral.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	0,0	54,1	24,4
2	1,4	3,3	2,2
3	6,8	11,5	8,9
4	9,5	11,5	10,4
5	29,7	13,1	22,2
6	52,7	6,6	31,9
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	5,26	2,46	3,99
Desvio padrão	,980	1,785	1,976
t	10,956		
P	,000		

Os dados apresentados nas Tabelas 17 e 18 indicam que experiências afetivas com o sexo oposto, consideradas de modo amplo, são vistas como melhores do que as entre iguais. Parece ser digno de nota, todavia, a frequência com que os homens participantes da pesquisa declaram não ter uma boa relação afetiva com outros homens (54,1%), ao passo que consideram, em sua maioria, estabelecer bons relacionamentos com mulheres (57,4%). As mulheres também tenderiam a terem uma boa relação afetiva com o sexo oposto (54,1%), e, comparativamente ao grupo masculino, apenas 23% indica não terem uma boa relação afetiva com outras mulheres.

7.2.1.4 Subcategoria 4 – Duplo padrão sexual

Esta subcategoria agrupa questões que se referem ao que se entende por um conjunto de normas sociais que regem os comportamentos sexuais e que determinam e avaliam as práticas sexuais de cada gênero. Foram consideradas as questões 10, 14, 17 e 21.

Tabela 19 – Questão 10

Considero que a sociedade valoriza a mulher que faz sexo sem compromisso.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	62,2	41,0	52,6
2	18,9	26,2	22,2
3	12,2	19,7	15,6
4	2,7	6,6	4,4
5	1,4	3,3	2,2
6	2,7	3,3	3,0
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	1,70	2,15	1,90
Desvio padrão	1,155	1,302	1,239
t	-2,102		
P	,037		

Tabela 20 – Questão 14

Considero que a sociedade valoriza o homem que faz sexo sem compromisso.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	12,2	14,8	13,3
2	6,8	14,8	10,4
3	5,4	21,3	12,6
4	14,9	19,7	17,0
5	23,0	18,0	20,7
6	37,8	11,5	25,9
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	4,43	3,46	3,99
Desvio padrão	1,737	1,587	1,734
t	3,369		
P	,001		

Os resultados apresentados nas Tabelas 19 e 20 revelam que o conjunto dos pesquisados considera que a sociedade vê diferentemente homens e mulheres em relação ao sexo sem compromisso. Assim, as mulheres entendem que o homem é valorizado por essa prática, enquanto a mulher, não. Vale notar, todavia, que o grupo feminino parece perceber com mais intensidade do que o grupo masculino o que poderia ser considerado uma censura social às mulheres que praticam o sexo casual. De outro lado, os homens parecem sentir o valor a eles atribuído menos intensamente do que o grupo feminino supõe ser o caso. Assim, as mulheres tendem, mais do que o próprio grupo masculino, a considerar que o exercício do sexo sem compromisso confere valor aos homens.

Tabela 21 – Questão 17

Considero que a sociedade desvaloriza a mulher que faz sexo sem compromisso.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	10,8	4,9	8,1
2	1,4	9,8	5,2
3	2,7	13,1	7,4
4	6,8	9,8	8,1
5	28,4	29,5	28,9
6	50,0	32,8	42,2
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	4,91	4,48	4,71
Desvio padrão	1,598	1,545	1,583
t	1,580		
P	,117		

Tabela 22 – Questão 21

Considero que a sociedade desvaloriza o homem que faz sexo sem compromisso.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	60,8	26,2	45,2
2	24,3	32,8	28,1
3	8,1	23,0	14,8
4	4,1	6,6	5,2
5	0,0	3,3	1,5
6	2,7	8,2	5,2
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	1,66	2,52	2,05
Desvio padrão	1,089	1,456	1,334
t	-3,827		
P	0,000		

Os dados apresentados nas Tabelas 21 e 22 são confluentes com os resultados apontados nas duas tabelas anteriores. Os participantes da amostra, em grande parte, entendem que a sociedade desvaloriza a mulher que faz sexo sem compromisso ao passo que consideram que tal crítica não é dirigida com a mesma intensidade aos homens. Novamente, aqui, o grupo feminino vê a situação masculina com melhores olhos do que eles próprios.

As respostas às questões relacionadas à posição da sociedade em relação a homens e mulheres que praticam o sexo sem compromisso levam a supor que os participantes desta pesquisa identificam a presença de um duplo padrão sexual socialmente estabelecido, ou seja, parece que o homem que pratica o sexo sem compromisso sofre menos sanções sociais do que as mulheres.

7.2.1.5 Subcategoria 5 – Estímulo

Esta subcategoria agrupa questões que se referem ao que foi entendido por motivações que se caracterizam como estímulo para a prática do sexo sem compromisso. Agrupa as questões 15, 16 e 9.

Tabela 23 – Questão 15

Geralmente, busco sexo sem compromisso quando me sinto sozinho (a).	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	16,2	19,7	17,8
2	17,6	18,0	17,8
3	18,9	13,1	16,3
4	16,2	16,4	16,3
5	16,2	9,8	13,3
6	14,9	23,0	18,5
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	3,43	3,48	3,45
Desvio padrão	1,681	1,849	1,752
t	-,141		
P	,888		

Tabela 24 – Questão 16

Faço sexo sem compromisso porque busco novas experiências.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	23,0	8,2	16,3
2	8,1	14,8	11,1
3	10,8	6,6	8,9
4	16,2	16,4	16,3
5	20,3	29,5	24,4
6	21,6	24,6	23,0
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	3,68	4,18	3,90
Desvio padrão	1,873	1,638	1,782
t	-1,648		
P	,102		

Os resultados apresentados nas Tabelas 23 e 24 sugerem que homens e mulheres estão divididos com relação às motivações que mobilizam a busca por sexo sem compromisso. Como nenhuma tendência se apresentou com mais intensidade, nem houve diferença significativa entre o grupo feminino e o masculino, pode-se dizer que os participantes da pesquisa buscam o sexo sem compromisso quer quando se sentem sozinhos, quer quando estão à procura de novas experiências. Essa hipótese, todavia, deve ser vista com cautela uma vez que essas tabelas não mostraram um resultado conclusivo.

Tabela 25 – Questão 9

Faço sexo sem compromisso porque me valoriza.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	Feminino
1	56,8	32,8	45,9
2	14,9	24,6	19,3
3	13,5	21,3	17,0
4	9,5	11,5	10,4
5	2,7	4,9	3,7
6	2,7	4,9	3,7
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135
Média	1,95	2,46	2,18
Desvio padrão	1,333	1,433	1,398
t	-2,151		
P	,033		

Na Tabela 25, observa-se que tanto os homens quanto as mulheres participantes desta pesquisa expressaram forte tendência a discordar da afirmação de que a motivação para o sexo sem compromisso está relacionada ao fato de que esse confira um valor a quem o pratica. No entanto, mulheres discordam disso mais do que homens.

Analisando-se os resultados apresentados, pode-se concluir que o sexo sem compromisso não é visto como algo que confere valor especial a quem o pratica. Dentre os possíveis motivadores para o sexo casual, o sentir-se sozinho e a procura por novas experiências seriam estímulos de importância comparável, tanto para homens quanto para mulheres.

7.2.2 Comportamentos

Entende-se por comportamento a atividade de um organismo em resposta a estímulos internos e externos, incluindo atividades observáveis objetivamente, atividades observáveis introspectivamente e processos inconscientes.

7.2.2.1 Subcategoria 1 – O parceiro para sexo sem compromisso

Esta subcategoria agrupa questões que se referem ao que foi declarado como o perfil das escolhas realizadas por homens e mulheres para o sexo sem compromisso. Foram consideradas as questões 26, 28, 29, 31, 32 e 33.

Tabela 26 – Questão 26

Faço sexo sem compromisso com um amigo (a).	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	33,8	24,6	29,6
2	20,3	8,2	14,8
3	17,6	24,6	20,7
4	12,2	21,3	16,3
5	10,8	14,8	12,6
6	5,4	6,6	5,9
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135,0
Média	2,62	3,13	2,85
Desvio padrão	1,576	1,576	1,591
t	-1,869		
P	,064		

Tabela 27 – Questão 28

Faço sexo sem compromisso com pessoas que conheci em aplicativos de relacionamentos na internet.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	64,9	42,6	54,8
2	10,8	4,9	8,1
3	6,8	13,1	9,6
4	5,4	14,8	9,6
5	8,1	11,5	9,6
6	4,1	13,1	8,1
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135,0
Média	1,93	2,87	2,36
Desvio padrão	1,529	1,893	1,760
T	-3,116		
P	,002		

Tabela 28 – Questão 29

Faço sexo sem compromisso com pessoas que me foram apresentadas por amigos em comum.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	23,0	16,4	20,0
2	8,1	9,8	8,9
3	20,3	21,3	20,7
4	20,3	19,7	20,0
5	24,3	23,0	23,7
6	4,1	9,8	6,7
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135,0
Média	3,27	3,52	3,39
Desvio padrão	1,582	1,588	1,583
t	-,928		
P	,355		

Tabela 29 – Questão 31

Faço sexo sem compromisso com pessoas que conheci em bares e baladas que frequento.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	43,2	24,6	34,8
2	9,5	9,8	9,6
3	16,2	18,0	17,0
4	14,9	11,5	13,3
5	12,2	21,3	16,3
6	4,1	14,8	8,9
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135,0
Média	2,55	3,39	2,93
Desvio padrão	1,631	1,810	1,759
T	-2,831		
P	,005		

Tabela 30 – Questão 33

Faço sexo sem compromisso com alguém que conheci na mesma noite.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	39,2	18,0	29,6
2	10,8	6,6	8,9
3	10,8	13,1	11,9
4	18,9	23,0	20,7
5	13,5	21,3	17,0
6	6,8	18,0	11,9
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135,0
Média	2,77	3,77	3,22
Desvio padrão	1,732	1,717	1,790
t	-3,352		
P	,001		

Tabela 31 – Questão 32

Pratico sexo sem compromisso com diferentes parceiros(as).	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	40,5	14,8	28,9
2	14,9	16,4	15,6
3	13,5	8,2	11,1
4	14,9	24,6	19,3
5	8,1	9,8	8,9
6	8,1	26,2	16,3
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135,0
Média	2,59	3,77	3,13
Desvio padrão	1,687	1,793	1,826
T	-3,918		
P	,000		

A Tabela 26 indica que não há tendência significativa com relação a fazer sexo sem compromisso com amigos (as). A Tabela 27 indica que tanto os homens como as mulheres da amostra pesquisada tendem a não escolher para parceiros de sexo sem compromisso pessoas conhecidas por meio de aplicativos de

relacionamento. Ainda assim, o grupo masculino se mostra mais propenso do que o feminino a praticar sexo sem compromisso com pessoas conhecidas por meio da internet.

De acordo com os resultados apresentados na Tabela 28, os participantes desta pesquisa não mostraram tendência significativa com relação a fazer sexo sem compromisso com pessoas que lhes foram apresentadas por amigos em comum. Todavia, na Tabela 29, há no grupo masculino, mais do que no feminino, a inclinação para se envolver em uma relação sexual sem compromisso com pessoas que tenham conhecido em bares e baladas.

Os resultados constantes das Tabelas 30 e 31 indicam que os homens da amostra considerada expressaram tendência significativamente maior do que a das mulheres a fazerem sexo sem compromisso com alguém que tenham conhecido na mesma noite e a praticar sexo casual com diferentes parceiras.

Cotejando os dados abarcados por esta subcategoria, e considerando-se que todas as possibilidades de encontros aconteçam igualmente para ambos os sexos, não é possível identificar um parceiro preferencial para o grupo feminino. Os homens participantes da pesquisa, por sua vez, parecem ter uma maior disponibilidade para identificar parceiras para sexo sem compromisso em ambientes mais variados. Chama a atenção, por exemplo, a flexibilidade demonstrada no fato de praticarem sexo casual com diferentes parceiras, com pessoas conhecidas por meio de aplicativos ou que tenham encontrado em baladas e bares ou com alguém que tenham conhecido na mesma noite do encontro sexual.

7.2.2.2 Subcategoria 2 – Outros comportamentos associados ao sexo sem compromisso

Esta subcategoria agrupa questões que se referem ao que foi entendido como outros comportamentos envolvidos na situação de sexo sem compromisso. Consideram-se, aqui, as questões 27, 30 e 34.

Tabela 32 – Questão 27

Quando faço sexo sem compromisso com alguém, eu tomo a iniciativa de ligar ou mandar mensagem no(s) dia(s) seguinte(s).	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	27,0	24,6	25,9
2	16,2	6,6	11,9
3	31,1	18,0	25,2
4	17,6	18,0	17,8
5	5,4	23,0	13,3
6	2,7	9,8	5,9
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135,0
Média	2,66	3,38	2,99
Desvio padrão	1,337	1,714	1,555
t	-2,658		
P	,009		

Comparando com a Tabela 7 (Questão 24) “Quando faço sexo sem compromisso com alguém, é importante que ele (a) tome a iniciativa de ligar ou mandar mensagem no (s) dia (s) seguinte (s)”, cuja média é 3,69 para mulheres e 2,21 para homens, com diferença significativa, os resultados apresentados na Tabelas 32 indicam que, se de um lado os homens da amostra ora considerada demonstrariam, mais do que o grupo feminino, tomar a iniciativa de manter contato com a parceira nos dias que se seguem ao encontro sexual, as mulheres, em contrapartida, teriam mais expectativas de serem contatadas após a noite do encontro.

Podemos supor que tais tendências são congruentes com uma visão do homem como elemento mais ativo no encontro sexual, visão essa que faz parte do duplo padrão sexual presente na sociedade.

Tabela 33 – Questão 30

Eu uso preservativo quando faço sexo sem compromisso.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	2,7	1,6	2,2
2	2,7	4,9	3,7
3	8,1	6,6	7,4
4	8,1	6,6	7,4
5	21,6	14,8	18,5
6	56,8	65,6	60,7
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135,0
Média	5,14	5,25	5,19
Desvio padrão	1,286	1,287	1,282
t	-,498		
P	,619		

As respostas à questão contemplada na Tabela 33 sugerem que no grupo masculino assim como no grupo feminino há forte tendência a considerar importante o uso de preservativos quando em situação de sexo sem compromisso.

Tabela 34 – Questão 34

Conto para amigos(as) como foi o encontro de sexo sem compromisso.	Sexo %		Total
	Feminino	Masculino	
1	17,6	39,3	27,4
2	17,6	13,1	15,6
3	17,6	14,8	16,3
4	14,9	13,1	14,1
5	17,6	6,6	12,6
6	14,9	13,1	14,1
Total	100,0	100,0	100,0

N	74	61	135,0
Média	3,42	2,74	3,11
Desvio padrão	1,712	1,806	1,782
t	2,244		
P	,026		

Na Tabela 34, observa-se que as mulheres expressaram contar para amigos (as) como foi o encontro de sexo sem compromisso significativamente mais do que homens.

7.3 Síntese dos resultados

Os resultados obtidos sugerem que, ainda que sejam privilegiadas as relações sexuais vividas no contexto de um relacionamento estável, em que há um compromisso afetivo, o exercício do sexo sem compromisso é uma possibilidade, nos dias atuais, tanto para homens como para mulheres, quando consideramos indivíduos adultos, predominantemente urbanos, com alto nível de escolaridade e engajados em uma ocupação remunerada. Ainda que o prazer pareça estar mais presente no sexo com compromisso, o sexo casual, para ambos os grupos, também se mostra significativamente prazeroso. No entanto, sob outros aspectos, tal prática tende a ser vivida de forma diferente por homens e mulheres.

Aparentemente, na amostra estudada, ambos os sexos vivenciam o sexo sem compromisso de maneira independente de expectativas de vínculo amoroso e relacionamento mais estável. Todavia, nota-se certa ambivalência nas motivações e atitudes do grupo feminino que, ao ser comparado com o grupo masculino, expressa não separar amor de sexo tanto quanto eles e declara o desejo de continuidade do contato, preferindo parceiros que não sejam somente passageiros e com quem haja a possibilidade de trocas afetivas e de uma eventual formação de vínculo.

Os participantes de ambos os sexos indicam que atingem o orgasmo nas duas situações. Todavia, os homens declaram, mais frequentemente que as mulheres, alcançar o orgasmo no sexo sem compromisso e achar que esse tipo de relação é uma boa experiência. Por outro lado, as mulheres declaram estarem mais preocupadas do que eles com o próprio prazer, e eles, mais preocupados com o prazer delas. Aparentemente, a grande maioria dos respondentes reconhece a importância do uso do preservativo na prática do sexo sem compromisso.

Mesmo considerando que a prática do sexo casual é uma alternativa também disponível para as mulheres, os participantes desta pesquisa parecem identificar a presença de um duplo padrão no que diz respeito às expectativas sociais relativas a cada gênero. Pode-se supor que esse seja um dos determinantes dos resultados que indicam que os homens teriam maior flexibilidade com relação à escolha de parceiras para o encontro sexual. Deles também se esperaria uma atitude mais ativa no estabelecimento de contatos posteriores ao encontro sexual.

É de se notar que o comportamento “contar para amigos (as) como foi o encontro de sexo sem compromisso”, reconhecido socialmente como mais prevalente entre os homens, foi mais frequente no grupo feminino.

8 DISCUSSÃO

Em “O problema amoroso do estudante”, Jung (1927/2011a) legitima a importância da problemática sexual e valida a relevância de discuti-la nos círculos acadêmicos. O presente estudo, inspirado nesta passagem da obra de Jung, propõe-se a ser parte do esforço de compreensão de um dos aspectos da sexualidade no mundo contemporâneo, a partir do arcabouço teórico da Psicologia Analítica. Adicionalmente, o interesse em estudar o fenômeno do sexo sem compromisso reforçou-se com a experiência em consultório da pesquisadora no atendimento a pessoas que, ainda que pratiquem o sexo casual, queixam-se de insatisfação sexual e solidão.

A pesquisa realizada delimitou um segmento da população com escolaridade a partir do ensino médio completo e classe socioeconômica média. A internet foi o meio escolhido para divulgar o estudo e recrutar participantes. Tendo em vista os critérios de participação e o objetivo do trabalho, o instrumento utilizado contemplou questões – algumas apresentadas na forma negativa – que exigiam um maior esforço de compreensão e abstração.

Um fato digno de nota foi que, dentre as pessoas que aceitaram participar da pesquisa, as mulheres constituíram maioria. Associado a esse dado, verificou-se, durante o processo de coleta, alguma dificuldade em obter respostas masculinas e o aparente desconforto por parte de alguns homens. Já as mulheres mostraram grande disponibilidade em responder ao questionário bem como em compartilhá-lo, contribuindo ativamente na busca por novos participantes. Essas observações, que sugerem que o grupo feminino estaria mais à vontade com o tema, parecem contrastar com as ideias tradicionalmente aceitas sobre as atitudes de homens e mulheres perante o sexo sem compromisso e, de certo modo, confirmam o observado por Figueiredo (2016) quando esse autor aponta o quanto as diferenças existentes entre os gêneros estão diminuindo, à medida que as mulheres se tornam cada vez mais ativas na arena sexual, possivelmente por se sentirem conquistando um espaço que antes pertencia exclusivamente aos homens. Está também de acordo ao estudo de Palacio (2014) que endossa maior liberdade de escolha das mulheres.

A maior parte da amostra declara estar em um relacionamento estável. No caso das mulheres, entre um a cinco anos e, no caso dos homens, há mais de dez anos. Em princípio, esse não era um resultado esperado, uma vez que um dos critérios de inclusão era que o participante tivesse feito sexo sem compromisso nos últimos cinco anos. Assim, supunha-se que a amostra seria constituída, em sua maior parte, por pessoas que não estariam em uma relação estável. Houve, ainda, uma forte prevalência de respostas indicando que tanto homens como mulheres, mesmo praticando sexo sem compromisso, valorizam relacionamentos mais duradouros, o que se contrapõe às conclusões de alguns autores como, por exemplo, Baumann (2009), que discorreu sobre as relações fluidas da contemporaneidade. Considerando esses resultados e tomando por base o trabalho de Paes Norgren et al. (2004) a respeito de conjugalidade e individualidade, seria pertinente investigar, em estudos futuros, como se apresenta esse comportamento, delimitando melhor as variáveis.

No que diz respeito às expectativas em torno do sexo sem compromisso, houve uma diferença significativa entre homens e mulheres. As participantes mostraram tendência a procurar relações que envolvessem troca emocional e formação de vínculos, o que não se deu no grupo masculino. Esse dado é, em parte, congruente com os achados da pesquisa qualitativa de Jota (2008). Nesse estudo, o autor concluiu que mesmo as mulheres que fazem sexo sem compromisso preferem fazê-lo com um parceiro fixo com quem tenham intimidade e com quem, a partir disso, talvez possam oficializar um vínculo. De modo semelhante, o estudo de Jonason et al. (2009) revelou que as mulheres seriam mais propensas a almejar uma relação estável e estariam interessadas no sexo sem compromisso como uma forma de transição para um relacionamento mais estável. Todavia, contrariamente às conclusões desses dois autores, para quem as mulheres desejam um único parceiro e a possibilidade de formação de um vínculo com compromisso, a presente pesquisa identificou uma atitude ambivalente no grupo feminino: de um lado, parece que as respostas estão, até certo ponto, de acordo com aquilo que os autores apontam, quando sugerem que as mulheres buscam, no sexo sem compromisso, troca afetiva e formação de vínculo mas, ao mesmo tempo, há declarações indicando que as participantes não criam expectativas de um relacionamento estável. Essa aparente contradição será retomada.

As atitudes femininas ambivalentes podem estar associadas àquilo que as

mulheres julgam serem comportamentos socialmente esperados. Todavia, as expectativas sociais quanto aos papéis que seriam tipicamente femininos vêm sofrendo transformações, muitas das quais ainda não consolidadas. Seria possível, portanto, conjecturar que as participantes deste estudo revelaram um ser feminino em transição: de um lado, reconhecem-se como mais livres e independentes; de outro, mostram necessidade de vinculação e aceitação, prezando a continuidade do relacionamento e desejando serem procuradas após o encontro sexual. De uma parte, parecem quererem ser vistas como mulheres que se sentem mais livres ao encarar a possibilidade de a satisfação sexual não estar necessariamente associada ao amor nem à formação de relacionamentos estáveis. De outra, assemelham-se à mulher romântica, cuja “ideologia identifica felicidade feminina com realização amorosa” (LIPOVETSKY, 1997, p. 27) e que deseja o vínculo, ainda que o contexto pareça não ser favorável. Essa ambivalência está de acordo com o observado por Wahba (2016) no que se refere à objetivos contraditórios, fruto de uma herança do patriarcado.

Mesmo considerando-se que existem mudanças a respeito do que é esperado de homens e mulheres, identificou-se, a partir dos dados deste estudo, a permanência de um duplo padrão sexual (RAMOS et al., 2005; CONLEY, ZIEGLER e MOORS, 2012), possivelmente responsável por algumas das diferenças nas respostas dos dois grupos. Um claro exemplo da existência desse duplo padrão são as respostas relacionadas à visão que a sociedade teria sobre homens e mulheres que praticam sexo sem compromisso – valorizando uns e desvalorizando outros. Também denota a existência de atitudes diferentes entre os gêneros o fato de os homens da amostra demonstrarem, mais do que o grupo feminino, tomar a iniciativa de manter contato com a parceira nos dias que se seguem ao encontro sexual e de as mulheres, em contrapartida, demonstrarem mais expectativas de serem contatadas após o encontro.

Todavia, talvez como indicativo de mudanças na atribuição de papéis, há respostas que sugerem a desconstrução de rótulos e de estereótipos de gênero, tais como aqueles que estabelecem que as mulheres não conseguem obter prazer no sexo casual ou que, nessas circunstâncias, os homens não estão preocupados com o prazer da parceira. Os dados deste estudo contradizem essas afirmações. Observa-se, também, alta frequência nos dois grupos de respostas sobre o uso da camisinha durante o ato, o que pode indicar, ao contrário do que se apregoa, que

não apenas as mulheres sabem negociar o uso da camisinha, como também não há resistência dos homens em usá-la. Vale lembrar que a pesquisa lidou com uma população tida como mais esclarecida e madura, o que talvez explique, parcialmente, a natureza dessas respostas.

Há, na amostra como um todo, o desejo pelo encontro e pelo prazer, com as mulheres manifestando chegar ao orgasmo no sexo sem compromisso, ainda que menos frequentemente do que os homens. Assim, o atual estudo não confirma os achados de Goldenberg (2014) que, em artigo escrito para o jornal Folha de São Paulo, elenca pesquisas que afirmam que a mulher não tem tanto prazer no sexo sem compromisso e é menos propensa a atingir o clímax nessas situações. Segundo esse autor, uma das possíveis explicações seria que homens preocupam-se menos em satisfazer os desejos delas quando o sexo é casual, e que as mulheres teriam maior dificuldade e insegurança para expor suas vontades. Essas conclusões também não puderam ser comprovadas com os dados deste trabalho: o grupo masculino, em grande parte, declarou preocupar-se mais com o prazer da parceira e menos com o próprio, enquanto a amostra feminina afirmou ter como principal foco o próprio prazer. Essa preocupação pode ser considerada como decorrente de uma cultura patriarcal que faz crer que o homem potente é aquele que faz a mulher gozar. Cabe ponderar que talvez eles estejam mais interessados em validar narcisicamente a própria potência, o que está de acordo com o que afirmou Del Priore sobre o quanto a sociedade patriarcal, que antes reprimia o sexo, atualmente ostenta estimulando atitudes exibicionistas fruto de uma cultura narcisista e confessional. Sob o prisma da Psicologia Analítica, pode-se, ainda, aventar um dinamismo relacionado à alma e, no caso deste trabalho, mais especificamente à alma sensual. Ou seja, se o homem não se apropria do componente anímico que lhe é próprio, precisaria projetá-lo na mulher, o que, em certa medida, indicaria que ele desconhece o próprio gozo. A alma assim reprimida tornaria mais difícil a exploração daqueles aspectos relacionados aos sentimentos eróticos e à sensualidade. Tal suposição é endossada por Byington (2001) quando afirma que a sociedade patriarcal afasta o homem de aspectos relacionados à alma, como o afeto, a ternura, a sensibilidade e, inclusive, a sensualidade, que só poderia ser vivida defensivamente. Magaldi Filho (2015) também aponta a crise de paradigmas, instalada a partir da emancipação feminina, e a estruturação de defesas psíquicas desse homem que ainda atende às demandas do patriarcado,

defesas essas que interferem no relacionamento com a mulher contemporânea, mas que também impedem o contato com aspectos relevantes da própria psique masculina. No caso das mulheres, pode-se levantar a hipótese de que elas igualmente pouco se apropriam daqueles aspectos associados ao animus, uma vez que permanecem, até certo ponto, dependentes da validação da experiência sexual pela aceitação masculina.

As mulheres, nesta pesquisa, demonstraram maior liberdade do que os homens na vivência dos sentimentos, não se esquivando de estabelecer uma relação de intimidade, mesmo quando advinda do sexo sem compromisso. Em contrapartida, eles são, aparentemente, mais coerentes ao expressarem que separam amor de sexo e que, no sexo casual, não criam expectativas de um relacionamento que implique continuidade e/ou trocas afetivas.

Outro dado referente à vivência dos sentimentos diz respeito às relações estabelecidas com pessoas de mesmo sexo. Em razão da alta frequência com que os homens participantes da pesquisa declararam não ter uma boa relação afetiva com outros homens, ao passo que consideram, em sua maioria, estabelecer bons relacionamentos afetivos com mulheres, levanta-se a possibilidade de haver, por parte deles, certo receio de manifestar afetos em relação a outros homens. Na cultura ocidental, a expressão da homoafetividade entre homens seria temida por estar associada à homossexualidade masculina. A esse respeito, Moreira (2015) ressalta que a repressão de emoções e sentimentos direcionados a alguém do mesmo sexo é praticamente um caminho obrigatório imposto pelo patriarcado, apesar de a sociedade atual debater-se entre aceitar ou rejeitar manifestações afetivas que fogem do convencional.

Se considerarmos, como Guggenbühl-Craig (1980), que os relacionamentos sexuais estão permeados por fantasias eróticas e que essas estão a serviço do processo de individuação, cabe perguntar qual a fantasia que preside os encontros para o sexo sem compromisso na atualidade. Uma vez que esse, como o próprio nome revela, dispensa a criação de vínculos que impliquem deveres, obrigações e responsabilidades, é possível que, em uma cultura utilitarista que vive os mitos da produtividade e da eficiência, e na qual as relações virtuais são um sucedâneo para os encontros pessoais, a fantasia dominante no sexo casual esteja relacionada à recuperação do lúdico nos relacionamentos – uma brincadeira em homenagem à vida, a Eros, a Dionísio e Afrodite. Não seria, contudo, movimento isento de riscos:

o encontro em nome do prazer pode redundar não em fruição ou descoberta, mas, como em tantas outras situações contemporâneas, em consumo que se esgota em si mesmo.

Outra fantasia possível estaria relacionada ao ato de revelar, como bem colocou Wahba (2016) [comunicação oral] e, nesse caso, associada ao arquétipo da Criança e também a aspectos lúdicos. O paralelo que se faz é com a brincadeira de “esconde-esconde”, na qual um perseguidor deve encontrar os outros participantes que buscaram se esconder. Aquele que for encontrado e tocado está fora do jogo. Para evitar que isso aconteça, quem é visto pode recorrer ao “pique” – local seguro para onde se deve correr antes de ser tocado e eliminado do jogo. Há uma excitação no ato de se esconder e na possibilidade de ser encontrado. Estaria o sexo sem compromisso guiado pela busca do encontro entre alteridades, encontro esse que ativaria anima e animus por meio do desejo pela surpresa da descoberta, por ser tocado e poder se revelar por inteiro diante do outro, mas que também potencializaria o receio de ser eliminado e faria com que se busque a segurança do não encontro? Às vezes as pessoas se encontram e são encontradas. Em outras, permanecem correndo de um pique para outro.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade é uma dimensão humana importante que, manifestando-se física e psicologicamente, constitui um dos pilares que sustentam quase todos os relacionamentos com o sexo oposto. A pós-modernidade trouxe, principalmente nas sociedades ocidentais, significativas mudanças nos comportamentos sexuais de ambos os gêneros. A presente pesquisa cumpriu o objetivo de identificar as motivações, atitudes e comportamentos de homens e de mulheres heterossexuais adultos em torno do sexo sem compromisso. Os resultados levantados evidenciam adultos que sinalizam uma mudança nas relações de gênero favorável à livre expressão de uma sexualidade modulada de acordo com as expectativas da contemporaneidade. Também revelou que subsistem, até certo ponto, alguns papéis tradicionais associados a cada gênero.

De acordo com os achados deste estudo, a mulher atual, urbana e de elevado nível de escolaridade tenderia a assumir seu desejo e a buscar novas experiências sexuais, nas quais, assim como os homens, encontraria prazer. Todavia, seria, também, uma pessoa que ainda se debate com aspirações frustradas ou que se ressentida por se sentir julgada e censurada por um padrão social segundo o qual à mulher caberia adotar um comportamento sexual mais contido e menos livre. O homem, nas mesmas condições socioculturais, parece ser menos ambíguo, mas repetiria, até certo ponto, padrões que podem ser considerados tradicionais.

Percebem-se, também, homens e mulheres aparentemente mais despojados de crenças e de preconceitos, dispostos a usufruir uma experiência sexual que proporciona prazer e satisfação. Contudo, tendo em vista a diferença de expectativas com relação ao futuro de tal encontro, é de se supor que, para as mulheres, a experiência como um todo traga mais inseguranças e seja menos satisfatória do que para os homens.

Um resultado a salientar é que, apesar da ampliação das possibilidades de expressão da sexualidade para ambos os gêneros, persiste o denominado duplo padrão sexual que, certamente, influencia expectativas e comportamentos. Com respeito às motivações e aspirações, mitos do encontro amoroso são universais e a necessidade afetiva de vinculação há de persistir no decorrer das épocas. Os papéis, ou personas, mudam historicamente e, ao mesmo tempo em que se

adaptam à contemporaneidade, trazem traços de heranças culturais. Homens e mulheres parecem, de um lado, adaptados às mudanças, mas, de outro, ainda se encontram inseguros quanto a seus anseios. De certo modo, apesar de se mostrarem mais ambivalentes do que os homens, as mulheres da presente pesquisa assinalam, talvez, uma nova forma de liberdade e de quebra de preconceitos. Elas se permitem escolher parceiros passageiros para o prazer, mas não negam desejar que o relacionamento tenha continuidade. A pergunta que se coloca é se esse anseio deveria ser interpretado como uma persistência do ideal de amor romântico ou como uma abertura. Uma vez que este foi um estudo de caráter quantitativo e exploratório, essa e outras questões mereceriam ser aprofundadas em futuros trabalhos sobre o tema, pois seria importante compreender como homens e mulheres se apropriam da experiência de intimidade e de sensualidade.

Assim, valeria explorar, por exemplo: o sentido do sexo sem compromisso, em particular para pessoas que se encontram em um relacionamento estável, e como o sexo casual se relaciona com a busca de prazer e de intimidade. Algumas sugestões de continuidade do estudo incluem: a) trabalhar com populações diferentes em termos de faixa etária e nível de escolaridade; b) simplificar a escala utilizada no questionário para atender a uma população mais diversificada culturalmente; c) incluir questão sobre a simultaneidade de parceiros diferentes; d) considerar “relacionamento estável” como uma das variáveis a serem exploradas; e) utilizar instrumentos adicionais de pesquisa, tais como entrevistas em profundidade e técnicas projetivas; f) realizar estudos de caso longitudinais, acompanhando pessoas durante alguns meses.

No que diz respeito à clínica, observam-se homens que relatam somente terem prazer quando conseguem proporcioná-lo às parceiras, enquanto outros não lidam bem com a expressão de uma mulher mais ativa na arena sexual e se sentem assustados a ponto de perderem o desejo. Procuram terapia mulheres que necessitam mostrarem-se sensuais e se esquecem do que sentem, chegando a ter dificuldades em atingir o orgasmo. Há, ainda, aquelas que se ressentem da não continuidade do vínculo, da intermitência com que o parceiro volta a entrar em contato, da imposição de padrões de recato e de rótulos de excesso erótico.

Diante da ambivalência feminina identificada nesta pesquisa, do duplo padrão sexual que parece subsistir e da necessidade de atender a essa demanda da clínica, cabe salientar o que a psicologia profunda, e particularmente a Psicologia Analítica,

tem a oferecer. O trabalho com comportamentos, hábitos e desempenho de papéis pode ser útil, em certa medida, quando a questão é de adaptação às mudanças sociais em curso. Todavia, o consultório junguiano propicia uma escuta que vai além daquilo que é expresso conscientemente e visa, principalmente, ao desenvolvimento e à atualização do que é mais genuíno em cada um, o que pressupõe o contato com conteúdos ainda não totalmente apropriados e/ou aceitos pela consciência. Dentre tais conteúdos, aqueles que estão implicados nas manifestações descritas como anima e animus têm um papel fundamental na determinação das fantasias e expectativas relacionadas ao encontro sexual e/ou amoroso e do modo como os vínculos afetivos são estabelecidos. Ao relacionar tais fantasias e expectativas à expressão de aspectos da personalidade não plenamente vividos, abre-se o caminho para a retirada de projeções e a apropriação daquilo que, até então, estava depositado no outro. Propicia-se, desse modo, a ampliação de possibilidades de viver experiências satisfatórias e enriquecedoras no campo da sexualidade.

Para o trabalho na clínica psicológica, o estudo realizado, desenvolvido por uma mulher, deixa a marca da coragem em se tratar de sexualidade, prazer, orgasmo, compromisso, liberdade sexual e expectativas amorosas de modo relevante. Não há quem não tenha, em menor ou maior grau, questionamentos ligados à sexualidade que necessitam, no mínimo, serem olhados com cuidado e atenção. Espera-se que este trabalho estimule outros profissionais a se interessarem pelo estudo da sexualidade humana na atualidade, de modo que a prática clínica possa sair enriquecida.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. F.. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 22, n.2, jun. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932002000200009. Acesso em: 10 mar. 2016.
- AUFRANC, A. L. B. Amizade em um mundo interconectado. **Junguiana**. São Paulo, vol. 31 nº 2, p. 43-51, 2013.
- BASSON R., MCINNES R., SMITH M.D. et al. Efficacy and safety of sildenafil citrate in women with sexual dysfunction associated with female sexual arousal disorder. **Womens Health Gend Based Med**. EUA, vol.11, nº 4, p. 367-377, 2012.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. São Paulo: Zahar, 2009.
- BERMAN J.R.; BERMAN L.A. et al. Safety and efficacy of sildenafil citrate for the treatment of female sexual arousal disorder: a double-blind, placebo controlled study. **J Urol**. EUA, 2003.
- BERSAMIN M. M.; MELINA, M.; ZAMBOANGA B. L.; BYRON, L.; SCHWARTZ, S. J. et al. Is There an Association between Casual Sex and Mental Health among Emerging Adults? **Journal of Sex Research**. EUA, vol. 51, nº 1, p. 43-51, 2014.
- BETTELHEIM, B. **Sobrevivência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- BISSON, M. A.; LEVINE, T. R. Negotiating Friends With Benefits Relationship. **Archives of Sexual Behavior**. New York, vol. 38, nº 1, p. 66-73, 2009.
- BYINGTON, C. A. B. Ternura, sexo, dignidade e amor. **Junguiana**. São Paulo, vol.19, nº 1, p. 79-91, 2001.
- CAHILL, L. **Not Equal The same: Sex Differences in the Human Brain**. Disponível em: <http://www.dana.org/Cerebrum/2014>. Acesso em: 29 jun. 2015.
- CARELLI, A. R. A sexualidade humana do passado ao presente. In: DIEHL, A.;

LEITE VIEIRA, D. **Sexualidade**: do prazer ao sofrer. São Paulo: Editora Roca, 2013.

CARTER, G. L.; CAMPBELL, A. C.; MUNCER, S. The Dark Triad: Beyond a 'male' mating strategy. **Personality and Individual Differences**. Inglaterra, vol. 56, p. 159-164, 2014. Disponível em: <http://scottbarrykaufman.com/wpcontent/uploads/2013/10/carter-et-al.2013.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2015.

CLARK, R. D.; HATFIELD, E. Gender Differences in Receptivity to Sexual Offers. **Journal of Psychology and Human Sexuality**, U.S.A., p. 39-55, 1989.

COLMAN, W. Contrasexuality and the Unknown Soul. In: ALISTER, I.; HAUKE, C. (Ed). **Contemporary Jungian Analysis**. London: Routledge, 1998, p.198-207.

CONLEY, T. D. Perceived Proposer Personality Characteristics and Gender Differences in Acceptance of Casual Sex Offers. **Journal of Personality and Social Psychology**. Michigan, vol. 100, n. 2, p. 309-329, 2011.

CONLEY, T. D.; ZIEGLER, A.; MOORS, A. C. Backlash From the Bedroom: Stigma Mediates Gender Differences in Acceptance of Casual Sex Offers. **Psychology of Women Quarterly**. Michigan, vol. 37, nº 3, p. 392-407, 2012.

COSTA, J.F. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COUTO, E. S.; SOUZA, J. D. F.; NASCIMENTO, S. P. Grindr e Scruff: amor e sexo na cibercultura. In: **SIMSOCIAL** - Simpósio em tecnologias digitais e sociabilidade. Performances Interacionais e Mediações Sociotécnicas, 2013, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador, Programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, 2013. Disponível em <http://gitsufba.net/anais/simsocial-2013/> . Acesso em: 14 set. 2015

CRESCÊNCIO, C. L. **Revista Veja e Relatório Hite**: algumas considerações – Veja Magazine and Hite Report: Some Considerations. Primeiro seminário internacional de história do tempo presente, 2011 Florianópolis. **Anais eletrônicos...** UDESC, 2011. Disponível em: <http://eventos.udesc.br/>. Acesso em: 25 fev. 2016.

DEL PRIORE, M. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011.

DI YORIO, V. L. Eros e poder na conjugalidade e na terapia de casal. In: DI YORIO, V. L. **Terapia de casal e de família na clínica junguiana**. São Paulo: Summus, 2015, p. 59-78.

FARIA, D. L. **O pai possível**: conflitos da paternidade contemporânea. São Paulo: Educ, 2003.

_____. A condição feminina e os relacionamentos amorosos sob o enfoque da psicologia analítica. In: XIII Simpósio do Núcleo de Estudos Junguianos da Pontifícia Universidade de São Paulo: Desafios de feminino: nem deusas, nem demônios, 23 out. 2015, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: PUC, 2015.

FIGUEIREDO, L. B. **Tinderelas**: busca amorosa por meio de aplicativo para smartphones – 190 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Coordenadoria de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

FILLUS, M. A. Anima e animus na contemporaneidade. **Junguiana**. São Paulo, vol. 30, nº 2, p. 39-46, 2012.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**. Trad. M. T. da C. Albuquerque e J. A. G. de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. Construção de amostras. In. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 53-82.

FREUD, S. Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905). In: **Edição Standard Brasileira de Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. José Octávio de A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FURMAN, W.; SHAFFER, L. Romantic Partners, Friends, Friends With Benefits, and Casual Acquaintances As sexual Partners. **J Sex Res.** 48 (6), 554-564, 2011.

GAY, P. **Uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

GOLDENBERG, M. **Há sexo casual para mulheres?** São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/151652-ha-sexo-casual-para-as-mulheres.shtml>. Acesso em: 9 dez. 2016.

_____. **Mulher quer se sentir especial mesmo no sexo casual.** São Paulo, 2015. Disponível em: <http://delas.ig.com.br/amoresexo/2015-04-30/mulher-quer-se-sentir-especial-mesmo-no-sexo-casual-diz-mirian-goldenberg.html>. Acesso em: 1 fev. 2016.

GOMES, R. et al. Organização, processamento, análise e interpretação dos dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.) **Avaliação por triangulação de métodos:** abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005. p. 185 – 221.

GRAUBART, S. **Amor efêmero, encontros descartáveis.** Instituto Junguiano de São Paulo, 2014. Disponível em: <http://ijusp.org.br/artigos/amor-efemero-encontros-descartaveis>. Acesso em: 1 fev. 2016.

GUGGENBÜHL-CRAIG, A. **O casamento está morto, viva o casamento!** São Paulo: Símbolo, 1980.

HIME, F. A. A biografia feminina e a história das relações amorosas. **Fazendo gênero: corpo, violência e poder.** Florianópolis, v. 8, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST34/Flavia_Arantes_Hime_34.pdf. Acesso em: 10 mar. 2016.

HILLMAN, J. **Anima:** anatomia de uma noção personificada. São Paulo: Cultrix, 1990.

HITE, S. **The Hite report:** a nationwide study off female sexuality. New York: Dell Publishing, 1976.

HOLLIS, J. **O projeto Éden:** a busca do Outro mágico. São Paulo: Paulus, 1998.

JOCELYN J. W.; REISSING, E. D. Taking casual sex not too casually: Exploring definitions of casual sexual relationships. **The Canadian Journal of Human Sexuality**, Vol. 20 n. 3, 2011. Disponível em: <http://sexresearchandthecity.com/wp-content/uploads/2011/11/Taking-casual-sex-not-too-casually.pdf>. Data de acesso: 25 out. 2015.

JONASON, P. K. Four Functions for Four Relationships: Consensus Definitions of University Students. **Archives of Sexual Behavior**. New York, vol. 42, nº 8, p. 1407-1414, 2013.

JONASON, P. K.; LI, N. P.; CASON, M. J. The "Bootty Call": A Compromise between Men and Women's Ideal Mating Strategies. **Journal of Sex Research**, Singapore, vol. 46, nº 5, p. 460-470, sep/oct 2009. Disponível em: http://ink.library.smu.edu.sg/cgi/viewcontent.cgi?article=2213&context=soss_research. data de acesso: 29 set. 2015.

JONASON, P. K.; LUEVANO, V. X; ADAMS, H. M. How the Dark Triad traits predict relationship choices. **Personality and Individual Differences**. England, vol. 53, nº 3, p. 180-184, 2012.

JONASON, P. K.; HATFIELD, E.; BOLER, V. E. Who engages in serious and casual sex relationships? An individual differences perspective. **Personality and Individual Differences**. England, vol. 75, nº 3, p. 205-209, 2014.

JOTA, F. S. S. V. B. O. **Entre o escrito e o dito: dilemas da subjetividade feminina na contemporaneidade – o sexo casual em análise**. 132 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Coordenadoria de Pós-Graduação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

JUNG, C. G. **Psychological types**. CW 6. Princeton: Princeton University Press, 1921/1971.

_____. O problema amoroso do estudante. In: **Civilização em transição**, O. C. 10/3. Petrópolis-RJ: Vozes, 1927/2011a.

_____. A mulher na Europa. In: **Civilização em transição**, O. C. 10/3. Petrópolis-RJ: Vozes, 1927/2011b.

_____. **Aion: Estudos Sobre o Simbolismo do Si-mesmo**. O. C. 9/2. São Paulo: Vozes, 1934/2011c.

KAPLAN, H. S. **A nova terapia do sexo**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1974.

KIMMEL, M. **The gendered society**. New York: Oxford University Press, 2013.

KINSEY, A. et al. **A conduta sexual da mulher**. São Paulo: Ateneu, 1954.

LAMBERT, W.; LAMBERT, W. **Psicologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

LINS, R. N. **Conversas na varanda**: Um Debate Leve e Provocante Sobre a Sexualidade Brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. **O livro do amor**: do iluminismo à atualidade. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. Lisboa: Divisão Editorial, 1997.

_____. **A sociedade pós-moralista**: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. São Paulo: Editora Manole, 2005.

LYONS, H.; MANNING, W.; GIORDANO, P.; LONGMORE, M. Predictors of Heterosexual Casual Among Young Adults. **Archives of Sexual Behavior**. New York, vol. 42, nº 4, p. 585-593, 2013.

MACIEL JUNIOR, P. A. **Tornar-se homem**: o projeto masculino na perspectiva de gênero. 2006. 192 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Coordenadoria de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

MAGALDI FILHO, V. O despertar da musa: representação adormecida no imaginário masculino. In: XIII Simpósio do Núcleo de Estudos Junguianos da Pontifícia Universidade de São Paulo: Desafios de feminino: nem deusas, nem demônios, 23 out. 2015, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: PUC, 2015.

MASTER, W. H.; JOHNSON, V. E. **A resposta sexual humana**. São Paulo: Roca, 1984.

MORAES, N. M. A condição feminina e os relacionamentos amorosos sob o enfoque da Psicologia Analítica. In: XIII Simpósio do Núcleo de Estudos Junguianos da Pontifícia Universidade de São Paulo: Desafios de feminino: nem deusas, nem demônios, 23 out. 2015, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: PUC, 2015.
Disponível em:

http://www.pucsp.br/jung/portugues/simpósios_eventos/apresentacao-no-simpósio-de-psicologia-analiticasite-rvhc.pdf. Acesso em: 15 mar. 2016.

MOREIRA, A. Compreensão arquetípica da homossexualidade. **Junguiana**. São Paulo, n. 1, p. 13-21, 2015.

MENDES, C. M. A pesquisa on-line: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. **Hipertextus**. Universidade Federal de Minas Gerais, nº 2, 2009. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume2/Conrado-Moreira-MENDES.pdf>. Acesso em: 18 out. 2015.

MULLIGAN, T; SCHMITT, B. Testosterone for erectile failure. **Journal of General Internal Medicine**, 8 (9), 517-521, September, 1993.

NEVES, A. S. A. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 15, n.3, p. 609-627, set – dez. 2007. Disponível em: <http://docplayer.com.br/11271977-As-mulheres-e-os-discursos-a-caminho-do-amor-confluyente-ou-o-retorno-ao-mito-do-amor-romantico.html>. Acesso em: 15 mar. 2016.

OLIVEIRA, M. P. M. Internet e o risco da desmedida. **Junguiana**. São Paulo, v. 31/1, p. 30-38, 2013.

OLMSTEAD, S. B.; BILLEN, R. M.; CONRAD, K. A.; PASLEY, K.; FINCHAM, F. D. Sex, Commitment, and Casual Sex Relationships Among College Men: A Mixed-Methods Analysis. **Archives of Sexual Behavior**. New York, vol. 42, nº 4, p. 561-571, 2013.

PAES NORGREN, M. B; MANTILLA DE SOUZA, R. et al. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. **Estudos de Psicologia**. São Paulo, v.9, n.3, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a20v09n3.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2016.

PALACIO, G. J. R. **Mulheres adultas que moram em república e seus relacionamentos íntimos amorosos** – Um Enfoque Junguiano. 209p Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Coordenadoria de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano** São Paulo: Artmed, 2013.

POESCHL, G.; MÚRIAS, C.; RIBEIRO, R. As diferenças entre os sexos: mito ou realidade? **Análise Psicológica**. Portugal, 2(XXI): 213-228, 2003.

RAMOS, V.; CARVALHO, C. C.; LEAL, I. P. Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: a hipótese do duplo padrão sexual. **Análise psicológica**. Lisboa, vol. 23, nº 2, p. 173-185, 2005.

REISS, I. L. The Scaling of Premarital Sexual Permissiveness. **Journal of Marriage and Family**. State University of Iowa, vol. 26, nº 2, p. 188-198, 1964.

ROGERS, S.; LUDINGTON, J.; GRAHAM, S. **Motivation & learning**: A teacher's guide to building excitement for learning & igniting the drive for quality. Evergreen: Peak Learning Systems, 1997.

RUIGROK, A. N.; SALIME-KHORSHIDI, G.; LAI, M. C.; BARON-COHEN, S.; LOMBARDO, M. V.; TAIT, R. J. et al. A Meta-analysis of sex difference in human brain structure. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**. vol. 39, p. 34-50, 2014. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0149763413003011>. Acesso em: 18 set. 2015.

SAMPIERE, R. H. O processo de pesquisa e os enfoques quantitativo e qualitativo: rumo a um modelo integral. In SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. H.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**, São Paulo: McGraw-Hill, 2006, p. 3 – 17.

SANFORD, J. A. **Os parceiros invisíveis**. São Paulo: Paulus, 1980.

SANDENBERG, C. M. B. **Amor, gênero e identidade sexual**: uma perspectiva socioantropológica. Salvador: NEIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – UFBA, 1997 (mimeo).

SCHWARTZ- SALANT, N. **The Mystery of Human Relationship**: Alchemy and the Transformation of the Self. London: Routledge, 1998, p. IX-18.

SENA, T. Os relatórios Kinsey: práticas sexuais, estatísticas e processos de normali(ti)zação. In: Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 23-26 ago. 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278011145_ARQUIVO_ArtigoTitoSenaFG9.pdf. Acesso em: 15 mar. 2016.

SHAFFER, G. Romantic Love in Heterosexual Relationships: Women's Experiences. **Journal of Social Sciences**: Interdisciplinary Reflection of Contemporary Society. New Zealand, vol. 16, nº 3, p. 187-197, 2008.

SOARES, L. F. N. T. **Jung, Freud, o amor, o pai, a religião e a sexualidade**. 110 p. Monografia (Curso de formação de Analistas Junguianos) – Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. São Paulo, 2011.

STEARNS, P. N. **História da sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010.

SYMONS, D. **The Evolution of Human Sexuality**. New York: Oxford University Press, 1979.

TACEY, D. Archetypes, Gods, Men and Women. In: TACEY, D. **Remaking Man: Jung, Spirituality and Social Change**. London: Routledge, 1997.

TAVARES, M. S. **Os novos tempos e vivências da “solteirice” em compasso de gênero: Ser Solteira e Solteiro em Aracaju e Salvador**. 2008. 390 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Coordenadoria de Pós-Graduação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

TELLES, S. Moral sexual “civilizada” Hoje. In: XII Simpósio do Núcleo de Estudos Junguianos da Pontifícia Universidade de São Paulo: “Erotismo e sexualidade na contemporaneidade”, 31 out. 2014, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: PUC, 2014. Disponível em: http://www.pucsp.br/jung/portugues/simposios_eventos/transcricao-simposio-sergio-telles.pdf. Acesso em: 15 mar. 2016.

VANDENBOS, G. R. (Org.) **Dicionário de psicologia da APA**, American Psychological Association. Porto Alegre: Artmed, 2010. 1042p.

VARGAS, N. S. O masculino e feminino na interação homem – mulher. **Junguiana**. São Paulo, n. 4, p. 117-126, 1986.

VRANGALOVA, Z.; ONG, A. D. Who Benefits From Casual Sex? The Moderating Role of Sociosexuality. **Social Psychological and Personality Science**. New York, vol. 5, nº8, p. 883-891, 2014.

VASCONCELLOS L.; GUEDES L. F. A. Vantagens e limitações dos questionários eletrônicos via internet no contexto da pesquisa científica. Apresentação realizada na X SEMEAD, FEA-USP, 2007. Disponível em: http://www.ead.fea.usp.br/Semead/10semead/sistema/resultado/an_resumo.asp?cod_trabalho=420. Acesso em: 19 set. 2016.

VON FRANZ, M-L. **Psychotherapy**. Boston: Shambala, 1993.

WAHBA, L. L. Esses bizarros objetos pornográficos. **Junguiana**. São Paulo, n. 15, p. 50-58, 1997.

_____. Snow White took a bite of the poisoned apple... but what about today? **Journal of Analytical Psychology**, 2016, v. 61, n. 2, p. 255–262.

YOUNG-EISENDRATH, P. Contrasexuality and the Dialectic of Desire. In: CASEMENT, A. (Ed). **Post-Jungians Today**. London: Routledge, 1998, p. 198-211.

_____. **Gender and Desire: uncursing Pandora**. College Station: Texas A&M University Press, 1997. Disponível em: <https://www.questia.com/read/98965962/gender-and-desire>. Acesso em: 27 jul. 2016.

ANEXO**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título: “A gente se vê por aí...” Motivações, atitudes e comportamentos de homens e mulheres heterossexuais adultos sobre o sexo sem compromisso

Eu, Juliana Bonetti Simão, psicóloga e mestranda em Psicologia Clínica pela PUC-SP convido você a participar desta pesquisa que tem como objetivo compreender as motivações, atitudes e comportamentos de homens e mulheres heterossexuais adultos sobre o sexo sem compromisso. A pesquisa tem a orientação da Professora Doutora Liliana Wahba. Caso aceite participar desta pesquisa é importante saber que:

- Você está livre para interromper a qualquer momento sua participação.
- Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos por meio da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho, incluída sua publicação na literatura científica especializada.
- Mantenha contato com a pesquisadora pelo e-mail contato@julianabonetti.com.br em caso de dúvida, ou desconforto, ainda que mínimo, antes, durante ou após a pesquisa.

Ao iniciar a resposta ao questionário, você declara que foi suficientemente informado a respeito do objetivo e procedimento desta pesquisa, compreendendo que sua participação é voluntária, que não receberá compensação financeira e que poderá solicitar apoio em caso de desconforto produzido pelas perguntas constantes no questionário. Declara, ainda, estar ciente de que irá responder a um questionário via internet (*online*) e autoriza a divulgação dos resultados obtidos, sabendo que, em futuros trabalhos que venham a ser produzidos a partir desta pesquisa, você somente será identificado por um codinome fictício.

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica/PUC-SP

Departamento de Psicologia Analítica PUC-SP

E-mail: psicli@pucsp.br Tel: (11) 3670-8521

APÊNDICES

Apêndice A – Apresentação da pesquisa



“A gente se vê por aí...”

Motivações, atitudes e comportamentos de homens e mulheres heterossexuais adultos sobre o sexo sem compromisso

Esta pesquisa tem como objetivo compreender as motivações, atitudes e comportamentos de homens e mulheres heterossexuais adultos sobre o sexo sem compromisso. Sua participação é extremamente importante para nós, pois nos ajudará a compreender um fenômeno atual nas relações afetivas.

Entende-se como sexo sem compromisso uma relação sexual consentida com penetração, entre parceiros (as), tais como um amigo (a), alguém com quem já se tem um relacionamento afetivo sem compromisso ou alguém que se acabou de conhecer. Para participar, você precisa ter entre 30 e 50 anos de idade, ser heterossexual e já ter feito sexo sem compromisso nos últimos cinco anos, de acordo com as definições acima, independentemente do seu estado civil.

Você será identificado por um codinome fictício – não é necessário revelar seu nome verdadeiro. Será apresentado um questionário antecedido por dados de identificação, que deverá ser preenchido de forma completa e consecutiva para ser enviado ao banco de dados. O tempo de resposta leva em torno de 15 minutos.

A seguir apresento para sua leitura o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após o qual será solicitada a concordância de sua participação. Desde já agradeço e coloco-me à disposição para eventuais esclarecimentos.

Juliana Bonetti Simão

Psicóloga – CRP: 06 89 623

E-mail: contato@julianabonetti.com.br

Apêndice B – Dados de identificação

Por favor, informe os dados abaixo solicitados:

Codinome fictício:

Idade

- 30 a 35
- 36 a 40
- 41 a 45
- 46 a 50

Sexo:

- Masculino
- Feminino

Nacionalidade:

Cidade em que nasceu?

Em qual estado reside atualmente?

- () Acre (AC);
- () Alagoas (AL);
- () Amapá (AP);
- () Amazonas (AM);
- () Bahia (BA);
- () Ceará (CE);

- Distrito Federal (DF);
- Espírito Santo (ES);
- Goiás (GO);
- Maranhão (MA);
- Mato Grosso (MT);
- Mato Grosso do Sul (MS);
- Minas Gerais (MG);
- Pará (PA);
- Paraíba (PB);
- Paraná (PR);
- Pernambuco (PE);
- Piauí (PI);
- Rio de Janeiro (RJ);
- Rio Grande do Norte (RN);
- Rio Grande do Sul (RS);
- Rondônia (RO);
- Roraima (RR);
- Santa Catarina (SC);
- São Paulo (SP);
- Sergipe (SE);
- Tocantins (TO).

Reside na (o)

- Capital;
- Interior;
- Litoral.

Qual o seu grau de escolaridade?

- Ensino médio completo
- Ensino superior
- Especialização, MBA
- Mestrado
- Doutorado
- Outro:

Atualmente exerce atividade remunerada?

- Sim, em tempo integral
- Sim, em tempo parcial
- Sim, em horário flexível
- Não, mas já exerci
- Não

Qual a sua profissão?

Possui atualmente relacionamento estável (sexo com compromisso)?

- Sim
- Não
- Nunca tive um relacionamento estável.

De que tipo?

- União estável;
- Namoro;
- Relacionamento aberto;
- Outro

Há quanto tempo possui um relacionamento estável (sexo com compromisso)?

- Menos de um ano
- De 1 a 5 anos;
- De 6 a 10 anos;
- Há mais de 10 anos;
- Não possuo relacionamento estável;
- Outro

Você tem filhos?

- Sim
- Não

Qual a sua religião?

- Bahá'í
- Budismo
- Catolicismo
- Protestantismo
- Adventismo

- Mormonismo
- Cristianismo oriental
- Testemunhas de Jeová
- Espiritismo
- Islamismo
- Judaísmo
- Neopaganismo
- Religiões afro-brasileiras
- Religiões indígenas
- Hinduísmo
- Sem religião
- Ateísmo
- Agnosticismo
- Outra:

Com que idade iniciou a sua vida sexual?

Indique com quem:

- Um (a) namorado (a)
- Um (a) amigo (a)
- Um (a) primo (a)
- Um (a) conhecido (a)
- Um (a) estranho (a)
- Um (a) garoto (a) de programa

Ainda que ocasionalmente, você pratica sexo sem compromisso com pessoas do mesmo sexo?

- Sim
- Não

22. Após a prática do sexo sem compromisso, sinto bem-estar.

1 2 3 4 5 6

Discordo fortemente Concordo fortemente

23. Eu me envolvo afetivamente com meu parceiro (a) de sexo sem compromisso.

1 2 3 4 5 6

Discordo fortemente Concordo fortemente

24. Quando faço sexo sem compromisso com alguém, é importante que ele (a) ligue ou mande mensagem no (s) dia (s) seguinte (s).

1 2 3 4 5 6

Discordo fortemente Concordo fortemente

25. O sexo sem compromisso me leva ao orgasmo.

1 2 3 4 5 6

Discordo fortemente Concordo fortemente

As afirmações abaixo dizem respeito aos comportamentos em torno do sexo sem compromisso. Responda cada afirmação, indicando a frequência com que você pratica, ou praticou, determinada ação. Observe que o ponto 1 significa "nunca" e o ponto 6 significa "sempre"

26. Faço sexo sem compromisso com um amigo (a).

1 2 3 4 5 6

Nunca Sempre

27. Quando faço sexo sem compromisso com alguém, eu ligo ou envio mensagem no (s) dia (s) seguinte (s).

1 2 3 4 5 6

Nunca Sempre

28. Faço sexo sem compromisso com pessoas que conheci em aplicativos de relacionamentos na internet.

1 2 3 4 5 6

Nunca Sempre

29. Faço sexo sem compromisso com pessoas que me foram apresentadas por amigos em comum.

1 2 3 4 5 6

Nunca Sempre

30. Eu uso preservativo quando faço sexo sem compromisso.

1 2 3 4 5 6

Nunca Sempre

31. Faço sexo sem compromisso com pessoas que conheci em bares e baladas que frequento.

1 2 3 4 5 6

Nunca Sempre

32. Pratico sexo sem compromisso com diferentes parceiros (as).

1 2 3 4 5 6

Nunca Sempre

33. Faço sexo sem compromisso com alguém que conheci na mesma noite.

1 2 3 4 5 6

Nunca Sempre

34. Eu conto para amigos (as) como foi o encontro de sexo sem compromisso.

1 2 3 4 5 6

Nunca Sempre